

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH
MESTRADO PROFISSIONAL

PPGH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA

ELIANA DUARTE NUNES

**ENSINO DE HISTÓRIA E O USO DO *PODCAST* PARA
ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

RIO GRANDE – RS

2022

Ficha Catalográfica

N972e Nunes, Eliana Duarte.

Ensino de História e o uso do *Podcast* para estudantes com deficiência visual / Eliana Duarte Nunes. – 2022.

114 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em História, Rio Grande/RS, 2022.

Orientador: Dr. Rita de Cássia Grecco dos Santos.

1. Ensino de História 2. Prática de Ensino 3. Educação Inclusiva
4. Deficiência Visual 5. *Podcast* I. Santos, Rita de Cássia Grecco dos
II. Título.

CDU 94:37

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

ELIANA DUARTE NUNES

**ENSINO DE HISTÓRIA E O USO DO *PODCAST* PARA
ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

Trabalho de Conclusão do Mestrado – Relatório Técnico para apresentação de produto à banca do Mestrado Profissional em História, da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Rita de Cássia Grecco dos Santos

Rio Grande – RS

31 de agosto de 2022

ELIANA DUARTE NUNES

ENSINO DE HISTÓRIA E O USO DO *PODCAST* PARA
ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia Grecco dos Santos – PPGH/ICHI/FURG

Prof^ª Dr^ª Júlia Silveira Matos – PPGH/ICHI/FURG

Prof^ª Dr^ª Rejane Rosaria Grecco dos Santos – PUC/RS

Prof^ª Dr^ª Maria Augusta Martiarena de Oliveira – IFRS/Campus Osório (suplente)

Rio Grande – RS

31 de agosto de 2022

Agradecimentos

A Olorum e aos orixás, pela vida, pelas graças vencidas, pelo acolhimento e acima de tudo, pelo amor que transmitem. Epaô Baba! Omi Odô!

A Exú e Pombagira, seres de luz que abrem meus caminhos e me protege. Carrego a força desse Exú que é meu amigo!

Aos meus pais, Cleusa e Alcides, que em vida me deram todo o amor do mundo e que sempre acreditaram na educação como forma de ascendência de vida, de mudanças de atitude e acima de tudo, de transformações no mundo. Meu pai que era semianalfabeto e minha mãe que era analfabeta sempre me incentivaram a estudar, assim como ambos me viam como futura professora. Cá estou eu, tentando.

A meu marido Eros, que me apoiou em todos os momentos, sendo meu maior companheiro, amigo e compreensivo diante das minhas ausências nos últimos tempos. Obrigada por ser tão incrível, amoroso, atencioso e segurar a barra quando ninguém mais segurou, tu és meu porto seguro! Obrigada pelas conversas e grandes ideias para a pesquisa, tu fazes parte dela também.

Aos meus irmãos de coração que não me deixaram cair durante os longos anos que nos conhecemos. Marcelly, grande amiga que conheço desde a época de escola, lá do oitavo ano. Quanto tempo de convivência, hein! E o Iury que conheço há aproximadamente 7 anos. Obrigada por não largarem minha mão, por serem aqueles amigos raízes que brigam, riem, comemoram juntos, ajudam nos momentos de dificuldade, enfim, aqueles que estão nas horas boas e principalmente nas horas nem tão boas.

A minha família religiosa, composta pela minha mãe, Barbará de Obá e pelos meus irmãos de fé, grandes amigos que tive a honra de conhecer e poder partilhar momentos. É uma grande felicidade fazer parte dessa família que acolhe, que puxa a orelha, que conversa, ri e que acima de tudo ama, faz a caridade, propaga a união, a paz, o amor e que nunca deixa o outro cair.

Aos amigos que fiz no mestrado, Glenia, Airton e Luis, obrigada pelas trocas de conhecimentos e pelas conversas.

À Profª Rita, querida professora e amiga, que aceitou ser orientadora do trabalho.

Às titulares da banca examinadora: Profª Júlia e Profª Rejane, pela disposição e interesse em participar da avaliação, abraçando com carinho o relatório.

À escola participante, em especial ao professor Tiago, que concedeu seu tempo e atenção para a presente pesquisa.

“Los científicos dicen que estamos hechos de átomos,
pero a mí un pajarito me contó que estamos hechos de
historias”.

Eduardo Galeano

RESUMO

Esta pesquisa faz parte de estudos realizados no Mestrado Profissional em História, pela Universidade Federal do Rio Grande. Trata da relação entre o Ensino de História, a aprendizagem de estudantes com deficiência visual e as possibilidades do uso de *podcast* nas aulas de História como ferramenta na construção do conhecimento histórico destes educandos. O objetivo principal é verificar a presença e o uso de *podcast* em sala de aula pelos professores de História. Para isso, a metodologia de pesquisa é de caráter qualitativo, desenvolvida a partir de uma revisão bibliográfica e de uma entrevista com um professor de História de uma escola estadual da cidade do Rio Grande/RS, a fim de apreender suas experiências com estudantes com deficiência visual e a viabilidade do uso de *podcasts* em suas aulas. O produto final apresentado nesta pesquisa é um *podcast* que apresenta reflexões sobre o ensino de História e as TICs; Educação Inclusiva e Especial e por fim uma discussão sobre a inclusão de um estudante com deficiência visual numa escola estadual da cidade do Rio Grande/RS, a partir da entrevista realizada com o professor de História.

Palavras-chave: Ensino de História; Prática de Ensino; Educação Inclusiva; Deficiência Visual; *Podcast*.

ABSTRACT

TEACHING HISTORY AND THE USE OF PODCAST FOR VISUALLY IMPAIRED STUDENTS

Eliana Duarte Nunes

Orientadora: Profª Drª Rita de Cássia Grecco dos Santos

Abstract do Trabalho de Conclusão de Mestrado submetido ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, da Universidade Federal do Rio de Grande – FURG, como parte dos requisitos à obtenção do título de Mestre em História.

This research is part of studies carried out in the Professional Master's Degree in History, at the Federal University of Rio Grande. It deals with the relationship between History Teaching, the learning of visually impaired students and the possibilities of using podcasts in History classes as a tool in the construction of these students' historical knowledge. The main objective is to verify the presence and use of podcast in the classroom by History teachers. For this, the research methodology is of a qualitative nature, developed from a bibliographic review and an interview with a History teacher from a state school in the city of Rio Grande/RS, in order to apprehend his experiences with students with disabilities. visual and the feasibility of using podcasts in their classes. The final product presented in this research is a podcast that presents about teaching history and ICTs; Inclusive and Special Education and presents a question about the inclusion of a student with visual impairment in a state school in the city of Rio Grande/RS, based on the interview with the History teacher.

Key-words: History teaching; Teaching Practice; Inclusive education; Visual impairment; Podcast.

Rio Grande – RS

2022

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
BDTD	Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CENESP	Centro Nacional de Educação Especial
CNPq	Conselho Nacional de Pesquisa
DV	Deficiência visual
EE	Educação Especial
FCEE	Fundação Catarinense de Educação Especial
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
IBC	Instituto Benjamin Constant
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INES	Instituto Nacional da Educação dos Surdos
LBI	Lei Brasileira de Inclusão
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LGBTQT+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais e Queer
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PENAD	Pesquisa Nacional por Amostra de domicílios Contínua
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PNE	Plano Nacional de Educação
PNEE	Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida
PNEEPEI	Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva

PPGEDU	Programa de Pós-Graduação em Educação
PPGH	Programa de Pós-Graduação em História
REA	Recurso Educacional Aberto
SED	Secretaria Estadual de Educação
SEE/RS	Secretaria de Estado da Educação / Rio Grande do Sul
SEESP	Secretaria de Educação Especial
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
URCA	Universidade Regional do Cariri

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – Que tipo(s) de <i>podcasts</i> você escuta?.....	68
Figura 2 – Interesses e preferências.....	68
Figura 3 – Como ouvem <i>podcast</i>	69
Figura 4 – <i>Print</i> da tela do aplicativo Spotify.....	81
Figura 5 – Imagem do perfil do <i>Podcast E(u)li História</i>	82
Figura 6 – Gravação pelo Anchor.....	85
Figura 7 – Biblioteca no Anchor.....	86
Figura 8 –Perfil no Anchor do <i>podcast E(u)li História</i>	87

QUADROS

Quadro 1 – Dissertações sobre ensino de História e mídias presentes no ARGO (FURG).....	31
Quadro 2 – Temas/assuntos com o descritor “deficiência visual” no Catálogo de Teses e Dissertações (CNPq).....	53
Quadro 3 – Teses e dissertações sobre <i>podcast</i> e ensino de História presentes na BDTD e no Catálogo de teses e dissertações (CNPq).....	75

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Objetivos.....	4
1.2 Justificativa.....	4
2 DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	6
2.1 Apresentação.....	6
2.2 Caminhos Metodológicos.....	9
2.3 Ensino de História.....	11
2.3.1 Novas tecnologias da informação e comunicação no Ensino.....	19
2.3.2 Educação Especial, Inclusiva e a Deficiência Visual.....	34
2.4 Conhecendo o professor.....	57
2.4.1 A entrevista.....	58
3 APRESENTANDO O <i>PODCAST</i>.....	63
4 APRESENTAÇÃO DO PRODUTO.....	79
5 A ELABORAÇÃO DO <i>PODCAST</i> E(U)LI HISTÓRIA.....	83
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	90
8 ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS.....	97
ANEXO A – Cartilha sobre a Escola José Álvares de Azevedo.....	97
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista.....	99
APÊNDICE B – Termo de consentimento.....	100
APÊNDICE C – Carta de apresentação.....	101
APÊNDICE D – Entrevista transcrita.....	102

1 INTRODUÇÃO

Este estudo faz parte da linha de pesquisa *Prática e Pesquisa no Ensino de História*¹, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande. A trajetória de construção dessa pesquisa integra questionamentos acerca da inclusão das pessoas com deficiência visual e do uso de *podcasts* no Ensino de História.

A partir de inquietações pessoais e, posteriormente, através de diálogos com a Prof^a Rita, optou-se por realizar um estudo acerca de *podcasts*² e sua possibilidade no Ensino de História. Através do *podcast* é possível observar a potencialidade de desenvolver uma gama de assuntos que podem ser debatidos, além da facilidade de *download*³ e a maleabilidade de ouvir a qualquer momento e em qualquer lugar.

As tecnologias e os meios de comunicação fazem parte da vida da maioria das pessoas, portanto, se faz necessário aproximar os estudantes de metodologias e recursos que possam ser atrativos para a aprendizagem, além de favorecer uma prática de ensino referenciada, levando em consideração as diferentes realidades dos educandos.

Nesse contexto se insere a disciplina de História, quando a mesma pode se desenvolver, juntamente com questões pautadas na inclusão digital, com o propósito de planejar as novas tecnologias da informação e comunicação aliadas com a vida escolar de professores e estudantes. Ressalta-se que a acessibilidade é um assunto importante e que vem sendo debatido ao longo dos anos e, para que a mesma se efetive, são necessárias ações tanto na escola quanto fora dela para que todos sejam contemplados de forma digna.

A intenção em trabalhar os conhecimentos históricos relacionados com a vida e os conhecimentos prévios dos estudantes, traz um objetivo muito importante no meio educacional: de deixar distantes as memorizações e o cansaço do cotidiano escolar, torná-los conscientes de seus protagonismos no processo histórico de suas vidas e da sociedade a que pertencem. Para isso, o *podcast* pode auxiliá-los nos momentos de desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem de forma significativa.

¹ Centra-se na análise do papel das práticas e das pesquisas no ensino de História, assim como, na formação do historiador-docente como pesquisador. Visa a promoção de um debate que apresenta a pesquisa como parte indissociável do ensino de História. Desta forma, estrutura-se a partir dos estudos sobre o ofício do historiador, procurando debater as práticas nas quais o historiador-docente realiza a pesquisa e o ensino de história (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE [2021]).

² *Podcast* é um arquivo de áudio que pode ser acessado em aparelhos que tem acesso à *Internet*, no entanto, podem ser baixados para serem ouvidos posteriormente.

³ Procedimento de baixar arquivo, isto é, transferir da nuvem para um dispositivo de armazenamento.

O tema desta pesquisa gira em torno da verificação da presença do *podcast* dentro da sala de aula e seu uso pelos professores de História, especificamente em relação aos estudantes com deficiência visual. Com a finalidade de aprofundar acerca do tema, realizou-se uma entrevista com um professor de História em uma escola estadual, localizada na cidade do Rio Grande/RS.

Busca-se com essa pesquisa colaborar com o referencial teórico disponível aos professores de História, de forma a contribuir para seu cotidiano escolar através de uma discussão sobre conceitos essenciais que abordem a inclusão e o uso do *podcast*. Através de uma pesquisa qualitativa, pretende-se responder as questões que levaram à escrita deste trabalho. Por fim, uma série de *podcasts* foi constituída e divulgada pela pesquisadora/autora como produto final do presente estudo.

Os procedimentos metodológicos se desdobraram em realizar a pesquisa bibliográfica, visitar a escola participante da pesquisa e entrevistar um professor de História de uma escola estadual da cidade do Rio Grande/RS. A pesquisa bibliográfica aconteceu a partir de diversos sites e livros, além de ocorrer uma busca através de determinadas palavras-chave na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, no Catálogo de Teses e Dissertações, na Biblioteca Digital da FURG e na Biblioteca de periódicos SciELO.

Foram utilizados referenciais teóricos das áreas de Educação, Educação Especial e Inclusiva, assim como autores que tratam a respeito de Ensino de História e *podcast*. Para atingir os resultados pretendidos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre os respectivos conceitos e categorias de análise: Ensino de História, TICs, *Podcast*, Educação Especial, Educação Inclusiva e pessoas com deficiência visual.

O capítulo 2, intitulado *Discussão teórico-metodológica* se desdobra nos seguintes subcapítulos: Apresentação; Caminhos Metodológicos; Ensino de História; Novas tecnologias de informação e comunicação no Ensino; Educação Especial, Inclusiva e a Deficiência Visual; Conhecendo o professor e A entrevista.

Através do subcapítulo *Apresentação*, é apresentada uma breve parte da história da pesquisadora e sua relação com a Educação e o Ensino, para que os leitores possam se familiarizar com a autora/pesquisadora. No subcapítulo *Caminhos Metodológicos* se abordará a respeito dos caminhos trilhados durante a pesquisa, a fim de compreender como o estudo foi estruturado.

No subcapítulo *Ensino de História* ocorrerá a discussão sobre a História do Ensino de História, com o objetivo de compreender as mudanças e nuances das práticas pedagógicas ocorridas ao longo do tempo nas escolas. Dentre as referências utilizadas, estão Bittencourt

(2008); Souza (2016); Silva (2014); BNCC (2018); Tamanini e Souza (2018); Pavanati e Souza (2011); Pereira, Meinerz e Pacievitch (2015); Santos (2016) e Mattos (2006).

No subcapítulo *Novas tecnologias da informação e comunicação no Ensino* acontecerá a discussão sobre como as Tecnologias da informação e comunicação inseridas no cotidiano dos educandos podem se relacionar com a aprendizagem, de modo a contribuir para o ensino de forma significativa. Dentre os autores utilizados estão Ricoy e Couto (2012); Sousa (2019); Santos (2019); Lima e Picanço (2020); Gasque (2012) e Lévy (1999).

O subcapítulo intitulado *Educação especial, inclusiva e a Deficiência Visual* tratará sobre a relação da educação especial e a inclusiva, além de mostrar como ocorreu o início dos modelos de ensino que contemplam as pessoas com deficiência visual. Foram utilizadas fontes como: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (1996); Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018); Iacono e Silva (2014); Mazzotta (2011); Jannuzzi (2004); Oliveira (2017); Santos (2016); e Sá, Campos e Silva (2007).

Nos dois subcapítulos seguintes do capítulo 2, *Conhecendo o professor* e *A entrevista* se pretende realizar a apresentação do professor e da escola, assim como discorrer sobre a entrevista e analisá-la com a finalidade de responder às perguntas e inquietações geradoras deste trabalho.

No capítulo 3, *Podcast*, o objetivo é indicar o público alvo e a circulação do produto, assim como apresentar a reflexão sobre a escolha do formato, considerando sua aplicabilidade. No capítulo 4, *Apresentação do Produto*, se explicará sobre como ocorreu a série de *podcasts* criada pela pesquisadora/autora. Por fim, o capítulo 5, *Ferramentas para a elaboração de um podcast*, tem como finalidade abordar sobre quais os equipamentos necessários e o roteiro realizado para a sistematização do *podcast* constituído como produto desta pesquisa. Alguns dos autores utilizados nos capítulos supracitados foram Barros e Menta (2007); Freire (2013); Santos (2020); Jaques (2020); Diuana e Filho (2008); Diegues e Coutinho (2010); Nascimento (2021); Cruz (2009) e Teixeira e Silva (2010).

Dessa forma, pretende-se com esta pesquisa utilizar a linguagem do *podcast* como articulador de diálogos, adotando-o como um recurso midiático e uma TIC com a finalidade de promover um mergulho no mundo virtual através do Cíberespaço, em que o mesmo possa proporcionar ensinar e aprender a História. Além disso, trazer a reflexão para o fazer docente com a adoção do *podcast* como parte do planejamento e das atividades das aulas.

Portanto, é possível pensar numa sala de aula em que o Ensino de História seja significativo para os educandos, de forma a objetivar métodos de ensino que possam contribuir para aproximar a realidade dos estudantes no cotidiano escolar. Através de lugares cada vez

mais tecnológicos, é papel do professor e da escola se manterem atualizados tanto em relação às tecnologias como a respeito da inclusão, praticando a autocrítica, idealizando e concretizando um ambiente escolar cada vez mais inclusivo.

1.1 Objetivos

Com o objetivo de contribuir para os estudos acerca do Ensino de História, este trabalho se propõe a realizar a seguinte ação: verificar a presença do *podcast* por professores de História, além da utilização dessa TIC em uma escola estadual da cidade do Rio Grande/RS, em específico para aos estudantes com deficiência visual.

Os objetivos específicos listados abaixo nortearão a análise principal deste estudo:

- a) Analisar a presença e o uso de TICs no Ensino de História;
- b) Identificar se ocorre o uso de *podcasts* por professores de História, particularmente para os estudantes com deficiência visual;
- c) Constituir um *podcast* sobre reflexões acerca do Ensino de História e tecnologias da informação e comunicação; Educação inclusiva e Educação especial; e por fim a respeito da inclusão de um estudante com deficiência visual numa escola estadual da cidade do Rio Grande/RS.

1.2 Justificativa

O intuito de pesquisar sobre o ensino de estudantes com deficiência visual surgiu na Graduação em Geografia, a partir de uma aula na disciplina de Geomorfologia, em que na sala havia um colega cego. A partir de então, se iniciou uma série de reflexões sobre como trabalhar questões essenciais da Geografia para os estudantes com deficiência visual, tais como os relevos, as imagens, os gráficos e os mapas, por exemplo.

A sociedade está acostumada com a grande quantidade de informações que consomem através de imagens, áudios e vídeos nas redes sociais, televisão e dos mais distintos meios de comunicação. A partir desse movimento, é possível e fundamental objetivar sair da percepção visual em que grande parte da população está inserida e construir aulas que contemplem os estudantes com deficiência visual.

As pessoas estão imersas num mundo globalizado que preza pelo rápido movimento de mercadorias e informações, contribuindo dessa forma para a elaboração e inovação das Tecnologias da Informação e Comunicação. De acordo com Mendes (2008), as TICs são um

conjunto de recursos tecnológicos que, quando estão integrados, podem promover a comunicação de diversos tipos de processos que estão acontecendo dentro dos negócios, do ensino e da pesquisa científica, entre outros. Sendo assim, é através dessas tecnologias que ocorrem a reunião, a distribuição e o compartilhamento de informações.

Os *podcasts* podem nos remeter ao rádio, e isso não foi diferente com a pesquisadora/autora. Isso se deu a partir das lembranças do passado e de sua infância, quando ouvia rádio com sua mãe (*in memoriam*), em especial aos domingos, quando ocorriam os jogos do Grêmio. Ressalta-se que o rádio ainda é importante para a divulgação de informações locais, eventos, programas voltados ao humor e músicas – especialmente as de caráter tradicionalista – em cidades pequenas como Piratini/RS, cidade natal da pesquisadora/autora.

Embora não sejam iguais, o fato do *podcast* ser próximo ao rádio nos faz refletir por meio das falas desenvolvidas, fazendo com que sua importância seja mais significativa a partir das memórias da pesquisadora ao ouvir os jogos aos domingos. A sensação de ouvir e a euforia nítida nos momentos mais críticos das partidas eram constituintes de mais uma tarde de domingo, que hoje se tornam especiais pelas lembranças boas construídas.

É chamado de *podcast* um arquivo digital de áudio que, diferente de uma canção, tem em sua essência programas baseados em falas (FREIRE, 2013, p. 59). Ou seja, *podcast* é um arquivo de áudio que pode ser disponibilizado em diversas plataformas da *Internet*, em que, através de apresentadores e convidados, podem ser desenvolvidas conversas e debates sobre os mais diversos assuntos, tais como cultura, história, geopolítica, séries, quadrinhos, entre outros assuntos. Alguns *podcasts* podem ser disponibilizados no YouTube de forma que o ouvinte/vidente possa também ver seus participantes. O fato de ser de fácil acesso e conter uma flexibilidade para ouvir, o *podcast* ganha mais adeptos com o passar dos anos.

No que diz respeito a esta pesquisa de Mestrado, decidiu-se trabalhar sobre o Ensino aliado ao uso de *podcast*. É possível planejar aulas com essa ferramenta aplicada ao ensino, podendo ser utilizada de forma significativa e questionadora pelos estudantes e professores. Portanto, o propósito da presente pesquisa é refletir sobre o *podcast* como apoio pedagógico para os professores ao desenvolverem suas aulas, estimulando sua criatividade com a finalidade de uma aula descontraída, significativa e diferente para atrair os educandos, assim como refletir acerca da inclusão das pessoas com deficiência visual.

2 DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Este capítulo tem por objetivo apresentar aspectos relacionados à discussão teórico-metodológica, iniciando-se com uma apresentação da pesquisadora (em forma de relato) e sua relação com a educação e o ensino de pessoas com deficiência. Posteriormente, será abordado sobre o caminho metodológico do estudo. Mais adiante, será tratada a relação entre o Ensino de História, as TICs, a Educação Especial e Inclusiva e pessoas com deficiência visual. Por fim, ocorrerá a apresentação do professor e da escola, assim como a análise da entrevista realizada com o mesmo.

2.1 Apresentação

Meu percurso acadêmico na universidade começou em 2016, quando ingressei no curso de Licenciatura em Geografia, pela FURG. Na graduação tive contato com um colega cego, além de ter contato com crianças que fazem parte do espectro autista; com deficiência intelectual, com transtorno do déficit de atenção com hiperatividade e com uma criança com a doença de Lobstein, mais conhecida como ossos de vidro/cristal (mobilidade reduzida).

Essas trocas foram divididas entre o estágio obrigatório realizado nos últimos dois anos da graduação, da atuação como monitora em uma escola municipal e como bolsista do PIBID⁴. Primeiramente, atuei como bolsista no PIBID, em que na turma que eu frequentava tinha um estudante com autismo, o qual era auxiliado pelo monitor.

Depois, tive a oportunidade de ser estagiária pela Prefeitura Municipal do Rio Grande, como monitora de estudantes com deficiência, sendo responsável pela contribuição na realização das atividades propostas pela professora regente, além de auxiliar os estudantes nas dependências escolares, quando – principalmente – estes estudantes têm sua mobilidade reduzida.

Além disso, era preciso fazer anotações a respeito do comportamento e desempenho do estudante numa agenda para, posteriormente, ser colocado e debatido com a professora regente e com a professora da Sala de Recursos⁵, com o propósito de discutir sobre a evolução do

⁴ O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), oferece bolsas aos estudantes da Graduação de cursos presenciais para que se dediquem a um estágio em escolas públicas, com o objetivo de antecipar vínculos entre os futuros professores e a sala de aula.

⁵ A Sala de Recursos é o espaço onde ocorre o atendimento educacional especializado, o qual acontece no turno inverso que o estudante atua. Este atendimento tem como objetivo complementar sua formação escolar, com elaborações de recursos pedagógicos que possam eliminar as barreiras dos estudantes com deficiência e/ou necessidades específicas, fazendo com que o mesmo obtenha independência e autonomia dentro e fora da escola, contribuindo para a completa participação dos mesmos nas atividades cotidianas tanto na escola quanto fora dela.

processo educacional do educando em acompanhamento.

Dessa forma, através dessas diversas ações que foram realizadas durante a graduação surgiu a vontade de desvendar e aprender com/e a respeito das pessoas com deficiência, juntamente com a disciplina de Geografia, culminando no meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre o tema.

O último ano da faculdade chega para todos de forma avassaladora, vindo acompanhada da famosa ansiedade que acompanha a maioria dos estudantes. O pensamento sobre como vai ser o futuro é constante e as perguntas em torno desse sentimento ainda são presentes na minha vida.

Em princípio, eu realizaria a seleção para o Mestrado em Educação. No entanto, surgiu o assunto sobre o Mestrado Profissional em História na aula da professora Rita, na disciplina de Estágio IV, no curso de Geografia. O Mestrado Profissional oportuniza para as pessoas que trabalham seguirem seus estudos, sendo necessário um dia da semana para assistir às aulas. Como eu comecei a trabalhar no comércio após sair da graduação, optei pelo Mestrado Profissional.

Portanto, a partir desse momento comecei a refletir sobre a possibilidade de estar no mestrado, além de objetivar desbravar os caminhos pelos conhecimentos históricos, com a continuação de uma pesquisa voltada para as pessoas com deficiência visual e a sua inclusão nas instituições de ensino.

A construção desta pesquisa não foi fácil. Devido a pandemia, a falta de acesso à biblioteca, o distanciamento social e o estresse pelo trabalho como caixa operadora, (em trabalhamos seis dias, tendo uma folga na semana e nessa folga - quintas-feiras - ocorriam as aulas); as aulas remotas; e o medo de contrair o SARS-Cov-2, causador da Covid-19, esses problemas em conjunto geraram diversos problemas emocionais e físicos.

De alguma forma, essa bola de neve fez com que o meu emocional e físico se abalasse de diversas formas, sendo elas através de noites mal dormidas, das crises de ansiedade, do medo de não conseguir concluir os créditos, do receio de perder o emprego e, conseqüentemente, de não ter onde morar e o que comer, entre outras questões que assolam a maior parte da população brasileira.

Por causa da pandemia, algumas dificuldades surgiram ao longo da pesquisa, como por exemplo, o fato de ocorrer o atraso nas coletas de dados e na ocorrência das entrevistas presenciais. No entanto, depois de aproximadamente dois anos com a pandemia ocorreu a reabertura de estabelecimentos, incluindo as escolas, possibilitando a realização da entrevista de forma presencial.

Em todas as situações do cotidiano podemos aprender um pouco e com a pandemia não foi diferente. Nesse período fomos pressionados a trabalhar nossa ansiedade e nossa mente, além de trabalhar a solidariedade e a empatia diante de tantas tragédias. Portanto, é essencial materializar uma sociedade que trabalhe em cima de ações positivas nas quais, acima de tudo, ocorram a busca do respeito e a dignidade do próximo.

De acordo com Lima (2009, p. 50), “O ser humano precisa contar histórias para dar sentido à sua existência. Contamos histórias para entender quem somos, o que queremos, o que podemos fazer. A história faz parte da vida de todos os seres vivos”. Dessa maneira, os seres humanos são aqueles que buscam o protagonismo de suas próprias trajetórias e histórias de vida.

A História, em especial às relacionadas à vida e aos relacionamentos que nela são constituídos, é percebida por mim primeiramente a partir da época de criança, quando os familiares contavam a respeito de seus caminhos de vida ou do trajeto de vida de outrem. Isso se dava através da mostra de fotos ao redor da mesa, muitas vezes depois do almoço ou jantar. Mas as histórias que mais me marcaram são aquelas protagonizadas com meus pais (*in memoriam*), quando viajavamos por causa do trabalho de meu pai, sendo essas as mais importantes, as quais, sem dúvidas, fazem parte de minha constituição como cidadã e em especial como filha.

Além das viagens realizadas com meus pais, eu tinha uma relação intrínseca com minha mãe. Sempre aos domingos, quando ficávamos ouvindo rádio, nossas relações de euforia, alegria ou tristeza eram colocadas para fora, por causa dos jogos do Grêmio. A partir disso, crio minha relação com o *podcast*, que embora não seja igual ao rádio, são semelhantes a partir do momento em que os mesmos vêm do objetivo de ouvir e sentir o que está sendo ouvido, interpretando as frases e os atos descritos nas falas do radialista.

Um dos motivos de pesquisar sobre o *podcast* no Ensino de História manifestou-se a partir de diálogos com a professora Rita, orientadora deste trabalho. Como o *podcast* é uma mídia em expansão, optou-se por relacioná-lo com o Ensino de História para estudantes com deficiência visual. Pois sendo uma mídia que trabalha através do áudio, existe a possibilidade de contribuir no ensino e aprendizagem desses sujeitos.

A escolha de estudar sobre o *podcast* também partiu de aflições pessoais enquanto estudante, através de lembranças da escola e hoje como professora de Geografia. Cresci juntamente com o turbilhão de modificações dentro da informática, através da *Internet* e dos artefatos tecnológicos, de forma que é possível visualizar e sentir um certo medo do uso da tecnologia a partir da atividade docente.

Portanto, os questionamentos sobre como os educandos veem a disciplina de História e de como ela se porta diante das modificações tecnológicas e sociais, fez com que eu refletisse sobre de que forma quero constituir os conhecimentos juntamente com os estudantes. Para tanto, é vital estruturar e executar metodologias de ensino que proporcionem a qualidade educacional para todos.

2.2 Caminhos Metodológicos

Esta pesquisa trata-se de um estudo qualitativo, a partir do momento que envolve as relações sociais e a intensividade dos fenômenos, pois, conforme Minayo e Gómez:

Ela é própria para aprofundar a compreensão de grupos, de segmentos e de microrrealidades, visando ao desvendamento de sua lógica interna e específica, de sua cosmologia, de sua visão de determinados problemas, que se expressam em opiniões, crenças, valores, relações, atitudes e práticas (2003, p. 137).

Para Godoy (1995, p. 21), o pesquisador se lança em campo para “captar” o fenômeno em estudo a partir da visão das pessoas envolvidas, considerando suas concepções. Para tanto, diversos tipos de dados são coletados e analisados para a compreensão dos fenômenos que ocorrem no cotidiano escolar.

Para a presente pesquisa, utilizou-se o método fenomenológico, que consiste em partir do cotidiano, da compreensão do modo de vida das pessoas, e não de definições e conceitos. Sendo assim, se busca resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo pesquisado (GIL, 2008, p. 15). Com isso, contribui grandemente para a compreensão das vivências de professores e estudantes diante do mundo tecnológico.

Gil (2008, p. 50) aponta que a principal vantagem da pesquisa bibliográfica está no fato de permitir ao pesquisador a cobertura de um conjunto de fenômenos muito mais extensa. Para atingir os resultados pretendidos referentes ao estudo em questão, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre os respectivos conceitos e categorias de análise: Ensino de História, TICs, *Podcast*, Educação Especial, Educação Inclusiva e Pessoas com Deficiência Visual.

Para avaliar a frequência de estudos acerca do Ensino de História, TICs e *podcast* ocorreu uma busca na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), no Catálogo de Teses e Dissertações, no Indexador Scientific Electronic Library Online (SciELO) e no ARGO (Sistema de Administração de Bibliotecas da FURG).

Para identificar as dificuldades, aprendizagens e perspectivas em relação ao uso das

TICs e do *podcast* como ferramenta; formação continuada; metodologias de ensino e avaliar as condições de trabalho do professor de História entrevistado, cumpriu-se o seguinte caminho:

Em princípio ocorreu uma visita na 18ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), que engloba as cidades de São José do Norte, Rio Grande, Chuí e Santa Vitória do Palmar. Na 18ª Coordenadoria adquiriu-se informações a respeito das escolas em que se encontravam os estudantes com deficiência visual. Em relação à Secretaria Municipal de Educação (SMED) da cidade do Rio Grande, foi solicitado pelo Núcleo de Diversidade e Inclusão da SMED o envio de um *e-mail* para a superintendente da Secretaria. No entanto, o *e-mail* não foi respondido, pois seria através dele que seriam obtidas as informações sobre as escolas em que se encontram os estudantes com deficiência visual e a autorização para que a pesquisadora pudesse visitá-las.

Após, foi necessário selecionar as escolas estaduais disponíveis para realizar a atividade de coleta de dados, ocorrendo a visita em quatro (4) escolas estaduais, dialogando com a Direção Escolar e professores de História, convidando-os para a entrevista. De acordo com Quaresma:

As técnicas de entrevista aberta e semi-estruturada também têm como vantagem a sua elasticidade quanto à duração, permitindo uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos. Além disso, a interação entre o entrevistador e o entrevistado favorece as respostas espontâneas. Elas também são possibilitadoras de uma abertura e proximidade maior entre entrevistador e entrevistado, o que permite ao entrevistador tocar em assuntos mais complexos e delicados, ou seja, quanto menos estruturada a entrevista maior será o favorecimento de uma troca mais afetiva entre as duas partes (2005, p. 75).

Posteriormente, ocorreu a escolha das escolas para a visita, com a finalidade de realizar as entrevistas semiestruturadas, objetivando coletar as informações diretamente com os sujeitos investigados, para que se possa ao final contextualizar as suas experiências, vivências, sentidos e angústias.

Das quatro (4) escolas apontadas pela 18ª CRE em que estariam os estudantes com deficiência visual, apenas duas (2) estavam recebendo esses educandos. No entanto, das duas (2), apenas uma (1) retornou meus *e-mails* que objetivavam conversar com a coordenação pedagógica e direção, sendo a Escola estadual de Ensino Fundamental 13 de Maio.

Também foi realizada uma visita à escola Especializada José Álvares de Azevedo, na cidade do Rio Grande/RS, a qual contribui fortemente com a comunidade rio-grandina, em específico as pessoas com deficiência visual. Nesta escola ocorrem diversas atividades, tais como orientação e mobilidade, atividade física, informática, artesanato, entre outras, que em

conjunto colaboram para o desenvolvimento individual e social desses indivíduos, de modo a prepará-los para as atividades do dia a dia.

2.3 Ensino de História

Desde os primórdios, o Ensino de História teve como objetivo a formação moral e cívica da população. De acordo com Bittencourt (2008, p. 61), “[...] desde o início da organização do sistema escolar, a proposta de ensino de História voltava-se para uma formação moral e cívica, condição que se acentuou no decorrer dos séculos XIX e XX”. Essa organização perdura até hoje nas redes escolares, a fim de construir uma “identidade nacional”, em que currículos e métodos escolares foram adequando ao longo do tempo para atender a esse objetivo central.

A disciplinarização do ensino de História começa a se dar a partir de 1838, com a constituição do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, sendo que antes dessa data não se tem registro ou informações quanto a existência dessa disciplina nas chamadas aulas régias, que resumia o sistema educacional brasileiro (SOUZA, 2016, p. 28). Sendo assim, a influência da monarquia que estava se consolidando se tornou visível, para que o ensino de História pudesse se estruturar, de forma a atender seus interesses.

O ensino secundário, instituído na década de 1830 pelo governo imperial, tinha objetivos referentes à construção de uma “identidade nacional”. Constituído para formar os setores da elite, era oferecida de forma pública e privada, como nos colégios confessionais. A História fazia parte do currículo chamado de “humanismo clássico”, que abrangia estudos referentes ao Latim e à Literatura Clássica da Antiguidade, como ideal de padrão cultural.

Conforme Souza (2016, p. 28), a constituição da disciplina de História acontece de forma institucional somente em 1870, com a exclusão de temas bíblicos do currículo em meio a disputas entre o poder religioso e o avanço do poder laico. Então essa reforma abriu portas, de forma que temas além daqueles referentes a igreja pudessem ser abordados.

Ao longo da história do Ensino de História ocorreram algumas modificações em relação a sua forma de se desenvolver, especialmente na década de 1880. Com o aumento da população devido à imigração, à urbanização e à abolição do sistema escravagista, as discussões políticas sobre cidadania e sua concepção, além de temas referentes aos direitos sociais e civis ficaram mais aguçados (BITTENCOURT, 2008, p. 62). A escola, a partir desse momento deveria constituir o máximo de pessoas alfabetizadas, para atender à demanda industrial que estava cada vez mais crescente.

A disciplina de História no Brasil teve a influência francesa, a partir de muitos intelectuais, como poetas, médicos, engenheiros, romancistas que se tornaram professores do ensino secundário (SOUZA, 2016, p. 28). Com isso, a base do ensino ocorria através da tradução de compêndios franceses de temas referentes a História Universal, História Antiga e História Romana.

No século XIX, na Europa, com advento da massificação da escola pública, dos movimentos de laicização e de formação dos estados nacionais, a história nasce como disciplina autônoma nos currículos escolares, tendo como seu principal objeto o Estado-nação. No Brasil, nesse período, coube ao ensino de história assegurar a formação dos cidadãos unidos por laços de identidade nacional, e garantir espaço pra a civilização ocidental cristã. Posteriormente, passou-se a seguir a tendência de laicização que ocorria na Europa, adotando como marco de periodização dos conteúdos o quadripartido francês (Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea), e ideias positivistas (SILVA, 2014, p. 88).

No século XX continua a expansão das escolas públicas, iniciada no século XIX. Além disso, também a partir do século XX os livros escolares começaram a serem voltados a apresentar o patriotismo como objetivo central dos conteúdos escolares de História (BITTENCOURT, 2008, p. 65). Esses livros eram direcionados para um ensino que contemplasse o pensamento da elite com vistas para a Europa, além de mostrar pessoas passivas diante das movimentações dos portugueses, como se fossem os detentores da civilização. Até hoje muitos livros e divulgações midiáticas são eurocêntricas, fazendo com que afete o desenvolvimento das culturas que não se constroem na Europa, tomando-as como padrão e referência.

Bittencourt (2008, p. 66) salienta que existiram várias escolas primárias que lidavam e determinavam os conteúdos de formas diferentes, conforme sua forma de viver, além de outras que atendiam especialmente o público trabalhador, em sua grande maioria adulta. Com isso, era necessário qualificar os trabalhadores, para que pudessem contemplar o capitalismo da melhor forma possível.

Na década de 1930, no Brasil, a história foi considerada a mais eficaz no processo de educação política, no conhecimento das origens, nas características políticas e administrativas. Neste momento apesar da manutenção do quadripartido Francês e das ideias positivistas, a história do Brasil passou deixou uma posição secundária e passou a ter mais importância nas propostas curriculares (SILVA, 2014, p. 88).

Na década de 1930 foi consolidada uma memória histórica nacional e patriótica nas escolas primárias. Foi ainda, a partir dessa mesma década, que essas escolas foram cada vez mais dominadas pelo poder estatal, como por exemplo, através da criação do Ministério da Educação, começando a seguir regras mais gerais e rígidas.

Mesmo através das Leis nº 4.024/61 e nº 5.692/71, os conteúdos de História seguiram sendo colocados em ordem cronológica, com o propósito da memorização, tendo como intuito fundamental a prática cívica e o predomínio das teorias positivistas (SILVA, 2014, p. 89). Além da visão eurocêntrica constituída em torno da disciplina, ao mesmo também se concebeu a disciplina de Estudos Sociais, em substituição às disciplinas de História e Geografia.

O ensino de História passou por grandes questionamentos quanto ao seu objeto. A partir de 1980 esses debates resultaram na formação de projetos curriculares em alguns Estados e, posteriormente, com a construção dos Parâmetros Curriculares Nacionais (SILVA, 2014, p. 89). Com os PCNs⁶, constituídos na década de 1990 e através de várias propostas curriculares que vinham sendo elaboradas desde a década de 1980 por municípios e Estados, o ensino de História se modificou de diferentes formas. De acordo com Bittencourt:

Nos últimos dez anos tem surgido uma variedade de propostas que almejam proporcionar um ensino de História mais significativo para a geração do mundo tecnológico, com seus ritmos diversos de apreensão do presente e seu intenso consumismo, o qual desenvolve, no público escolar, expectativas utilitárias muito acentuadas (2008, p. 99).

Um exemplo de mudança referente ao ensino de História e da Geografia, se dá com o término da disciplina intitulada Estudo Sociais, a qual tinha objetivo de juntar conteúdos de ambas às disciplinas além de assuntos referentes à Economia e Antropologia Cultural. Além da retirada dessa disciplina, outras saíram ou foram substituídas como a OSPB (Organização Social Política e Brasileira) e a Educação Moral e Cívica.

Com as propostas curriculares sendo desenvolvidas a partir de um viés internacional, as pessoas se veem numa “sociedade do conhecimento”, em que o capitalismo age de forma a exigir habilidades intelectuais mais complexas, formas de manusear informações oriundas de intenso sistema de meios de comunicação e de se estabelecer de maneira mais autônoma, individualizada e instruindo à competitivamente nas relações de trabalho (BITTENCOURT, 2008, p. 102). Portanto, diversos modelos de ensino foram discutidos e apontados, a maioria constituída fora do país e aplicadas no Brasil, especialmente no que se refere as relações de

⁶ Sigla referente a Parâmetros Curriculares Nacionais.

trabalho e mão de obra.

Todo conhecimento sobre o passado é também um conhecimento do presente elaborado por distintos sujeitos. O historiador indaga com vistas a identificar, analisar e compreender os significados de diferentes objetos, lugares, circunstâncias, temporalidades, movimentos de pessoas, coisas e saberes. As perguntas e as elaborações de hipóteses variadas fundam não apenas os marcos de memória, mas também as diversas formas narrativas, ambos expressão do tempo, do caráter social e da prática da produção do conhecimento histórico (BNCC, 2018, p. 397).

Sendo assim, os conhecimentos históricos são importantes de forma a contemplar os mais diversos significados que surgem através da pluralidade das sociedades. O passado se relaciona com o presente, por meio das mais diferentes pessoas. Mediante as diversas variáveis, o historiador é capaz de unir os marcos de memórias e as mais distintas narrativas, com o objetivo de atingir o conhecimento histórico.

Antes, de acordo com Lima (2009, p. 53), o ensino de História amplamente tratado através de um viés patriota, ao jurar lealdade à bandeira e cantar cotidianamente, foi dando lugar a um ensino renovado, que a partir da década de 1980 – graças a História Social –, começou a desenvolver trabalhos a respeito da composição social e da vida cotidiana dos operários, criados, mulheres, e outros grupos sociais considerados “desfavorecidos” e “despossuídos”.

É a partir desse processo que, na década de 1990, começou a surgir um ensino de História que tinha como objetivo apresentar aos estudantes elementos constituintes de diferentes processos históricos, ao invés de ensinar fatos/dados (LIMA, 2009, 53). Com isso, começou-se a desenvolver com os estudantes as noções de tempo histórico, além de conceitos como fato histórico, sujeito histórico e documento histórico. Conforme Silva:

A nova proposta da educação nos discursos governamentais buscava a formação geral do educando, procurando trabalhar os conteúdos com temas que fizessem parte do cotidiano, e inserir o aluno no mundo da informação, pois na década de 1990, a quantidade de informações disponíveis na sociedade, devido ao alto desenvolvimento tecnológico, transformou a realidade social de toda a nação. Oportunizando o ingresso dos jovens no mundo do trabalho (2014, p. 83-84).

Nesse sentido, é fundamental que o ensino de História possa acompanhar as transformações nas relações entre as pessoas e o ciberespaço. Para Pavanati e Souza (2011, p. 12): “Cabe à área de História compreender o seu tempo e apontar seu próprio futuro no contexto

da cibercultura⁷, com base no estudo crítico dos fatos passados e do contexto atual”. Desta forma, os professores devem se sentir firmes diante dos desafios, pois atualmente é fundamental tomar cuidado com os diferentes conteúdos dispostos na *Internet*, os quais agem de formas cada vez mais rápidas e práticas, como por exemplo, as famosas “*fake news*”⁸.

O século XXI demanda de uma forma diferente no que diz respeito ao ensino de História, constituindo para os professores uma série de desafios, graças aos distintos processos sociais e culturais que impõe respostas imediatas da pesquisa e da prática docente. O papel dos professores e o currículo estão conectados aos movimentos sociais, étnicos e culturais, ao passo de que pensar no ensino de História na contemporaneidade e na Escola Básica significa considerar temas sobre a História da África, dos afrodescendentes, da comunidade indígena, da preservação do patrimônio, do direito à memória e ao passado. O que por outro lado nos faz refletir a respeito do que é propagado sobre o passado no mundo dos jogos, da *Internet*, da televisão, do cinema, entre outras mídias, e que deve ser considerado pelo pensamento e pela prática nas aulas de história (PEREIRA; MEINERZ; PACIEVITCH, 2015).

Quanto ao currículo e o professor, Pereira, Meinerz e Pacievitch (2015, p. 33) apontam que: “O professor pratica o currículo em sua ação cotidiana, conforme sua trajetória de relação com os temas que lhe são dados viver, pensar e ensinar, a partir também das especificidades de sua formação acadêmica”. O ensino histórico que sempre foi amplamente ensinado através de um viés patriota, hoje em dia precisa se adaptar aos currículos que buscam refletir sobre a demanda social e política da sociedade, de forma a problematizar e discutir diferentes temas, de modo a atender a pluralidade escolar.

É necessário posicionar o ensino de História como um local imerso nas urgências do tempo presente. E para os professores torna-se fundamental a reflexão, a fim de superar os obstáculos da ação docente. Para Pereira, Meinerz e Pacievitch (2015), se exige dos professores reflexões fundamentadas sobre questões sensíveis e não resolvidas socialmente, tais como temas alusivos ao racismo, ao preconceito de gênero e de pertencimento religioso, além dos crimes e perseguições em tempos de ditadura civil-militar. Conforme os autores supracitados, como são temas que entrecruzam urgências e contingências, acabam por construir relações com o tempo, com as memórias e com os imaginários compartilhados socialmente. No entanto, podem criar barreiras político-pedagógicas e epistemológicas no trajeto de constituição de

⁷ A cibercultura está dentro do ciberespaço, que segundo Pierre Lévy (1999, p. 92), o define como “[...] o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. Dessa forma, a cultura se refere aos costumes e atitudes que as pessoas têm dentro desse espaço.

⁸ “*Fake news*” é um termo da língua inglesa que em português significa “notícia falsa”. É uma forma de propagar propositalmente notícias falsas, desinformação ou boatos via aos mais diferentes meios como televisão, jornais, rádio ou mídias sociais.

reflexões de cunho histórico no âmbito dos saberes escolares.

E essas reflexões não podem fugir da esfera das pessoas com deficiência. Assim como tantos outros grupos, também tiveram seus direitos constituídos tardiamente e quando constituídos também foram violados em tantos momentos. Com o objetivo de valorizar as memórias, é essencial que os questionamentos e discussões sejam comprometidos com os direitos humanos e a justiça social e que também possa, em conjunto com a era digital, contribuir de forma significativa para/com a sociedade.

Embora a importância das pessoas marginalizadas seja percebida na constituição do país, elas não apareceram nos programas curriculares como protagonistas no desenvolvimento do mesmo. O ensino de História, que deveria abranger as pessoas das esferas marginalizadas na ação educacional, acabou deixando de mencioná-las quanto à importância de sua participação. Hoje em dia ainda se debate sobre a igualdade étnico-racial, a qual é fundamental estar presente nos currículos escolares.

A partir da Lei 12.288/ 2010⁹, constituiu-se o Estatuto da Igualdade Racial que garante, dentre outros direitos, que conteúdos referentes à história da população negra no Brasil serão ministrados em todo o âmbito do currículo escolar, resgatando sua contribuição decisiva para o desenvolvimento social, econômico, político e cultural do país. Somente no ano de 2010 essas questões se tornaram leis e como leis devem ser efetivadas no cotidiano escolar.

Para Pereira, Meinerz e Pacievitch (2015), existem três desafios considerados principais para o pensamento e a prática da aula de História: o desafio para o atendimento das demandas dos grupos identitários – seu direito ao passado; o desafio da própria memória, em uma fase na qual tudo se guarda e tudo se arquiva, por receio do esquecimento e da imprevisibilidade do futuro; e o desafio das histórias contadas fora do ambiente escolar, nas mídias ou na *Internet*, que criam narrativas sobre o passado e concorrem com o discurso professoral.

Nesse sentido, nos atentamos a última dificuldade, que diz respeito às histórias contadas fora da escola. A comunidade escolar convive com a organização do tempo e do espaço em que tem horários estabelecidos, conteúdos e regras. Além desse ambiente ser de trabalho para algumas pessoas, também é um espaço de socialização para alguns ou de obrigação de estudo para outros, porém, sem dúvidas, é um recinto em que a memória transita e marca aqueles que por ela passaram e passam (PEREIRA; MEINERZ; PACIEVITCH, 2015).

Sendo assim, através da multiplicidade de pessoas que transitam pela escola, ocorre o compartilhamento de informações e conhecimentos que são adquiridos fora da escola. Ou seja,

⁹ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm>. Acesso em: 17 jun./2022.

os estudos que são desenvolvidos no ambiente escolar se confrontam com as informações trazidas pelos educandos, as quais são adquiridas através de suas vivências políticas e socioculturais, e que são marcadas pela presença da mídia e da *Internet*. Portanto, nos tempos atuais se torna um desafio ao profissional da educação a problematização de conhecimentos que façam a diferença, sem desrespeitar a vivência do outro.

O que se quer afirmar é que o objeto da aula de História na escola não é somente a história escrita, mas sim um conjunto de representações sobre o passado, que passam tanto pela história escrita, quanto pela memória e por uma série de outras formas de criar e representar o passado de que professores e alunos dispõem na atualidade, como o cinema, a televisão, os quadrinhos, os jornais e a imprensa em geral (PEREIRA; MEINERZ; PACIEVITCH, 2015, p. 47).

Os docentes podem passar por diversos questionamentos a respeito dos desafios que o professor de História pode passar na contemporaneidade, como por exemplo, em específico na atividade de ensinar esse conhecimento aos estudantes da educação básica; de que maneiras as tecnologias da informação e comunicação podem favorecer nas aulas de História; como os professores de História podem constituir situações de ensino que busquem uma aprendizagem significativa a educandos que com frequência não veem sentido na aprendizagem histórica. Além de tantas outras vão surgindo ao longo do tempo.

Hoje em dia é possível vislumbrar outras formas de representar o passado, de forma a refletir e executar métodos de ensino que contemplem as gerações atuais. É essencial o papel do professor ao idealizar as novas maneiras de constituir conhecimento de forma atenta, devido as diversas variáveis que os meios de comunicação nos disponibilizam.

É necessário que o ensino de História possa acompanhar as mudanças do mundo midiático, de modo a atender ao estudante que, inserido nesse mundo, acaba demandando uma sala de aula que não se restrinja ao giz e a lousa. A televisão e as informações da *Internet* (o)correm rapidamente a todos que tem acesso a elas, sendo assim, conectar as aprendizagens da escola a esses itens é fundamental.

Não se trata de invalidar o giz, a lousa, a exposição oral ou o livro, muito pelo contrário, todos a sua maneira tem uma importância no meio educacional, de forma a atingir de diferentes maneiras os educandos. Se trata da atualização de linguagens e instrumentos, com o intuito de constituir vínculos de comunicação com os estudantes.

A sala de aula comporta a diversidade de estudantes, em que através desse espaço de descobertas, desafios, superação e interações acontece a aprendizagem. Para a SEE/RS (2018), a aprendizagem acontece através do envolvimento de experiências constituídas por fatores

emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais, sendo resultante da comunicação das estruturas mentais e o meio, sendo o conhecimento construído e reconstruído constantemente. Além do espaço escolar, a aprendizagem pode se potencializar através de praças, ruas, e outros ambientes que os educandos estão inseridos, de forma a contribuir para o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas, motoras, emocionais e sociais.

Através do mediador, sendo este o professor, tem a importância de promover mudanças e intervir, passando a ser colaborador e comunicador, de forma a estimular a criatividade no processo de aprendizagem dos educandos (SEE/RS, 2018). Dessa forma, o docente tem papel essencial de articulador junto aos estudantes, que através de problematizações e diálogos promove a produção própria dos discentes.

O mundo digital está a todo momento criando histórias e memórias, além de estar compartilhando imagens e informações através de diferentes formas de comunicação social e ligações com os saberes das mais diversas culturas. Com isso, a era digital precisa andar de mãos dadas com a acessibilidade, em prol de ações que contemplem as pessoas com deficiência de forma que as atualizações tecnológicas possam acompanhar a demanda desses sujeitos.

A escola demanda inovação para que possa estar à frente das mudanças que ocorre no cotidiano, sendo que a mesma é produtora de conhecimento. De acordo Tamanini e Souza (2018, p. 144): “No ensino de História, a inovação faz-se ainda mais urgente, por ser esta uma disciplina crucial na construção de uma sociedade democrática e cidadã, que conecta o passado e o presente, direcionando o olhar para um futuro a ser construído”. Demonstrando dessa forma a importância da formação continuada e a atualização constante dos professores.

Não obstante a revolução digital e seus efeitos na sociedade e na escola, o ensino de História ainda é trabalhado predominantemente por meio de narrativas de eventos, fatos e datas, em geral, daqueles escolhidos como heróis da história, sem oportunizar ao aluno questionar, criticar e debater esses acontecimentos (TAMANINI; SOUZA, 2018, p. 146).

Sendo assim, é essencial acreditar que os estudantes são capazes de refletir acerca de suas próprias histórias e saberes, os quais são constituídos através de suas vivências, tanto a partir de suas casas, assim como também nos mais diversos lugares que frequentam. É necessário ensinar e aprender sobre a pesquisa e a reflexão sobre os fatos e acontecimentos do mundo e não apenas primar pela memorização de datas e situações. Para Santos:

Acreditamos que os conteúdos históricos nas salas de aula devem ser resultados de problemas, debates, pesquisas e polêmicas. Nesta perspectiva, a finalidade do ensino de história é formar cidadãos críticos e responsáveis,

capazes de compreender a complexidade e tomar parte do debate democrático. Assim, as aulas de história não podem se caracterizar meramente exposições dialogadas, mas espaço de interação entre estudantes, professores, documentos, fontes variadas e, diferentes linguagens (2016, p.1).

Quando acontece essa interação entre os professores e os estudantes, é possível perceber que o ensino-aprendizagem se torna mais agradável e satisfatório. Os educandos com suas histórias de vida têm muito a nos contar, e a partir de suas histórias é possível visualizar de que forma podemos contribuir para a constituição de um cidadão que, além de questionar sobre as problemáticas sociais e que tenha argumentação para debates, também possam contestar acerca de sua própria história e de tudo que faz parte de seu dia a dia.

Sendo assim, a sala de aula é um dos espaços que pode proporcionar, através de um ambiente potente de ensino aprendizagem, desenvolver os sentidos, sentimentos, de refletir, de conversar e trocar experiências e conhecimentos, principalmente entre os próprios educandos. Indo de encontro com os outros espaços da escola, que em conjunto, se tornam essenciais para que os participantes da comunidade escolar possam experienciar a socialização e as trocas de saberes. Para Mattos:

De modo categórico, afirmamos ainda uma vez que, por meio de uma aula, também se conta uma história; que, ao se contar uma história por meio de aula, também se faz história; e que somente ao se fazer história por meio de uma aula nos tornamos professores de história. Por lermos de um modo singular uma proposição, podemos afirmar que também somos autores. Mas o fazemos não para afirmar uma semelhança, e sim para sublinhar a diferença que nos identifica (2006, p. 11).

Nesse sentido, o professor de História é muito importante no processo da aula, que através da mediação, consegue entusiasmar os educandos com os conhecimentos históricos, constituindo dessa forma o “fazer história”. Os professores, portanto, são autores, construindo sua importância na vivência escolar e na vida das pessoas que estão envolvidas neste ambiente, contribuindo para que os estudantes possam produzir sentidos que possam se desenvolver a partir das leituras da aula e das leituras de mundo.

2.3.1 Novas tecnologias da informação e comunicação no Ensino

Com as informações e as tecnologias cada vez mais eficientes, se questiona como a História está localizada nesse mundo tecnológico e se é possível que os estudantes aprendam com a *Internet*. É essencial refletir para que esse ensino não aconteça de forma superficial,

assim como considerar a influência das mídias e de como ela afeta esses educandos e a escola.

Atualmente, existe o desafio de usar o poder da comunicação ao passo de popularizar o que está sendo desenvolvido pela pesquisa científica e o procedimento do pesquisador que escreve trabalhos sobre o passado, de aproximar quem está fora da universidade com quem está dentro (SANTOS, 2019, p. 136). Deste modo, ainda existe um grande percurso e diversos desafios perante as mudanças constantes que ocorrem na sociedade, a fim de colaborar com um ensino que aproxime da realidade dos estudantes e da forma como interagem uns com os outros.

A denominação de TICs se constituiu a partir da década de 1990. Conforme Tamanini e Souza (2018, p. 144), a popularização da *Internet* se iniciou na década de 1990, contribuindo para a expansão das Tecnologias Digitais, modificando a vida das pessoas, em especial no que diz respeito aos seus modos de se expressar, interagir, se comunicar e se informar. Além disso, a *Internet* pode ser considerada um fio condutor que conecta o local e o mundial, favorecendo na divulgação de novos saberes culturais e trocas de experiências. Como constatado por Ricoy e Couto:

As TIC são constituídas por meios técnicos para manipular informação e promover a comunicação, incluindo o *hardware*¹⁰ e o *software*¹¹ necessários, e surgem associadas às redes computacionais. Estão também vinculadas com a telecomunicação, como meio de difusão da comunicação, e com os elementos que promovem e possibilitam o processamento e sua transmissão em distintos formatos (2012, p. 244 - 245).

Conforme o desenvolvimento das tecnologias, as pessoas recebem, cada vez mais, diferentes informações nos/dos mais diversos locais do mundo. A globalização¹² favorece as pessoas na comunicação através das telas. No entanto, a globalização também pode segregar aquelas pessoas que não disponibilizam de dispositivos que possuem acesso à *Internet*.

O espaço virtual é capaz de mudar as relações interpessoais e de trabalho, fazendo com que os mesmos se modifiquem diante do mundo. Segundo Gontijo *et al.*:

A presença das tecnologias de informação e de comunicação - TICs na sociedade contemporânea e a lógica virtual dela advinda têm produzido

¹⁰ É um termo da Língua Inglesa que quando traduzido para a Língua Portuguesa significa equipamento, e se refere à parte física tanto do computador como de sistemas microeletrônicos.

¹¹ É um termo da Língua Inglesa que quando traduzido para a Língua Portuguesa significa “suporte lógico”, ou seja, um conjunto de instruções que contribuem para a pessoa controlar o aparelho eletrônico que está sendo utilizado, como exemplo de *softwares* têm-se o *Word*, *Excel*, *Paint*, calculadora no computador, etc.

¹² A globalização surge após a chamada Terceira Revolução Industrial, na década de 1980, sendo um período marcado pela evolução tecnológica. Embora esta revolução tenha trazido aspectos positivos para a sociedade, também trouxe movimentos negativos, como por exemplo o aumento da desigualdade, pois nem todas as pessoas têm acesso a essa velocidade de informações e comunicações e às ferramentas de acesso necessárias, como computadores e celulares.

significativas transformações na dialética relação do sujeito com o mundo, revolucionando todas as dimensões da vida humana: relações de trabalho e produção, instituições, práticas sociais, códigos culturais, espaços e processos formativos, etc. (2007, p. 2).

As TICs fazem com que ocorram diversas mudanças na forma como é pensado o Ensino, fazendo com que educadores utilizem técnicas audiovisuais, aulas pelo computador, tutorial por telefone ou *Internet*, entre outros métodos. Especialmente na pandemia do vírus SARS-Cov-2, causador da Covid-19, é perceptível a ocorrência desses procedimentos. Os professores tiveram que aprender a fazer vídeos para os estudantes, além de editar vídeos e manusear câmeras, contribuindo para o conhecimento de variados aplicativos de edição e programas colocados pela escola para a disponibilização de aulas e atividades, por exemplo.

É essencial que os estudantes criem autonomia ao passo de pesquisar e de localizar diferentes informações para suas atividades nos mais diferentes sites da *Internet*, de forma crítica e cuidadosa, sempre com supervisão. Essa criticidade deve ir além e também se aplicar para o *podcast*, pois ao pesquisar sobre o que gostaria de ouvir é possível buscar sobre as pessoas que o criaram e a fonte que utilizaram, para assim determinar a validade do conteúdo disposto. Para Sousa:

O processo de ensino e aprendizagem exige novos hábitos dos educandos como, novos conhecimentos, nova forma de ensinar, de armazenar e transmitir o saber, dando origem, assim, a novas formas de simbolização e representação do conhecimento, através desses novos recursos tecnológicos, onde ajuda o educador a ser um facilitador nesse novo cenário, onde as tecnologias estão cada vez mais presente na prática docente (2019, p. 10).

Como as TICs estão cada vez mais presentes nos cotidianos das mais diferentes sociedades, é factível integrá-las na vida das pessoas no sentido de construir uma sociedade com indivíduos que pensem e realizem de forma cautelosa suas atividades, em especial nos diferentes meios de comunicação. Pois, é através da pluralidade de interfaces de mídia que:

[...] o professor pode deixar de ser um transmissor de saberes para tornar-se desafiador, formulador de problemas, provocador, coordenador de equipes de trabalhos sistematizador de experiências, valorizando a colaboração e a participação. E o aluno, um protagonista desta ação (SOUSA, 2019, p. 12).

Ocorre dessa forma uma transformação do ensinar e aprender, a partir do momento em que o professor e o estudante fazem uso da participação e protagonismo através de ações que envolvam as mídias. Para Freire “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (1996, p. 21). Portanto, não se

deve delinear o professor como transmissor de saberes, mas sim daquele que constrói junto aos educandos conhecimentos que possam ser utilizados e preservados ao longo de suas vidas.

[...] é notória a necessidade de historiadores e historiadoras de ofício adentrarem o campo da multimídia não para uma disputa simples de narrativas com leigos, mas para marcar posicionamento e ser uma entre tantas ferramentas pedagógicas de disseminação de pesquisas históricas. Pesquisas que se constroem a partir de procedimentos metodológicos rigorosos, análise crítica das fontes, submissão dos resultados aos pares do mesmo campo científico e aprovação antes da publicação de seus resultados (SANTOS, 2019, p. 135-136).

Atualmente, o campo das multimídias está se expandindo, fazendo com que se desenvolvam diversas narrativas, as quais ficam disponíveis na *Internet*. Isso pode ser bom, como também pode ser equivocado, dependendo da interpretação das pessoas que acessam esses conteúdos. Dessa forma, se abre a oportunidade para que pesquisadores e/ou professores possam despertar uma área propícia para a divulgação de informações conscientes, válidas e de qualidade. Segundo Lima e Picanço:

Em termos de conhecimento e informação, a rede possibilita uma constante conexão entre as pessoas e um número incalculável de imagens, narrativas, registros jornalísticos etc.; entretanto, a captação da informação nem sempre se traduz em conhecimento adquirido, sendo comum a identificação de métodos inadequados de pesquisa e estudo, a ausência de capacidade crítica e a baixa confiabilidade de algumas informações disponíveis na rede (2020, p. 10).

Tudo é passível de questionamento, especialmente no que se refere à *Internet*. Diante das milhares de informações compartilhadas a todo o momento, é difícil distinguir o que está sendo posto de forma crítica e questionadora; no entanto, é uma ação necessária, pois a qualidade não se traduz na quantidade de informações captadas, mas naqueles meios que buscam divulgar informações que contém fontes, por exemplo. Ferreira aponta que:

O mero uso dos recursos tecnológicos não é garantia de que ao serem postos em prática vão estar contribuindo para uma nova postura do professor em sala de aula. Aliado a estes recursos, o professor deve ter domínio dos conteúdos e das diversas metodologias, dentre as quais possa escolher a que melhor se aplica à construção do conhecimento histórico (1999, p. 147).

Com isso, se faz fundamental que o governo dê acesso a cursos/formação continuada para os professores, de modo a dar respaldo acerca da acessibilidade e adaptações no cotidiano escolar. Além disso, muitos professores sentem dificuldades ao aprender a utilizar as

tecnologias digitais, e isso foi mudado de forma considerável com a pandemia, a qual levou os professores a aprenderem com as plataformas desenvolvidas para a disponibilização e acesso de suas aulas e atividades. Além dos professores, os estudantes também precisam de orientação ao mexer nos conteúdos digitais, para que seus conhecimentos não aconteçam de forma superficial.

A potencialidade da *Internet* vem sendo discutida no âmbito educativo, pois através da mesma existem diversas possibilidades de comunicação, informação e interação, além de ocorrer uma mudança nas concepções de ensino, aprendizagem, sala de aula e avaliação, demandando da escola uma reconfiguração (TAMANINI; SOUZA, 2018, p. 145). Tal reconfiguração muda a maneira de pensar das pessoas e da comunidade escolar, atualizando as ferramentas de ensino, com o propósito de constituir elos comunicativos com os estudantes. Para tanto,

[...] inserir as tecnologias no fazer docente é exigência primeira, tanto para a inclusão digital e social, como para o pleno exercício da cidadania dos alunos, oportunizando-lhes o acesso ao universo de informações que a rede oferece e ajudando-os a transformá-las em conhecimento (TAMANINI; SOUZA, 2018, p. 145).

A inclusão digital deve ser uma ação e política pública do governo, a fim de democratizar o acesso às tecnologias digitais com a intenção de contribuir para a diminuição da desigualdade social e cultural da população. Essa democratização favorece as relações de trabalho, colaborando para a formação de criticidade, além do maior acesso às mais diversas informações dispostas.

Os instrumentos, tanto físicos, quanto virtuais podem colaborar e potencializar a extensão da capacidade dos estudantes, estimulando e contribuindo para o sucesso da relação de ensino-aprendizagem (RICOY; COUTO, 2012, p. 246). As pessoas costumam aprender de maneira facilitada a partir daquilo que elas vivenciam e veem diariamente. Com as redes sociais não é diferente, pois as informações acabam sendo absorvidas pelos estudantes, tornando-se comum uma interação dessas informações apreendidas nos meios de comunicação com a escola – que, no caso dos estudantes e professores, é frequentada diariamente. Para Ricoy e Couto:

Da evolução tecnológica surgiram novos recursos que também estão ao serviço da educação, como por exemplo os computadores e o *software* associado (processadores de texto, folhas de cálculo, aplicações multimédia, entre outros), a *Internet* e as suas aplicações (entre estas, podemos referir a *webquest*, *podcast*, *wikis*, plataformas de teleformação), os quadros interativos, as calculadoras gráficas, os projetores multimédia, o *smartphone*

e o *tablet PC* (2012, p. 246).

Em relação à utilização das TICs, cabe ao professor escolher o método mais adequado ao seu estilo de trabalho, com o objetivo de desenvolver aulas atrativas e significativas. De acordo com Ricoy e Couto (2012, p. 246), as mudanças de práticas de ensino são lentas e podem oferecer resistências. No entanto, existem muitos professores dispostos a aprender e levar adiante diversas ideias e projetos para contribuir com um ensino-aprendizagem diferenciado e que contemple a todos com dignidade.

Para compreender a urgência e o imperativo da revolução educativa, é necessário entender a evolução tecnológica, científica e social, sabendo que as pessoas vivem numa ‘aldeia global’, em que a informação e o conhecimento científico circulam de forma rápida e livre na *web*¹³, entendendo dessa forma que as atividades letivas devem se enriquecer (RICOY; COUTO, 2012, p. 247). É como se o mundo ficasse cada vez menor diante da forma rápida com que ocorre tudo ao nosso redor e, em especial, pelas redes de informações.

Para Bittencourt, “As transformações tecnológicas tem afetado todas as formas de comunicação e introduzido novos referenciais para a produção do conhecimento, tal constatação interfere em qualquer proposta de mudança dos métodos de ensino” (2008, p. 107). Sendo assim, cabe a todos de alguma forma poder colaborar para que as mudanças dos métodos de ensino sejam o mais próximo da realidade dos estudantes e professores, os quais acabam aprendendo juntos no cotidiano escolar.

Os currículos que se propõem às renovações de métodos de ensino se organizam em torno de dois pressupostos: o primeiro se refere à articulação entre método e conteúdo; e o segundo trata de que os atuais métodos de ensino têm que se articular às novas tecnologias, a fim de que a escola se identifique com as novas gerações, as quais são pertencentes à “cultura da mídia” (BITTENCOURT, 2008, p. 107).

É através dessas renovações de métodos de ensino em que acaba ocorrendo um choque de gerações entre aqueles que articulam os métodos e aqueles que vão receber. É possível que ambas partes possam contribuir de alguma forma para que o ensino ocorra de modo que atue ativamente na realidade coletiva e individual. Esse choque advém do fato de que as gerações dos professores geralmente não é a mesma dos educandos, isso faz com que aprendam de formas diferenciadas. Enquanto o professor está aprendendo na vida adulta sobre as tecnologias, os estudantes já estão inseridos nesse mundo desde crianças.

¹³ *Web* é um termo em inglês que quer dizer rede, sendo que as informações dispostas na web são ligadas através da hipermídia, que representa hiperligações em forma de vídeo, som, textos, entre outras animações digitais.

Alguns dos problemas enfrentados diante do mundo tecnológico têm relação com a exclusão à qual muitas pessoas são submetidas e que acentuam as desigualdades das condições de trabalho e da realidade escolar brasileira (BITTENCOURT, 2008, p. 110). Tais desigualdades são demonstradas a partir do momento em que a mãe, o pai ou o responsável familiar que, por exemplo, esteja desempregado, tem o(s) filho(s) na escola, porém não possui acesso aos bens básicos de higiene e/ou alimentação, conseqüentemente não terá - também - acesso aos meios de informação e tecnologia, como um celular com *Internet*.

A desigualdade tecnológica causa diversos transtornos, como exemplo, o uso de computadores pode se tornar uma barreira entre aqueles estudantes que têm condições de ter acesso ao mundo tecnológico e daqueles que vivem nas periferias e nas áreas mais carentes das cidades do Brasil (BITTENCOURT, 2008, p. 110). Essa barreira faz com que não se tenha igualdade de direitos, contribuindo para a assimetria de qualidade de informações, tecnologia e ações educativas que são disponibilizadas (ou não) para a pluralidade de famílias brasileiras.

De acordo com Santos e Casteletto (2019, p. 3), entende-se por globalização como o fenômeno que proporcionou a aproximação do mundo em todas as perspectivas, tendo através do capitalismo um grande aumento de corrente de pensamentos e pessoas, ao mesmo tempo que causa enormes efeitos na ampliação da desigualdade. Portanto, embora a globalização traga diversos benefícios, também traz consigo a desigualdade que é acometida através da má distribuição das riquezas, em que há um grande benefício nos lugares em que o sistema econômico é mais desenvolvido, enquanto nos lugares menos desenvolvidos, o povo sofre com a exploração, fome, violência, doenças, desemprego, entre outros fatores conseqüentes da pobreza.

O Brasil possui a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é um documento que organiza e define o progresso de aprendizagens essenciais em que todos os estudantes devem desenvolver durante as etapas e modalidades da educação básica, ocorrendo conforme o Plano Nacional de Educação (PNE) (BNCC, p. 7). Dessa forma ele organiza 10 competências que devem ser asseguradas aos estudantes em seu trajeto escolar. De acordo com a BNCC:

[...] Competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (2018, p. 8).

As competências apresentadas no documento se articulam de forma a atender as três etapas da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), em busca da construção de conhecimentos, no desenvolvimento de habilidades e na formação de atitudes

e valores, nos termos da LDB (BNCC, 2018, p. 8 – 9). Sendo assim, destaca-se a competência de número cinco, a qual se refere às TICs, conforme a BNCC:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (2018, p. 9).

Dessa maneira, a BNCC se torna um documento de extrema importância ao se encarregar de nortear os usos e possibilidades das TICs na Educação Básica. A forma como é guiada essa reflexão sobre a informação e comunicação dentro das tecnologias é de extrema importância para que os estudantes possam disseminar informações e produzir conhecimentos de forma consciente.

Conforme Saidelles *et al.*: “Compreender os materiais que exploram outras mídias como o *podcast*, configuram parte dos novos cenários das TICs” (2018, p. 4). Antes de mais nada é fundamental conhecer os diferentes sites que contemplem os *podcasts*, com o objetivo de escolher qual lhe agrada mais. Para Moran:

A Internet e as modernas tecnologias estão trazendo novos desafios pedagógicos para as universidades e escolas. Os professores, em qualquer curso presencial, precisam aprender a gerenciar vários espaços e a integrá-los de forma aberta, equilibrada e inovadora. O primeiro espaço é o de uma nova sala de aula melhor equipada e com atividades diferentes (2004, p. 1).

Cabe aos professores desenvolver suas capacidades dentro do mundo tecnológico durante o trabalho pedagógico com os estudantes, sendo estes cada vez mais atualizados acerca do que acontece nos ambientes virtuais. De todo modo, muitos professores precisam ainda lidar, infelizmente, com muitas escolas de infraestruturas precárias, além da falta de materiais para o desenvolvimento de suas atividades.

Conforme Sousa, “[...] o uso da tecnologia deve auxiliar os professores na sua prática pedagógica e aos alunos como fonte de pesquisa e investigação desses novos conhecimentos adquiridos” (2019, p. 2). É importante a discussão e reflexão do que está posto na *Internet*, de forma a conscientizar os usuários dos pontos positivos e negativos do mundo virtual que estamos inseridos. Essa preocupação deve se estender até as casas dos estudantes, para que os responsáveis também façam parte dessa rede de responsabilidade e combate a informações que não compactuam com a democracia, com uma sociedade justa e pautada na igualdade.

Gasque (2012), propõe como alternativa o letramento informacional para os estudantes, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. O letramento informacional se refere ao processo de capacitar os estudantes para que os mesmos façam o caminho de buscar e utilizar as informações dispostas de maneira eficiente, possibilitando que usem esse conhecimento no cotidiano, como por exemplo, aprender a usar enciclopédias, escrever referências e citar autores ao escrever um artigo, por exemplo, entre outras ações.

De acordo com Veloso *et al.* (2019), as mídias mudaram da mesma forma como a consumimos, em que percebemos essas mudanças nas relações interpessoais, no comércio, nos aplicativos de compra, na educação, com as redes sociais digitais, com a incorporação de computadores, projetores e outros programas educacionais na *Internet*.

[...] as tecnologias usadas nas escolas devem ser educacionais comunicativas e informativas e não apenas alfabetizadora na qual o indivíduo aprende a linguagem básica. É preciso despertar a preocupação em relação à maneira pela qual vem sendo inserida nas instituições educacionais, as novas tecnologias, e como esta vem sendo trabalhada (SOUSA, 2019, p. 7).

Além do fato da inserção das tecnologias na escola, é necessário que ocorra a interpretação das mesmas e de como ela é inserida, de maneira que possa ser atrativa e de fácil entendimento. A tecnologia já vem sendo disponível para as crianças desde que elas nascem, e isso faz com que elas cheguem à escola com a percepção aguçada dos diferentes ambientes da *Internet*, como do YouTube, ou das redes sociais, e mais recentemente de aplicativos como *TikTok* e *Kwai*, em que nos mesmos são disponibilizados diversos vídeos curtos sobre os mais diferentes assuntos. Segundo Picanço e Lima:

A própria orientação do uso pelos docentes de vídeos, documentos e outros materiais on-line, e a abundância desses materiais na rede, resulta das transformações ocorridas nas tecnologias digitais e, em especial, na web, desde finais do século passado [...] (2020, p. 11).

Sendo assim, é de extrema importância que os educadores estejam sempre atualizados acerca dos processos tecnológicos que acontecem diariamente, os quais possam colaborar com a aproximação da realidade dos estudantes com o conteúdo que está sendo abordado em suas disciplinas. Dessa forma, é necessário que os professores tenham acesso a cursos de aperfeiçoamento que dizem respeito ao uso de ferramentas tecnológicas.

O filósofo, sociólogo e pesquisador em ciência da informação e da comunicação Pierre Lévy, define o ciberespaço como “[...] o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (1999, p. 92). Assim sendo, foi

caracterizado pelo autor como a região dos mundos virtuais, onde acontece o segundo dilúvio, o de informações.

O ciberespaço colabora para novas formas de acesso à informação e a novos estilos de raciocínio e conhecimento (LÉVY, 1999, p. 157). Além disso, muitas informações que adquirimos no início de nossa carreira estarão obsoletas no fim da carreira, cabendo ao profissional a estar sempre se atualizando.

Para Lima: “O ciberespaço constitui, atualmente, o principal equipamento coletivo da memória, do pensamento, da produção, da gestão e da comunicação no planeta” (2009, p. 16). Dito isso, a escola precisa aprimorar técnicas que auxiliem dessa aproximação do ciberespaço com os estudantes, cada vez mais imersos nas águas virtuais.

Em conformidade com Teixeira e Silva, “[...] os meios de comunicação passaram a desempenhar um importante papel na construção do conhecimento, transformando o acto educativo mais dinâmico e atraente” (2010, p. 255). Atualmente, existem muitas pessoas que vivem das redes sociais, em que sua renda principal depende disso, por exemplo. Isso colabora também para as diversas opiniões e argumentos que são constituídos, graças às redes sociais e os meios de comunicação, as quais podem ser benéficas ou não.

De acordo com Gasque e Azevedo (2017, p. 165), o termo ‘geração digital’ caracteriza um grupo que costuma utilizar novos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não verbais. Dessa forma ocorre uma transformação dos conteúdos na atividade cerebral, que vive nos padrões de conexão e das atividades entre neurônios.

Gasque e Azevedo (2017, p. 165, *apud* MCKINNEY, 2013; MELLOW, 2005; PRENSKY, 2001, 2011) apontam a consideração de que pessoas jovens estão biologicamente mais aptas para aprender de modo diferenciado e interativo, contrapondo o que ocorre atualmente nos sistemas educacionais, os quais são rígidos, poucos criativos e fundamentos em um número pequeno de metodologias. Isso se dá devido à plasticidade cerebral dos jovens, os quais estão mais aptos a aprender de modo diferenciado.

Segundo Bittencourt: “As mudanças culturais provocadas pelos meios audiovisuais e pelos computadores são inevitáveis, pois geram sujeitos com novas habilidades e diferentes capacidades de entender o mundo” (2008, p. 108). Dessa forma, o professor deve se lançar num desafio de trabalhar em cima dessa nova cultura, interpretando as configurações das atuais tecnologias de informação e comunicação.

Lévy (1999, p. 157), ressalta três constatações baseadas no constante movimento da relação com o saber que ocorre com o tempo, levando em conta especialmente o futuro dos sistemas escolares. Quanto a isso, ele explicita sobre o fato de ocorrer uma velocidade de

surgimento do saber; em segundo lugar diz respeito ao trabalho, o qual trabalhar significa cada vez mais, aprender, transmitir saberes e produzir conhecimentos; a terceira constatação é em relação ao ciberespaço, o qual suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam inúmeras funções cognitivas humanas como a memória, imaginação, percepção e raciocínios. Diante disso, é possível apontar que tais tecnologias intelectuais favorecem novas formas de acesso à informação e novos estilos de raciocínio e de conhecimento.

Segundo Pavanati e Souza, “[...] observa-se que, os “nativos digitais” apresentam dificuldades de expressão na linguagem escrita e na linguagem matemática e os “imigrantes digitais” apresentam dificuldades de expressão na mídia digital” (2011, p. 06). Percebe-se que há um uso cada vez maior de artefatos tecnológicos, especialmente pelas crianças, que já nascem recebendo diversos estímulos visuais desde o nascimento. Sendo imersas no mundo virtual desde pequenas, como através de canais do YouTube ou através de desenhos animados dispostos na televisão, por exemplo, com o objetivo de distraí-las. No entanto, pode-se pensar em alternativas educativas através de jogos ou canais no YouTube sobre assuntos do cotidiano e do mundo em geral, não somente com o objetivo de distraí-las.

Segundo Lévy (1999, p. 157), o ciberespaço colabora para novas formas de acesso à informação e a novos estilos de raciocínio e conhecimento. Nesse sentido, a informação no ciberespaço circula conectando as pessoas, estimulando suas expressividades e trocas de ideias, culturas e contatos, constituindo uma dinâmica de grupos fazendo com que aumente suas capacidades intelectuais coletivamente.

Lévy destaca que são necessárias duas reformas nos sistemas de educação e formação (1999, p. 158). A educação e a formação de pessoas mudam consideravelmente com as ligações de novas tecnologias. Nessa continuidade, o espaço a ser construído deve estar em um fluxo, conforme a necessidade e objetivos de cada um.

Em primeiro lugar, o ensino a distância faz parte dessa evolução nos sistemas de educação, fazendo com que surja uma nova maneira de desenvolver a pedagogia. Em segundo lugar, os reconhecimentos dos conhecimentos adquiridos se tornam diferentes, fazendo com que as universidades se organizem para orientar e contribuir com esse reconhecimento pelas pessoas, visto que todo este conhecimento a princípio informal adquirido pode e deve ser mediado de forma que do mesmo se produza uma interpretação crítica, mas sim cedendo um espaço para o conhecimento e para uma construção cultural.

As páginas da *Web*, como salienta Lévy (1999, p. 162), exprimem ideias, desejos, saberes, ofertas de transação de pessoas e grupos humanos, fazendo com que a multiplicidade de relações borbulhe nas páginas, exprimindo dessa forma uma ou várias populações. Para

além, ocorre uma troca de culturas manifestando atitudes públicas e privadas das pessoas. De acordo com Velloso:

O cenário virtual, ou o ciberespaço, passa a se constituir em importante território da esfera social, a ágora eletrônica contemporânea, que possibilita dar visibilidade aos fatos da vida privada, tratar fatos e fenômenos da esfera pública e sobretudo redimensionar a esfera social (2008, p. 108).

Poderá surgir um quarto tipo de conhecimento, sendo transmitido novamente de forma oral sendo armazenado pelo mundo virtual. Conforme o tempo passa, diferentes tipos de saberes vão se constituindo (LÉVY, 1999, p. 164). Antes da escrita as pessoas desenvolviam técnicas de memória, enquanto que com a escrita as pessoas se tornaram mais críticas com foco nas identidades pessoais e coletivas.

Para Lévy (1999, p. 172), o grande debate sobre a cibercultura, tanto em relação ao plano de reduzir os custos como ao acesso de todos na educação, não é somente a passagem do presencial para a distância, nem do escrito e da oralidade para a multimídia. A transição de uma educação e uma formação institucionalizadas, como a escola e a universidade deve se tornar uma troca generalizada de saberes, de reconhecimento auto gerenciado, móvel e contextual das competências, como afirma Lévy (1999, p. 172). Sendo assim, é preciso um conjunto de fatores para que as determinadas etapas se concretizem, sendo necessária a disposição das pessoas.

No século XXI, a consolidação de uma nova cultura, que é a cibercultura, exige a revisão de práticas e de conhecimentos ultrapassados, em busca da atualização crítica. Para tanto, é necessário investir nos processos de aquisição de novos conhecimentos em interação direta com o ciberespaço no contexto da cibercultura (PAVANATI; SOUZA, 2011, p. 5).

Para os autores supracitados, é necessário focar atualmente em investimentos voltados para o aprendizado na cibercultura do que no ensino voltado para a cultura daquelas gerações que nasceram fora da geração do ciberespaço. No entanto, muitos dos professores que dão aula e que não nasceram na cibercultura podem ter certas dificuldades diante das tecnologias, mas isso pode ser superado e muitas vezes pode ser ajudado pelos próprios alunos, que são na maioria das vezes colaborativos. Segundo Pavanati e Souza:

Esta cultura cibernética interfere nos parâmetros de composição dos estudos de História, posto que, a História formal tem sua origem vinculada ao surgimento da escrita. Assim, uma cultura que consolida a subversão à escritura linguística, retornando ao universo da oralidade e da comunicação por imagens, estabelece questionamentos ao campo da História (2011, p. 6).

Embora seja possível ler e interpretar uma imagem, não é possível explicar uma imagem com outras imagens. Dessa forma faz com que a língua escrita seja o processo mais completo e eficaz já produzido para a estruturação de modelos representativos (PAVANATI; SOUZA, 2011, p. 6). Ou seja, é preciso que seja utilizado a língua escrita ou falada para manifestar relações entre imagens ou sons.

A fim de verificar as pesquisas relacionadas às mídias e ensino de História, optou-se por fazer uma pesquisa através do ARGO¹⁴ (Sistema de Administração de Bibliotecas) da FURG. Para tanto, utilizou-se o descritor “ensino de história” no filtro de assunto e tipo de obra optou-se por dissertações. Feito esse procedimento na ARGO¹⁵ encontrou-se noventa (90) resultados, dos quais três (3) são voltados para o ensino de história e o uso das mídias, como pode ser observado no quadro 1. Utilizando o mesmo parâmetro, usou-se os descritores “ensino de história e tic”; “podcast” e “ensino de história e podcast”, no entanto, não se obteve nenhum resultado.

QUADRO 1. Dissertações sobre Ensino de História e mídias presentes no ARGO (FURG), 2022.

Ano	Título	Autor	Programa	Curso	Instituição
2015	A Educação Histórica e as Mídias Digitais construindo o conhecimento histórico em sala de aula	TAVARES, Luana Ciciliano	Ensino de História	Mestrado profissional	FURG, Rio Grande
2016	O ensino de História através da TV e das mídias digitais	FRANCHI, Diones Piazer	Ensino de História	Mestrado profissional	FURG, Rio Grande
2017	Cartografando experiências no ensino de História: a mídia cinemática como fonte educativa em sala de aula	SOARES, Luiz Paulo da Silva	Educação	Mestrado acadêmico	FURG, Rio Grande

Fonte: ARGO (FURG), 2022.

Dos três (3) Trabalhos de Conclusão de Curso de Pós-Graduação *stricto sensu*, apenas

¹⁴ O ARGO está disponível em: <<https://argo.furg.br/>>. Acesso em 31 maio/ 2022.

¹⁵ Nesse tipo de busca os descritores foram buscados no título dos trabalhos.

33,33% (1) foi produzido por pesquisadores do sexo feminino e 66,67% (2) do sexo masculino. A partir do levantamento sistematizado e demonstrado no quadro 1, nota-se que a produção acadêmica que trata sobre o uso das mídias no ensino de História ainda é restringida.

As produções das pesquisas sobre o uso das mídias e ensino de História ocorreram predominantemente nos cursos de mestrado profissional, sendo duas (2) pesquisas nessa modalidade através do Programa de Pós-Graduação em História da FURG e uma (1) na modalidade de mestrado acadêmico, através do PPGEDU¹⁶, na mesma universidade.

A pesquisa de Luana Ciciliano Tavares, *A educação histórica e as mídias digitais construindo o conhecimento histórico em sala de aula*, do ano de 2015, buscou responder questões referentes ao uso das mídias sociais, em que se as mesmas podem ou não contribuir para o desenvolvimento das ideias históricas dos jovens em idade de escolarização, em específico de estudantes do 6º ano. De acordo com Tavares:

Acredita-se que em meio a um Ensino de História ainda bastante centrado na memorização de conteúdos e fatos históricos presentes nos livros didáticos, onde o passado é apresentado como algo estático sem relação com o presente, as mídias digitais podem ser um recurso capaz de contribuir para o Ensino de História nos bancos escolares, de modo que seja menos centrado no discurso do professor e mais na aprendizagem histórica dos alunos (2015, p. 10-11).

A partir do momento em que se centra na aprendizagem histórica dos estudantes, é possível que os educandos possam gostar e interagir mais durante as aulas. É factível discutir e observar como ocorrem as diversas narrativas postas nas mídias e como isso pode influenciar as pessoas.

Em contrapartida, existem pessoas que usam das suas mídias e popularidade para propagar, por exemplo, apologia ao nazismo, como no caso do Flow *Podcast*¹⁷, em que Bruno Aiub, conhecido como Monark, coloca em pauta em um de seus episódios o fato de que seria liberdade de expressão ter um partido nazista no Brasil reconhecido pela Lei. De acordo com a Lei nº 9.459, de 13 de maio de 1997, é considerado crime a propagação, comercialização, distribuição ou veicular material com apologia nazista, tendo como pena de dois a cinco anos e multa.

Para Tavares (2015, p. 12), através das tecnologias digitais que estão cada vez mais presentes no cotidiano, acontece uma transformação no campo da História, como a criação de

¹⁶ Programa de Pós-Graduação em Educação.

¹⁷ Flow *Podcast* é um *podcast* criado por Bruno Aiub e Igor Coelho. Desde 2018, os criadores já entrevistaram diversas pessoas, entre políticos, influencers digitais, sendo considerado um dos *podcasts* mais assistidos e ouvidos no Brasil.

diversos acervos digitais, acesso a museus de forma *online* e a diferentes arquivos de bibliotecas, tanto nacionalmente como internacionalmente. A partir dessas criações digitais, ocorre uma transformação nas formas de agir e pensar das pessoas nas mais diversas localidades do mundo. Sendo assim, é imprescindível que os conteúdos disponibilizados na *Internet* sejam vistos através de um olhar crítico e questionador.

Ainda de acordo com Tavares (2015, p. 11), existe pouca produção de pesquisas que abordem acerca da contribuição das TICs para o ensino de História. Sendo assim, sabe-se pouco sobre como se dá esse tipo de aprendizagem. Além disso, com o acesso e o uso das TICs constantes o modo de pensar do estudante acaba sendo modificado pelo uso repetitivo das redes e as informações superficiais recebidas tomam conta do cotidiano, sendo necessário modificar como as disciplinas escolares são vistas, como através da memorização de conteúdos, por exemplo.

Destaca-se também a pesquisa de Diones Piazer Franchi, com o trabalho intitulado *O ensino de História através da TV e as mídias digitais: a revolução federalista no programa Memórias do Pampa*, do ano de 2016. Sua pesquisa teve como objetivo despertar o interesse e o senso crítico através da TV e as mídias sociais, além de compreender o estudante sobre o contexto histórico local, em específico de alunos do 3º ano do ensino médio. Para Franchi:

A tarefa da escola consiste em pensar o fenômeno em toda sua amplitude, ao mesmo tempo em que se capacita para incorporar seus materiais como fontes de conhecimento e crítica. Além disso, o professor deve adaptar a discussão e o grau de aprofundamento do debate em torno da TV e as mídias, de acordo com a faixa etária e escolar em questão (2016, p. 12 – 13).

A partir desse movimento, é possível que os professores possam desenvolver ações que contemplem as diferentes faixas etárias compreendidas nas escolas. Para isso, é preciso que o professor tenha acesso a uma infraestrutura e conhecimentos adequados para transpor os atos cotidianos para a sala de aula.

O trabalho a seguir, da Pós-Graduação em Educação (PPGEDU/FURG), também se torna relevante ao se tratar do ensino de História. A pesquisa de Luiz Paulo da Silva Soares, sob o título *Cartografando experiências no ensino de História: a mídia cinematográfica como fonte educativa em sala de aula*, de 2017, trata sobre a compreensão de concepções a respeito das mídias cinematográficas por professores de História na cidade do Rio Grande/RS. Para Sousa:

[...] as habilidades e competências é um fator mercadológico que demonstra a necessidade do indivíduo estar sempre em busca do novo, e as escolas necessitam ir à busca de uma formação continuada no sentido de ter uma

didática diferenciada senão está condenada a ser superada por esta tecnologia, pois o professor não indo de encontro com o que está acontecendo a seu redor, ficará obsoleto (2019, p. 8-9).

A formação continuada dos professores é essencial para que continuem sempre atualizados, utilizando-se das técnicas de ensino com o objetivo de contribuir com uma educação inclusiva. É importante que os professores possam abranger os mais diferentes públicos escolares através de aulas estimulantes, longe das memorizações e do cansaço mental.

Os historiadores fazem uso de diferentes fontes, sejam elas escritas ou não, para desenvolver pesquisas, por exemplo. Nesse sentido, o uso das tecnologias da informação e comunicação contribuem para que o acesso a novos métodos e técnicas de trabalho possam ser utilizadas ao longo do caminho. É possível, portanto, que o historiador possa chegar a documentos que estão contidos em nos distintos bancos de dados do mundo.

A partir desses movimentos é possível colaborar para que a historiografia ganhe novos ares através da abordagem de diferentes temas que podem ser desenvolvidos, contribuindo para que a História reafirme suas atividades enquanto ciência. No entanto, diferente das mudanças que acontecem no âmbito da historiografia, a escola ainda carrega de uma base tradicional, em que prima por grandes heróis, grandes feitos, datas e memorização.

2.3.2 Educação Especial, Inclusiva e a Deficiência Visual

Neste tópico, busca-se instigar os leitores a pensar na relação entre a História e todos aqueles que de alguma forma lutaram e lutam pela permanência de seus direitos perante a sociedade. É fundamental projetar um ensino de História que questione acerca das diversas formas narrativas e dos protagonismos existentes que se constituem perante suas próprias histórias pessoais e conseqüentemente de outras pessoas.

Existiu e ainda existe grandes processos de apagamentos e marginalizações direcionados àqueles que foram por muito tempo e ainda são (por alguns grupos) considerados inaptos, sendo abandonados, mortos ou segregados em hospitais e asilos, além daqueles que viveram ou vivem sem apoio ou qualquer tipo de ajuda por conta das “ditas diferenças”, em especial as de cunho físico.

As pessoas com deficiência, os povos indígenas, as pessoas negras, os quilombolas, a comunidade LGBT, as mulheres, assim como tantos outros grupos sociais, foram (ou são) excluídos e privados de seus direitos em diversos momentos da História, sendo que muitos ainda hoje lutam de diferentes maneiras para terem seu espaço na sociedade.

Esses grupos sofreram (sofrem) marginalização, a qual se consiste, segundo Piletti, “[...] na exclusão desses indivíduos do processo de tomada de decisões a respeito de sua própria vida e da vida do país” (1993, p. 70). Portanto, ainda é fundamental lutar para a criação e manutenção de leis que deem respaldo acerca da educação, da acessibilidade e da inclusão desses sujeitos, que diante de uma sociedade que reproduz o preconceito de diversas formas precisa de ações sólidas e comprometidas.

Para as leis serem criadas e efetivadas, foi (ainda é) preciso que ocorresse uma rede de pessoas preocupadas com questões que envolvam esses sujeitos. Sendo assim, a concepção acerca das pessoas com deficiência tem diversos momentos na história. De acordo com Capellini e Mendes:

Busca-se hoje que os direitos sejam respeitados; até porque os princípios fundamentais da igualdade e integração social, são garantidos constitucionalmente. O contexto onde se dá o discurso desses princípios revela uma visão neoliberal, conservadora, ou mesmo romântica e ingênua pois não leva em conta que ao falar de igualdade, o faz num contexto social de desigualdades sociais assentadas nas relações de poder vigente (1995, p. 18).

Logo, é oportuno projetar soluções que possam mitigar as ações de exclusão garantindo acesso aos direitos fundamentais, tais como a saúde, a educação e segurança de qualidade e digno a todos. Embora sejam garantidos constitucionalmente os princípios fundamentais de igualdade, existe o contraponto de uma sociedade neoliberal e conservadora que não tem consideração às desigualdades sociais.

Para Carvalho, “[...] são excluídos, todos aqueles que são rejeitados e levados para fora de nossos espaços, do mercado de trabalho, dos nossos valores, vítimas de representação estigmatizante” (2019, p. 57). Aquelas pessoas que não são consideradas aptas pela sociedade, consideradas “anormais”, são desviadas do mercado de trabalho. Isso faz com que esses sujeitos não tenham independência financeira, ficando dependentes financeiramente ou acabam vivendo em situação de rua. Um exemplo de pessoas pertencentes a esse grupo é o das pessoas trans*¹⁸, em que elas dependem de políticas públicas específicas para a inclusão no mercado formal.

Não bastando isso, as pessoas que sofrem com a exclusão também vivem com a dor do esquecimento e afastadas nos mais diversos momentos do cotidiano, como por exemplo na escola quando sofrem *bullying*¹⁹, ou até mesmo dentro de casa, quando família não fornece

¹⁸ Termo guarda-chuva que abrange as pessoas transgênero, transexuais, travestis e, comumente, pessoas não binárias.

¹⁹ Bullying é uma prática de violência ocorrida de forma repetitiva de um grupo ou uma pessoa contra um indivíduo, fazendo com que a vítima sofra sistematicamente com humilhações, xingamentos, agressões físicas,

momentos de lazer, acesso à cultura ou a atitudes de afeto, carinho e felicidade, fazendo com que esse sujeito fique fadado à negligência sistêmica.

O ensino em geral vai se modificando ao longo do tempo, a fim de atender a todos os públicos escolares com a finalidade de constituir cidadãos conscientes de seus protagonismos históricos, bem como produtores de conhecimentos históricos. Além disso, o ensino para estudantes com deficiência se torna um caminho de grandes aprendizagens, constituindo uma rede de pessoas que estão empenhadas em fazer a diferença.

Partindo da premissa que a escola precisa garantir o acesso e a permanência dos estudantes, é preciso que ocorram ações que se concretizem nas comunidades escolares, tendo como base diversas leis, tais como: Lei de Diretrizes e Bases da Educação²⁰, a Constituição Federal²¹, a Política de Educação Especial²², a Lei Brasileira de Inclusão²³, a Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva²⁴, entre outras. Todas essas leis, de forma individual ou conjunta servem de amparo para as pessoas com deficiência.

Para Lima (2017, p. 53), ocorreram raríssimas exceções em que determinados povos adotaram atitudes de aceitação, apoio ou assimilação em relação as pessoas com deficiência, como por exemplo os povos Aonas [sic] do Quênia, que pensavam que as pessoas com deficiência visual mantinham uma relação direta com o sobrenatural. Infelizmente, no geral as sociedades tratavam as pessoas com deficiência como incapazes, fazendo com que fossem marginalizados ou privados da liberdade.

Conforme Mazzotta (2011, p. 16), até o século XVIII, o atendimento às pessoas com deficiência e as noções relacionadas a esses sujeitos eram basicamente ligadas ao misticismo e ocultismo, não tendo base científica para o crescimento de noções realísticas, fazendo com que os conceitos de diferenças individuais não fossem compreendidos ou avaliados. A falta de conhecimento sobre as deficiências fez com que as pessoas com deficiência se tornassem marginalizadas e ignoradas, por “serem diferentes” (MAZZOTTA, 2011, p. 16).

As primeiras ações para o atendimento das pessoas com deficiência ocorreram na

entre outros. Essa prática ocorre especialmente na escola, podendo gerar graves prejuízos psicológicos nas pessoas submetidas a essas situações.

²⁰ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 17 jun./2022.

²¹ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 17 jun./2022.

²² Disponível em: <<https://inclusaoja.files.wordpress.com/2019/09/polc3adtica-nacional-de-educacao-especial-1994.pdf>> Acesso em: 17 jun./2022.

²³ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm>. Acesso em: 17 jun./2022.

²⁴ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192>. Acesso em: 17 jun./2022.

Europa, contribuindo para mudanças na atitude dos grupos sociais, concretizando em medidas educacionais, as quais foram se expandindo, em especial para os Estados Unidos e Canadá, após para outros países, incluindo o Brasil. De acordo com os estudos de Mazzota (2011, p. 17), até o século XIX, diferentes expressões eram usadas para se referir às pessoas com deficiência, como Pedagogia dos anormais, Pedagogia Teratológica, Pedagogia da Assistência Social, entre outras.

Sendo assim, não existia até o século XIX medidas educacionais consistentes que referentes à educação das pessoas com deficiência. Isso fez com que mudasse a trajetória de vida de muitas pessoas, atrasando de forma significativa estudos sobre como construir conhecimentos junto a esses sujeitos, os quais eram privados de frequentar diversos locais, em especial a escola.

A formação histórica da educação para pessoas com deficiência se inicia no Brasil na época em que o império dominava no país, sendo um processo permeado de questionamentos referentes à permanência, ao acesso, ao atendimento na pré-escola, considerando as pessoas com baixa visão, e à reeducação de jovens adultos com deficiência visual (MELLO; MACHADO, 2017). A educação inclusiva, muito falada e discutida atualmente, são planos desdobrados recentemente pelas redes escolares que lutam pela permanência de estudantes com deficiência, mesmo diante das dificuldades nas instituições, em particularmente as de cunho público.

O início do atendimento das pessoas com deficiência no Brasil começa com as seguintes instituições, o Imperial Instituto dos Meninos Cegos (1854), que hoje em dia se chama Instituto Benjamin Constant (IBC), e o Instituto dos Surdos Mudos (1857), o qual atualmente se chama Instituto Nacional da Educação dos Surdos (INES), onde este e aquele se localiza no Rio de Janeiro. Depois foram surgindo outras fundações como o Instituto Pestalozzi (1926), especializada no atendimento de pessoas com deficiência mental; já em 1954 é inaugurada a primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE); e em 1945 foi constituído o primeiro atendimento educacional especializado para as pessoas com superdotação na Sociedade Pestalozzi, por Helena Antipoff.

De acordo com Jannuzzi (2004, p. 11), até a década de 1930 de um modo geral prevalecia a evidência de deficiência em si mesma, ou seja, em sua lesão, além disso, nos primórdios da colonização brasileira ou se abandonavam as pessoas com deficiência às intempéries, por acreditarem que não existia possibilidade de desenvolvimento, ou por situações de miséria, em que o mesmo procedimento se tinha com “normais” indesejados, ou se colocavam em Santas Casas.

No século XIX, com a nossa independência, surge a proscrição constitucional de 1824 privando dos direitos civis e políticos o incapacitado físico e moral, e também um discurso de deputado sobre a educação dos surdos, concretizado 18 anos depois em instituição escolar para surdos, precedida da instituição escolar para os cegos. O impulso principal neste sentido foi dado por interesses de personagens ligados à cúpula do poder, entre os quais José Francisco Sigaud, médico do imperador Pedro II e pai de uma menina cega (JANNUZZI, 2004, p. 11).

Dessa forma, a criação de uma instituição voltada para as pessoas cegas somente se deu ao fato de que José Álvares de Azevedo dava aulas para a filha do médico Sigaud, que fazia parte da corte brasileira. Antes disso, havia discursos e ações que privavam as pessoas com deficiência de seus direitos civis e políticos.

Transcorreu principalmente no início do século XX a concepção Médico-Pedagógica, quando houve mais diretamente envolvimento dos serviços de saúde, de médicos, sendo mais centradas em causas físicas, neurológicas e mentais da deficiência, onde se procuravam teorias de aprendizagem sensorialista, ideias vindas principalmente da Europa, como por exemplo, da França (JANNUZZI, 2004, p. 11-12). Embora o envolvimento da saúde seja importante em qualquer circunstância, não existia um foco em questões psicopedagógicas, a fim de contribuir com a educação formal desses sujeitos.

A partir de 1930, se insere a concepção Psicopedagógica, especialmente depois da vinda de Helena Antipoff, a qual atuou com teorias de aprendizagem psicológicas, influenciando intensamente na educação, tanto a geral, quanto para as pessoas com deficiência (JANNUZZI, 2004, p. 12). A ação psicopedagógica, portanto, contribui para que ocorra a descentralização da parte que abrangia a saúde.

Nota-se que as questões referentes a psicopedagogia se tornaram evidentes somente no século XX, na década de 1930, e sempre através de bases/ideias europeias. Existiu um intervalo de 76 anos entre a criação da Instituto dos Meninos Cegos (1854) e o início da inserção da concepção psicopedagógica, demonstrando que levou mais de meia década para que ocorressem movimentos a favor de uma educação centrada na psicopedagogia, como nesse exemplo, das pessoas com deficiência visual.

As pessoas cegas conseguiram seu direito ao voto somente em 1946. Para Jannuzzi (2004), esse fato ocorreu tardiamente porque já se tinha iniciado intensamente a industrialização brasileira na década de 1930, tendo a necessidade da escola para ler, escrever, contar, enquanto que se mantém em classes especiais e instituições especializadas as pessoas com deficiência. Isso demonstra mais uma vez que questões extremamente necessárias para a constituição de um

cidadão eram desprezadas quando se tratava das pessoas com deficiência, desde o momento em que segregam esse sujeito em instituições, fazendo com que o mesmo não socialize e tirando seu outro grande direito, o de votar.

Depois do término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), em vista da rápida recuperação do desenvolvimento de alguns países, houve a ênfase da valorização da educação, em detrimento de outros fatores que também contribuíram para tal, entre os quais o auxílio americano pelo Plano Marshall. Na EE, intitulada então educação de excepcionais e/ou ensino emendativo [...] (JANNUZZI, 2004, p. 12).

O enfoque citado acima fez com que ocorressem alguns reflexos na sociedade brasileira e nas suas escolas. O primeiro reflexo se dá com a Teoria do Capital Humano, sendo fruto da nossa reorganização ideológica, realizada pelo grupo militar que estabeleceu a ditadura a partir de 1964 (JANNUZZI, 2004, p. 13). O objetivo era constituir os alunos para o trabalho e não um projeto que constituísse cidadãos conscientes de seu protagonismo, com isso se criou o papel perfeito do capitalismo. Conforme Jannuzzi:

Seria esta teoria a expressão mais explícita de vincular a educação ao desenvolvimento econômico do país, tal como ele se manifestava. Seria a procura de, pela educação, formar o aluno para os postos de trabalho existentes. Uma subordinação da educação ao projeto de desenvolvimento implantado. A escola como necessária à produção, produtora de “recursos humanos”, entendidos como mão-de-obra. A educação passa a ser vinculada diretamente ao setor produtivo (2004, p. 13).

Tal teoria corrobora com o sistema capitalista que está em procura de mão de obra para trabalhar nos mais diferentes setores. Além disso, o ensino colocado para a população pobre é diferente da população que possui dinheiro, criando dessa forma discrepâncias de conhecimentos nas mais diversas localidades dos países. Ou seja, além de possuir condições de continuar seus estudos e se especializar também possui os meios de trabalho, enquanto as pessoas que somente tem o ensino básico ficam submetidas a empregos degradantes, com baixa remuneração e condições de trabalho precárias.

De acordo com Capellini e Mendes (1995, p. 8), pouco a pouco a questão da deficiência foi saindo do âmbito da saúde para a esfera da educação, através das ONGs como a Sociedade Pestalozzi, a AACD (Associação de Assistência a Criança Defeituosa) e a APAE (Associação de Pais e Amigos do Excepcional). Além disso, desde a década de 1950, as pessoas com deficiência começaram a se organizar, participando de discussões acerca de seus problemas (JANNUZZI, 2004, p. 17). Percebe-se que existe uma grande importância das organizações não

governamentais através do início e continuidade de discussões e ações acerca de direitos das pessoas com deficiência. Conforme Chaves:

Em 1969 foi aprovada no Brasil uma nova Constituição que afirmava que o direito à educação deve ser igual a todos e que o ensino de 1º grau é obrigatório para todos, dos sete aos 14 anos de idade, e gratuito nos estabelecimentos públicos de ensino. Até então, os atendimentos para estudantes com NEE no Brasil eram realizados em escolas e classes especiais (2010, p. 24).

Essa lei determina que o direito à educação gratuita é obrigatório somente dos 7 aos 14 anos, diferente do que acontece atualmente, em que é obrigatório ser matriculado no início da educação básica aos 4 anos, sendo estendido até os 17 anos o direito ao ensino gratuito. Nota-se que era extremamente restringido as idades das crianças para que pudessem receber uma educação gratuita.

Em 1973 foi constituído no MEC o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), o qual ficou responsável por conduzir a educação especial no Brasil, tendo um sentido integracionista, onde suas estimulações resultaram em ações educacionais direcionadas para as pessoas com deficiência e superdotação/altas habilidades, ainda representadas por campanhas assistenciais e ações isoladas do Estado. De acordo com o MEC/SEESP:

Nesse período, não se efetiva uma política pública de acesso universal à educação, permanecendo a concepção de ‘políticas especiais’ para tratar da temática da educação de alunos com deficiência e, no que se refere aos alunos com superdotação, apesar do acesso ao ensino regular, não é organizado um atendimento especializado que considere as singularidades de aprendizagem desses alunos (2008, p. 7).

A partir da Teoria do Capital Humano, as diferenças no nível de educação é que darão as diferenças de renda, sendo que as habilidades e os conhecimentos das pessoas são considerados uma forma de capital (JANNUZZI, 2004, p. 14). Aqui quem tem mais conhecimento tem mais renda, enquanto que as pessoas marginalizadas e sem acesso à educação permanecem em situações desfavoráveis e degradantes.

Em relação à educação das pessoas com deficiência, Jannuzzi aponta que:

[...] desde os primórdios houve a preocupação em garantir-lhes os meios de subsistência, uma certa ocupação ou o interesse pelas coisas para ocupar-lhes o tempo e, talvez, diminuir possíveis tédios, algumas rebeldias. No Instituto Nacional dos Surdos-Mudos e no Imperial Instituto dos Menos Cegos já havia as diversas oficinas (encadernação, padaria, etc.) (2004, p. 15).

Através desses momentos das oficinas as habilidades dos estudantes eram trabalhadas, de forma não voltada completamente para a educação, mas sim para “conter” o tédio e possíveis “rebeldias”. Ocupação de tempo que não tinha como objetivo contribuir para uma aprendizagem crítica desses educandos, mas sim para apenas constar que estavam fazendo alguma atividade.

Outra corrente que se desenvolveu na mesma década que a Teoria do Capital Humano, foi a Integração ou Normalização, mais centrada no setor pedagógico, a qual começou a se constituir no fim de 1970 e início de 1980. Nesta teoria, de acordo com Jannuzzi (2004, p. 19) se recomendava que não ocorresse o fim dos serviços existentes, mas que as pessoas com deficiência fossem colocadas na rede regular, com acompanhamento e constituição de atendimento.

A idéia da integração surgiu para derrubar a prática da exclusão social que percorreu vários séculos. As instituições foram se especializando para atender pessoas com necessidades educacionais especiais. Todavia a segregação continuou sendo praticada. A idéia era prover serviços possíveis já que a sociedade não aceitava receber tais pessoas nos serviços existentes na comunidade (CAPELLINI; MENDES, 1995, p. 4).

Houve experiências acerca dessa corrente, culminando em uma a respeito da integração, sendo essa uma das primeiras ocorrida em Santa Catarina, em 1988, na Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE), instituição da Secretaria Estadual de Educação (SED), que reunia pessoas com deficiência em regência de segregação. Colocaram estudantes de 4 a 17 anos na rede regular de ensino. Essa ação fez com que ocorressem planejamentos para a permanência desses estudantes, como a constituição de salas de recursos e uma sala de apoio pedagógico. Além disso, se pensou na formação de recursos humanos e programas de expansão de tecnologias, entre outras medidas. Conforme Jannuzzi:

Houve aceitação de muitos, críticas de outros, apontando: despreparo de professores, dificuldades advindas das próprias peculiaridades das deficiências, preocupações pessoais de perda de emprego, o projeto imposto sem consulta democrática etc (2004. p. 19).

Ocorreram alguns desencontros como o despreparo de professores e a imposição sem consulta democrática. Isso faz com que aumente a pressão em como se deve fazer o processo de inclusão, prejudicando a organização de métodos e conteúdos que possam contribuir tanto para os professores como principalmente para os estudantes.

Algumas das possíveis falhas foram caracterizadas pela insuficiência de trabalho

integrado entre FCEE e SED, em relação à prática e teórica; além de que os professores da rede regular não foram contemplados através de cursos e orientações necessárias (JANNUZZI, 2004, p. 19). Atualmente existe a formação continuada que possibilita aos professores estarem atualizados dos saberes que foram constituídos ao longo da jornada profissional e que são essenciais à atividade docente.

A FCEE preocupou-se em atender os professores da rede regular e de integrá-los, mas por meio de pessoal sem prática e formação específica, sobrecarregando-os também com burocracia. Os deficientes físicos ficaram à margem do processo, sendo atendidos pela Associação Catarinense de Reabilitação; os mais beneficiados e mais participantes da rede regular foram os deficientes sensoriais em salas de recursos criadas para tal. Os deficientes mentais não lograram benefícios. No entanto, relatam que foi criado um grande aparato administrativo para atender as regiões do estado e todo um serviço de orientação e supervisão. Havia entretanto lugares como Brusque, em que o deficiente mental era atendido segregadamente e privativamente no Instituto Santa Ines (2004, p. 19).

Embora a FCEE se preocupasse em atender os professores da rede regular ao integrá-los, acabou que foi sem prática e formação específica para atender a demanda dos estudantes, fazendo com que os professores ficassem sobrecarregados. Sendo assim, os estudantes com deficiência foram atendidos em diferentes locais, conseqüentemente, de forma escassa na rede regular, cabendo às escolas especiais atenderem, fazendo com que nem todos tivessem benefícios nesse processo.

A Constituição Federal de 1988 assegura em um de seus objetivos, disposto no artigo 3º, inciso IV “[...] promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. A reafirmação de direitos faz com ocorra o fortalecimento do Estado Democrático de Direito, pois é importante a normatização dos direitos sociais e individuais, sendo estes os fundamentos das políticas públicas no país. Chaves aponta, em relação à Constituição Federal de 1988 que:

A partir de então, as leis que procuram garantir direitos às pessoas deficientes começam a incidir em várias instâncias: direito à educação, direito ao trabalho e direito à acessibilidade. Com a proclamação da inclusão social, e principalmente a escolar, as crianças com NEE ganharam mais um aporte que incentivava a integração no sistema educacional regular (2010, p. 24).

Isto é, uma vez que a escola é um importante centro de socialização e inclusão das sociedades letradas, as crianças com deficiência possuem através das garantias das leis a possibilidade de desenvolverem suas individualidades respeitando suas especificidades. Além

disso, a inclusão das crianças com deficiência nas classes regulares favorece a solidariedade e construção de uma rede de colaborações conjuntas entre os estudantes.

No gancho do artigo 3º, trazemos o artigo 205 da Constituição Federal, o qual define que: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Sendo assim, de extrema importância leis que possam dar suporte às pessoas com deficiência, especialmente no que diz respeito à educação, cidadania e trabalho, como colocado pela Constituição Federal.

O artigo 206 explicita a respeito do ensino no seu inciso I, determinando que deva ocorrer “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”, além de garantir, como dever do Estado, através do artigo 208, inciso III, “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. O atendimento educacional especializado ocorre na Sala de Recursos na escola, em horário diferente em que o educando estuda.

Além dos dispositivos legais citados, o Brasil conta com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90), que reforça as leis apresentadas até agora, evidenciando o artigo 55, o qual declara que: “Os pais ou responsável têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino”. Além de o Estado ter o dever de dar condições ao acesso ao ensino, os pais ou responsáveis tem a obrigação de matricular seus filhos na escola.

No início da década de 1990, ocorre o desenvolvimento do avanço da ideia de inclusão sobre a integração, especialmente após a Declaração de Salamanca (1994) e a Declaração Mundial de Educação para todos (1990), passando a estimular ações a respeito de políticas públicas voltadas para as pessoas com deficiência. Tendo dessa forma como presunção educação para todos, direcionando para vários segmentos da educação especial.

De acordo com Oliveira: “O movimento em favor da *“educação para todos”* caracteriza-se pela luta pelo ensino público e gratuito e na busca em garantir-se o direito à educação a todos os indivíduos, como garantia de direitos humanos” (2017, p. 42). Ocorre dessa forma a valorização dos estudantes que, além de cidadãos, devem ser considerados como um ser social, histórico e político.

Em 1994 nasceu a Política Nacional de Educação Especial, que estabelece objetivos gerais e específicos a respeito de anseios e necessidades das pessoas com deficiência, superdotação e transtornos globais. Salientado aqui em relação à classe comum, em que a coloca como estar em processo de integração instrucional com os portadores de necessidades

especiais²⁵ que tem condições de acompanhar e desenvolver as atividades curriculares programadas do ensino comum, no mesmo ritmo dos estudantes ditos normais (PNEE, 1994, p. 19).

O PNE de 1994 coloca como termo a “integração”, ao passo em que explica no documento que se refere ao fato de existir uma reciprocidade, onde é colocado as pessoas com deficiência nas classes comuns e os alunos que já estão ali devem se envolver na aceitação. Ou seja, a integração ocorre em diversos níveis, desde a aproximação física, como a funcional e a social, até a instrucional que se refere a frequência na classe de ensino comum.

Embora seja colocado a respeito da integração instrucional, o documento Política Nacional da Educação especial na Perspectiva da Educação Inclusiva argumenta a respeito do documento de 1994 que:

Ao reafirmar os pressupostos construídos a partir de padrões homogêneos de participação e aprendizagem, a Política não provoca uma reformulação das práticas educacionais de maneira que sejam valorizados os diferentes potenciais de aprendizagem no ensino comum, mantendo a responsabilidade da educação desses alunos exclusivamente no âmbito da educação especial (MEC/SEESP, 2008, p. 8).

Sendo assim, embora no documento fale sobre integração não ocorre uma reformulação das práticas que atuem com as pessoas com deficiência, fazendo com que esses estudantes voltem para educação especial exclusivamente, não ocorrendo a inclusão.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996 se constitui numa década em que a sociedade estava dando grandes passos a respeito das pessoas com deficiência, fazendo com que fosse criado o capítulo V, específico para a educação especial. De acordo com a LDB, o artigo 58º determina que a educação especial é uma modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

Em relação à educação especial, foi um grande passo para estabelecê-la como uma modalidade de ensino, além de orientar a respeito de como as escolas devem se organizar para atender as pessoas com deficiência. Na lei, também é determinado qual público será destinado a educação especial e mostra a importância dos passos para o desenvolvimento de suas capacidades, através de currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organizações

²⁵ Esse termo está sendo utilizado nessa citação indireta, conforme o documento utilizado, datado do ano de 1994, considerando a forma como se direcionavam às pessoas com deficiência na época. Contudo, a pesquisadora que elabora o presente estudo considera correto e utiliza o uso do termo “pessoas com deficiência”, sendo esse disposto durante toda a pesquisa.

específicas. Além disso, aborda sobre quais os requisitos necessários dos professores para trabalhar com esse público.

De acordo com o artigo 3º da LDB, o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios, destacando os incisos I, IV e XIII, que dizem respeito à igualdade de condições de acesso e permanência na escola; respeito à liberdade e apreço a tolerância e garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida. Portanto, os estudantes tem direito a educação e aprendizagem ao longo da vida, sendo esta ofertada de maneira gratuita pelas escolas públicas.

Reforçando com o artigo 4º, inciso III da LDB, determina que é dever do Estado com a educação pública:

Atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino (BRASIL, 1996).

Sendo assim, a partir dessa lei se define qual o público a ser atendido com o atendimento educacional especializado. Além disso, se determina que esse atendimento deve ser desenvolvido em todos os níveis, etapas e modalidades de ensino, com prioridade na rede regular de ensino. Dessa forma, abre portas para que todas as pessoas que precisem desse atendimento possam ser contempladas com esse direito na rede pública.

Ainda dentro da LDB, é colocado no artigo 58º, parágrafo 2º que: “O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular”. Sendo assim, dependendo da situação do educando, o mesmo vai ser dirigido para o melhor lugar de acordo com sua condição e com o direito a ter acesso aos profissionais da educação que tenham conhecimento a respeito desse atendimento.

Ainda no mesmo artigo 58º, parágrafo 3º, é determinado que: “A oferta de educação especial, nos termos do *caput* deste artigo, tem início na educação infantil e estende-se ao longo da vida, observados o inciso III do art. 4º e o parágrafo único do art. 60 desta Lei”. Pela vivência da pesquisadora, através do contato com a escola de Educação Especial José Álvares de Azevedo na cidade do Rio Grande/RS, foi constatado que a escola contribui com apoio, através das aulas de autonomia e independência desde o nascimento até a terceira idade, além de ofertar oficinas e contar com a disponibilidade de profissionais da saúde, entre outras tantas ações.

É explicitado no capítulo V, acerca da Educação Especial, assinalando o artigo 59º, em que se destaca a respeito da asseguaração aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, ressaltando os incisos I, II e III:

- I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;
- II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;
- III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns (BRASIL, 1996).

Os incisos I, II e III são importantes para definir diferentes questões a respeito de direitos dos estudantes no ensino regular. Dentre as questões levantadas, nos atentamos aos recursos educativos e técnicas, que quando desenvolvidas por professores com especialização e experiência, podem mudar positivamente o ensino aprendizagem desses educandos.

A LDB é muito importante, sendo criada alguns anos depois da Constituição Federal, tem como intuito de encontrarmos os direitos e deveres dos profissionais da educação e dos governantes, de tratar a respeito de objetivos até a valorização desses profissionais e explicita a respeito da garantia de acesso de todas as pessoas à educação gratuita, além de estabelecer vínculos entre a União, Estados e Municípios. A educação de qualidade deve ser construída juntamente com a comunidade escolar, com a finalidade de estabelecer conexão das leis, dos deveres e direitos dos cidadãos.

Em 2008, foi apresentado o documento que declara as diretrizes da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI), pelo Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. O documento tem como objetivo construir políticas públicas que promovam uma educação de qualidade para todos os estudantes, pensando em assegurar a inclusão dos estudantes com deficiência na rede regular de ensino (MEC, 2008). De acordo com o MEC/SEESP:

A escola historicamente se caracterizou pela visão da educação que delimita a escolarização como privilégio de um grupo, uma exclusão que foi legitimada nas políticas e práticas educacionais reprodutoras da ordem social. A partir do processo de democratização da educação se evidencia o paradoxo inclusão/exclusão, quando os sistemas de ensino universalizam o acesso, mas continuam excluindo indivíduos e grupos considerados fora dos padrões homogeneizadores da escola. Assim, sob formas distintas, a exclusão tem apresentado características comuns nos processos de segregação e integração que pressupõem a seleção, naturalizando o fracasso escolar (2008, p. 6).

Não somente as pessoas com deficiência são excluídas dos sistemas de ensino, mas

todos aqueles que não se encaixam nos padrões homogêneos da sociedade. Desse modo, é vital frisar a importância de políticas públicas que possam atender ao público marginalizado e penalizado, esse que está sem acesso à educação, saúde, trabalho e segurança, ou seja, que está sem acesso à dignidade humana.

Com o argumento de que muitos estudantes não estão sendo contemplados com a educação inclusiva e indo em sentido contrário aos ideais da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI), surge em 2020 um documento legal que trata sobre a implantação de uma nova política para a Educação Especial, a chamada Política Nacional de Educação Especial: equitativa, inclusiva e com aprendizado ao longo da vida²⁶ (PNEE), instituído pelo decreto nº 10.502.

[...] a defesa da inclusão total no contexto da sala de aula convencional, (mesmo que o educando não seja academicamente beneficiado por estar ali), na prática acaba sendo uma posição contrária à defesa da inclusão no período pós-escolar. A partir dessa análise, é imprescindível considerar que a inclusão na vida cultural, acadêmica, profissional e política, para muitos será possível apenas se ao educando for garantido o direito de ter atendimento educacional especializado no período em que este atendimento é requerido em função de suas demandas específicas (BRASIL, 2020, p. 16).

Embora recente, as escolas vêm se adequando de modo a incluir os estudantes com deficiência nas redes regulares de ensino, com o objetivo de que não somente seja contemplado academicamente, mas que também possa constituir laços com a comunidade escolar. Juntamente com o ensino regular ocorre o atendimento na escola especializada, como estabelecido pelo artigo 58º da LDB.

A escola é muito mais que um prédio onde as pessoas adentram e ali ficam aprendendo e ensinando sobre os mais “objetos de estudo”, mas também é um espaço onde as pessoas tem a possibilidade de estabelecer conexões, fazer amizades, aprender a conviver com a pluralidade das pessoas, entre outras ações tão necessárias para uma sociedade inclusiva e justa. Iacono e Silva apontam que:

A educação inclusiva é uma temática tão relevante quanto polêmica, pois se trata de pretender incluir – na escola, na sociedade de uma forma geral – pessoas que historicamente foram excluídas; mesmo hoje, nos primeiros anos do século XXI, com todos os recursos tecnológicos existentes e toda a riqueza produzida, a inclusão na escola, tanto quanto o acesso a essa riqueza, não acontece para todos, de forma equitativa, simplesmente porque vivemos numa sociedade dividida em classes sociais (2014, p. 56).

²⁶ Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/mec-lanca-documento-sobre-implementacao-da-pnee-1/pnee-2020.pdf>>. Acesso em: 17 jun./ 2022.

Ao longo do documento da PNEE (2020), se estabelece oposições a todo momento, respectivamente entre “defensores da educação especial” e “defensores da inclusão total” e uma divisão da “Educação Especial” e da “Educação Inclusiva”, como se ambas fossem realizadas totalmente separadas e que não pudessem trabalhar em conjunto. A todo o momento o documento se refere a educação inclusiva como se ela agisse de forma totalmente solitária, sendo que atualmente a mesma ocorre juntamente com a modalidade de ensino especial, constituindo dessa forma uma clara crítica à educação inclusiva, a qual já vem sendo desenvolvida nas escolas brasileiras.

No entanto, a educação inclusiva pode de maneira conjunta trabalhar com a educação especial, de forma a contribuir cognitivamente, socialmente e fisicamente no desenvolvimento dos educandos com deficiência. É fundamental visualizar o cidadão com deficiência como uma pessoa que possui direitos e acima de tudo, com o poder de fazer suas próprias escolhas.

Em janeiro de 2016, entrou em vigor a Lei nº 13.146, chamada Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com deficiência, que tem por objetivo a inclusão social e cidadania, além de reafirmar as suas capacidades, igualdade de condições e autonomia, sendo necessário que as pessoas com deficiência se empoderem, a fim de concretizar e tornar realidade as leis criadas. (LIMA, 2017, p. 55). A LBI além de reforçar questões referentes à educação, aborda e estabelece outros direitos acerca de saúde, trabalho e reabilitação profissional, acessibilidade, etc.

O Censo do IBGE demonstra que, em 2010, pelo menos 24% da população brasileira tem algum grau de dificuldade em pelo menos alguma das habilidades investigadas, como enxergar, ouvir, caminhar ou subir degraus ou alguma deficiência mental/intelectual. Com isso, é possível ter uma dimensão desse público, de modo a objetivar ações que possam contribuir para o acesso a diferentes espaços na sociedade.

De acordo com a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (nº 13.146), de 06 de julho de 2015, no Art. 2º, Capítulo 1, é considerado pessoa deficiente aquela que:

[...] tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2016).

Sendo assim, esse é um dos conceitos que definem as pessoas com deficiência. Existe outras definições, que podem se restringir a diferentes áreas, como a da saúde, por exemplo. Dessa forma, as definições são importantes para que se crie leis e movimentos em benefício a esses sujeitos.

Conforme o Instituto de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP), a inserção dos estudantes com algum tipo de necessidade específica aumenta a cada ano. As matrículas de 4 a 17 anos da educação especial, passou de 87,1% em 2014 para 92,1% em 2018. De acordo com o Censo Escolar, em 2018, o número de matrículas de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e/ou altas habilidades/superdotação chegou a 1,2 milhão. Essas matrículas foram realizadas em classes comuns, sendo incluídos, ou em classes especiais. Foi um aumento de 33,2% em relação a 2014. A influência se deu no número de matrículas do ensino médio, que dobraram durante esse período.

Dessa maneira, ocorreu um aumento considerável no número de estudantes com necessidades específicas nas escolas considerando os anos que se passaram, fazendo com que ocorra a reflexão de como o ensino de História pode se posicionar diante desse grande aumento.

É importante que o estudante com deficiência inserido na rede regular de ensino possa receber os serviços de apoio, a fim de que ele possa se desenvolver cognitivamente e socialmente, não sendo somente colocado na sala de aula, com o princípio de não se tornar exclusão as ações encarregadas pela escola. A presença de monitores, de infraestrutura adequada, de professores que participam de formação continuada, entre outras ações, são fundamentais para o movimento causado pelo aumento desses estudantes na rede regular.

Desse modo, com o tempo e com a construção de uma rede de diálogos e ações entre as famílias e a escola, pode se construir uma base forte que sustente o desenvolvimento das aprendizagens, tanto das pessoas que trabalham na escola como da comunidade escolar. Enquanto muitas pessoas lutam por uma educação inclusiva, outros grupos podem demonstrar diversos equívocos a respeito da educação especial e inclusiva.

No que diz respeito às pessoas com deficiência visual, elas podem se dividir em dois grupos, conforme sua acuidade²⁷, que pode corresponder à cegueira ou a baixa visão. Conforme Sá, Campos e Silva, a cegueira é uma alteração grave ou total de uma ou mais das funções básicas da visão, afetando de modo irremediável a capacidade de perceber cor, tamanho, distância, forma, posição ou movimento em um campo mais ou menos abrangente (2007, p. 15). Portanto, ela pode ocorrer desde o nascimento, chamada de cegueira congênita, ou que ocorreu posteriormente, conhecida como adquirida (cegueira adventícia).

Com base em Sá, Campos e Silva, as funções das pessoas com baixa visão, “[...] englobam desde a simples percepção de luz até a redução da acuidade e do campo visual que interferem ou limitam a execução de tarefas e o desempenho geral” (2007, p. 16). Segundo os

²⁷ Capacidade para diferenciar os estímulos mínimos dos sentidos, nesse caso, o da visão.

mesmos autores, “[...] traduz-se numa redução do rol de informações que o indivíduo recebe do ambiente, restringindo a grande quantidade de dados que este oferece e que são importantes para a construção do conhecimento sobre o mundo exterior” (2007, p. 17). Sendo assim, é muito difícil concluir uma definição porque existe uma variedade e intensidade de comprometimento de visão de cada indivíduo.

De acordo com a SEESP (2006, p. 46), as crianças com deficiência visual normalmente alcançam os conhecimentos através de experiências que não inclua o uso da visão, sendo necessário que sejam oferecidas a elas oportunidades de manifestar os demais sentidos como tato, audição, olfato e o paladar. Como exemplo de método de leitura para pessoas com deficiência visual tem-se o Sistema Braille.

O Sistema Braille é um código universal de leitura tátil e de escrita, usado por pessoas cegas, inventado na França por Louis Braille, um jovem cego. O ano de 1825 é reconhecido como o marco dessa importante conquista para a educação e a integração das pessoas com deficiência visual na sociedade (SEESP, 2006, p. 62).

Louis Braille adaptou o sistema de Charles Barbier que era um oficial do exército Francês, inventor de um código militar que facilitasse a comunicação durante a noite dos oficiais na guerra. Dessa forma, o oficial levou sua ideia para ser utilizada no Instituto Real dos Jovens cegos, em Paris, onde Louis atuava, sendo essa a primeira escola para cegos do mundo, inaugurada por Valentin Haüy (IBC, 2020). Esse foi um grande passo para as pessoas com deficiência visual, pois as possibilita de ler o mundo através do tato, com o intuito de promover uma comunicação por meio da escrita.

Segundo a SEESP (2006, p. 63), em 1825 ocorreu a definição da estrutura básica do sistema, a qual ainda é utilizada mundialmente. Foi comprovado que o Sistema Braille teve grande aceitação pelas pessoas cegas, embora tenha sido registrado que houve tentativas de adotar outras formas de leitura e escrita, além de outras com a ideia de aperfeiçoar a invenção de Louis Braille, no entanto sem resultados práticos.

A significação tátil dos pontos em relevo do invento de Barbier foi a base para a criação do Sistema Braille, aplicável tanto na leitura como na escrita, por pessoas cegas, e cuja estrutura diverge fundamentalmente do processo que inspirou seu inventor. O Sistema Braille, utilizando seis pontos em relevo, dispostos em duas colunas, possibilita a formação de 63 símbolos diferentes que são empregados em textos literários nos diversos idiomas, como também nas simbologias matemática e científica, em geral, na música e, recentemente, na Informática (SEESP, 2006, p. 63).

Interessante refletir que, um código pensado para a comunicação na guerra, e que posteriormente foi adaptado por Louis foi capaz de transformar a vida das pessoas com deficiência visual e sua relação com a escrita e leitura. Além disso, o sistema Braille é completo e também recebe símbolos matemáticos, contribuindo para o entendimento dessa matéria.

Em 1844, aos 10 anos de idade, José Álvares de Azevedo foi estudar na França, no Instituto dos Jovens cegos de Paris, onde ficou por seis anos. Aos 16 anos voltou ao Brasil, onde começou a escrever livros e a dar aulas particulares, além de ter seus artigos veiculados pelo jornal da Corte. Álvares deu aulas particulares à filha do médico Xavier Sigaud, que atuava para a corte.

Graças a esse fato, idealizou-se a criação de uma escola para pessoas com deficiência visual, sendo concretizada em 1854, o Imperial Instituto dos Meninos Cegos. No entanto, José não assistiu à inauguração, porque faleceu seis meses antes, vítima de tuberculose, aos 20 anos (IBC, 2020). Se não fosse o fato de José ter essa relação com a corte, pode ser que a educação para os cegos no Brasil fosse adiada.

Portanto, a primeira instituição no Brasil voltada para o atendimento de pessoas com deficiência visual foi constituída no século XIX, sendo o Imperial Instituto dos Meninos cegos, onde atuou o primeiro professor cego do Brasil, José Álvares de Azevedo, considerado o Patrono da educação de cegos no país. José buscou como modelo a instituição que estudou na França, além de ser introdutor do Sistema Braille no Brasil.

Em 1891, ocorre a mudança de nome do Instituto dos Meninos cegos para Instituto Benjamin Constant (IBC). Atualmente, o IBC é referência nacional na educação nacional, onde atua na capacitação profissional de pessoas cegas, com baixa visão, surdo cegas ou com diferentes doenças pertinentes à deficiência visual, além de ser um centro de pesquisas oftalmológicas (IBC, 2020).

Conforme a SEESP (2006, p. 145), o ensino de Geografia e História para os estudantes cegos requer o uso de livros e materiais didáticos transcritos para o sistema Braille, adaptados em relevo, com distintas texturas, assim como a ampliação da comunicação oral. Dessa forma, essas adaptações fazem com que a compreensão e aprendizagem dos estudantes se tornem mais satisfatórias a partir do momento em que os professores aliam as realidades dos estudantes com esses materiais adaptados.

É importante que a cada item do conteúdo programático o professor estimule a pesquisa sobre informações, a análise crítica, a manifestação verbal de todos os alunos, inclusive dos que apresentam deficiência visual. O professor também não deve se esquecer de explicitar oralmente tudo o que estiver escrevendo no quadro, bem como evitar atividades de leitura silenciosa, já que

o conteúdo assim tratado mantém-se fora do âmbito perceptual desse aluno (SEESP, 2006, p. 146).

Sendo assim, é necessário que ocorra adaptações durante as aulas, como o aumento da manifestação verbal e materiais didáticos que tenham alto relevo, por exemplo. E para isso os professores precisam de tempo e materiais para que possam auxiliá-los na criação de produtos que possam ser utilizados, ou seja, de uma estrutura na escola que possam acompanhá-los nesse caminho.

Na cidade do Rio Grande/RS existe uma escola especializada no atendimento às pessoas com deficiência visual, que carrega o nome de José Álvares de Azevedo. Sendo uma organização não governamental, foi fundada em 05 de novembro de 1962 e atende gratuitamente visando a asseguaração dos direitos de cidadania. Em 2019 atendia por volta de 90 estudantes, que compreendem dos primeiros meses até a terceira idade. Na escola é desenvolvido aulas sobre Orientação e Mobilidade; Atividade Física Adaptada; (Esporte Adaptado e Atividade Física); Atividade da Vida Autônoma Social, além de diversas tarefas como oficinas de teatro, música, cerâmica, entre outras.

Com o objetivo de observar as pesquisas que se voltam para as pessoas com deficiência visual dentro do ensino de História, realizou-se um levantamento de dissertações e teses disponibilizadas na Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no repositório Catálogos de Teses e Dissertações²⁸, ambos mantidos pela Capes²⁹.

Para tanto, na BDTD, foi utilizado o descritor “ensino de História e deficiência visual”, associado ao filtro “Ano de defesa” entre os anos 2012 e 2022. Foram observados cento e nove (109) resultados, dos quais oitenta e quatro (84) eram dissertações e vinte e cinco (25) eram teses, sendo encontrado apenas um (1) trabalho voltado para o ensino de História e estudantes com deficiência visual.

A dissertação encontrada foi a do autor Gabriel B. de O. e S. Leão, intitulada *Ensino de História para cegos: investigando práticas com uso iconografia*, da Universidade de São Paulo, do ano de 2017, sob o Programa de Pós-Graduação em Educação.

Ainda dentro da BDTD, através de um parâmetro que não contempla todas as pesquisas (109), com o filtro “Programa”, foi possível observar de forma reduzida quais Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* que mais recebem estudos a respeito das pessoas com deficiência visual, que são: quatorze (14) pesquisas em Educação; seis (6) em Ensino de Ciência e Tecnologia; sete (7) em Educação Especial; quatro (4) em Geografia; entre outros.

²⁸ Nesta busca os descritores foram apurados no título das pesquisas.

²⁹ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Para a pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações foi utilizado o descritor “deficiência visual”, com os filtros Grande Área de Conhecimento: Ciências Humanas; Área de Conhecimento: Educação e Ensino; Área Avaliação: Educação e ensino; Área Concentração: Educação, em que se encontrou 100 resultados, dos quais apenas um (1) trata sobre o ensino de História e estudantes com deficiência visual, sendo o mesmo encontrado na BDTD.

Entretanto, outros resultados pertinentes foram encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações, através do parâmetro acima, em que foram descobertas 100 pesquisas referentes às pessoas com deficiência visual, como esquematizado no quadro 2.

QUADRO 2. Temas/Assuntos com o descritor “deficiência visual” no Catálogo de Teses e Dissertações (CNPq), 2022.

Tema / Assunto	Quantidade de trabalhos
Inclusão escolar/ Capacitação dos professores/ Formação continuada	20
Análise do uso da linguagem/ Ensino aprendizagem/ Recursos pedagógicos/ Audiodescrição	16
Ensino de Artes/ Música/ Filmes/ Manifestações Artísticas	11
Políticas Públicas de Inclusão/ Práticas Sociais	10
Identidade/ Experiências/ Saberes Culturais/ Memórias escolares/ Autobiografias	9
Tecnologias assistivas/ TICs/ Acessibilidade/ Jogos	9
Inclusão no Ensino Superior	8
Ensino de Matemática	5
Sala de recursos/ Atendimento Especializado	3
Ensino de Ciência	3
Instituições educacionais	2
Ensino de História	1
Surdo-cegueira	1
Língua Inglesa	1
Educação ambiental	1

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações (CNPq), 2022.

Dos cem (100) trabalhos de conclusão de curso de Pós-Graduação *stricto sensu* que foram observados, há uma variedade de abordagens no que se refere às pessoas com deficiência

visual, em que setenta e seis (76) pesquisas são do âmbito do Mestrado e vinte e quatro (24) do Doutorado. Todas as pesquisas foram realizadas na esfera da Pós-graduação em Educação.

Nota-se que a maior parte das pesquisas de conclusão de curso de Pós-Graduação voltam-se para a inclusão, capacitação e formação continuada de professores, além de questões referentes ao ensino aprendizagem e recursos pedagógicos. Isso pode se dar devido ao fato de que essas questões estão próximas aos educadores, fazendo com que os mesmos se questionem e reflitam, para que possam compreender e contribuir com a formação dos professores, dos estudantes com deficiência e com conhecimentos para a comunidade escolar.

É possível perceber que assuntos referentes as Artes, como o ensino, a música, filmes e manifestações artísticas também são evidentes, pois através da Arte que os humanos conseguem desenvolver e expressar suas emoções, cultura e história, para que assim possam se sentir vivos através da comunicação com as outras pessoas, enquanto trazem à tona suas essências, sendo de extrema importância para a difusão de uma sociedade mais justa, igualitária, inclusiva e empática, sendo essencial seu desenvolvimento através das vivências de toda uma comunidade social.

Para além, evidenciou-se pesquisas acerca de políticas públicas e a respeito da identidade e experiências das pessoas com deficiência. Tais assuntos são importantes para que a sociedade saiba qual é a demanda das pessoas com deficiência e de como elas se veem diante da coletividade, a qual ainda reproduz o capacitismo nas diversas esferas sociais. Ademais, observou-se pesquisas referentes a acessibilidade e TICs, as quais são extremamente importantes num mundo globalizado e com alta demanda de modificações acerca de acessibilidade atitudinal³⁰, arquitetônica³¹ ou nas comunicações³², como por exemplo, através do mundo virtual com o acesso facilitado à computadores e *smartphones*.

Também se constatou pesquisas relativas ao ensino superior e a inclusão, tendo em vista o aumento de pessoas com deficiência nesses espaços³³. Embora tenha aumentado o número de

³⁰ Se refere a atitude individual dos seres humanos. É fundamental combater uma sociedade que reproduz estereótipos preconceituosos em relação as pessoas com deficiência. Graças a essa acessibilidade é possível criar uma rede de pessoas empenhadas em modificar os mais diversos setores na sociedade para que a mesma se adeque com dignidade e respeito às pessoas com deficiência.

³¹ Se refere a modificações arquitetônicas em edifícios, equipamentos e espaços urbanos. Como por exemplo através da criação de rampas, piso tátil e banheiros adaptados.

³² Se refere a eliminação de barreiras referentes a comunicação, como por exemplo através da língua de sinais, da escrita (braille) e virtual com programas para computador que auxiliem as pessoas com deficiência visual (Dosvox).

³³ De acordo com o Censo da Educação Superior, desenvolvido pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) no ano de 2018, aponta que o total de matrículas em cursos de Graduação referente aos estudantes com deficiência subiu de 0,34% (20.530) em 2009, para 0,52% (43.633) em 2018. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/apresentacao_censo_superior_2018.pdf>. Acesso em 01 jun./2022.

estudantes com deficiência nas universidades, se questiona a respeito da acessibilidade (in)existente e a permanência dos mesmos nesse espaço, que pode ser considerado por muitas pessoas ainda extremamente elitizado.

Além dos temas/assuntos supracitados, também se constatou pesquisas referentes às salas de recursos e atendimento especializado. Ambos são extremamente importantes para o desenvolvimento individual dos estudantes com deficiência. São relevantes na contribuição de uma aprendizagem significativa através de materiais didáticos e ações que juntamente com o professor do ensino regular visem complementar o aprendizado dos educandos.

Trabalhos voltados para o ensino de matemática também foram observados. A matemática é uma disciplina apontada como extremamente difícil por muitas pessoas, sendo vista como um “terror” no ensino fundamental e médio, no entanto, existem muitos pesquisadores e professores que fazem a diferença ao projetar uma matemática acessível, inclusiva e de fácil entendimento. Ademais, de modo reduzido, mas não menos importante, atestou-se pesquisas voltadas para o Ensino de Ciência (3), Instituições educacionais (2), Ensino de História (1), Surdo-cegueira (1), Língua Inglesa (1), e Educação Ambiental (1).

Embora existam leis e projetos basilares, tais como a Convenção de Guatemala, a LDB e a Convenção de Salamanca, entre outras, que falam a respeito das modificações necessárias para se combater a discriminação e também quanto ao ensino e aprendizagem das pessoas com deficiência e da formação dos professores para a inclusão, há barreiras para a implementação de novas práticas do saber docente. Isto é, ainda existem diversas lacunas que precisam ser preenchidas, além da superação e novas maneiras de desenvolver aulas que contemplem as gerações que cada vez mais estão conectadas à *Internet*.

Com isso, percebe-se que há um estreitamento de bibliografias que dizem respeito às pessoas com deficiência visual e como se dá seu ensino aprendizagem. É necessário que haja mais pesquisas nessa área, assim como da tecnologia, em específico para os estudantes com deficiência visual, para que se possa incluí-los no processo escolar de forma a eliminar barreiras que possam atrasá-los, de modo a prepará-los para o cotidiano tanto da escola quanto fora dela.

Os recursos educacionais são essenciais para que o aprendizado das pessoas com deficiência visual possa, através de suas capacidades sensoriais ter um melhor desempenho durante as aulas. Os recursos quando bem planejados proporcionam diversas explorações da disciplina ministrada, que em conjunto com outros fatores estruturais e através de pessoas capacitadas traz ao educando progressos fundamentais no ensino.

A partir desses movimentos, o estudante pode através da exploração analisar e estabelecer relações entre conceitos, além de criarem o costume de colocar no seu cotidiano a

pesquisa como potencialidade de desenvolvimento para suas aprendizagens. Sendo assim, os recursos didáticos adaptados para os estudantes com deficiência visual se tornam importantes na medida que o ensino de História possui muitos conteúdos abstratos, que precisam ser trabalhados para melhor compreensão do educando.

É possível identificar com o Parâmetro Curricular Nacional³⁴ da disciplina de História quais são as competências e habilidades que os estudantes devem desenvolver ao longo da área e percebe-se que nada tem a respeito do ensino aprendizagem das pessoas com deficiência. Embora o documento aborde sobre diversos recursos didáticos que podem ser utilizados com os educandos, não tem nenhuma parte se referindo em específico a adaptações que podem ser desenvolvidas para as pessoas com deficiência.

Isso reflete na forma como ocorre a formação de professores e da pouca agilidade da universidade em definir propostas pedagógicas nos cursos de graduação que contemplem esse público, além de uma restrição de produção de materiais pedagógicos na área de História adaptados para os estudantes com deficiência visual. Além desses fatores, as salas de recursos localizadas nas escolas devem ser organizadas por pessoas capacitadas, de forma a atender a demanda desses educandos, sendo imprescindível a existência de materiais didáticos adaptados.

O decreto federal nº 6.571³⁵, do ano de 2008, afirma que o Estado deve oferecer apoio técnico e financeiro a fim de ampliar o atendimento educacional especializado que é disponibilizado nas redes públicas de ensino. Sendo assim, para os estudantes com deficiência são assegurados, através das salas de recursos multifuncionais, recursos educacionais tais como livros didáticos e paradidáticos em Braille, áudio e língua brasileira de sinais (LIBRAS), *laptops* com sintetizador de voz, *softwares* para comunicação alternativa, entre outros.

Para além, a fim de contemplar as pessoas com deficiência visual existe o reglete [sic], programas de leituras em computadores e celulares, utilização de métodos que prezem pela oralidade, tato e paladar, como através de maquetes e mapas em alto relevo, assim como o piso tátil nas dependências da escola. Com o objetivo de informar sobre orientação e mobilidade das pessoas com deficiência visual, existem alguns procedimentos que podem facilitar e apreciar a vida junto a esses sujeitos.

De acordo com Núcleo de Educação Especial da Universidade Federal da Paraíba³⁶, existem alguns procedimentos que podem ser dispostos diante das pessoas com deficiência

³⁴ Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf>>. Acesso em: 20 ago./2022.

³⁵ Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2008/decreto-6571-17-setembro-2008-580775-publicacaooriginal-103645-pe.html>>. Acesso em: 20 ago./2022.

³⁶ Disponível em: <[http://www.ce.ufpb.br/nedesp/contents/noticias/como-interagir-com-uma-pessoa-cega#:~:text=p\)%20Se%20conversar%20com%20uma,pessoas%20cegas%20tamb%C3%A9m%20as%20usam.](http://www.ce.ufpb.br/nedesp/contents/noticias/como-interagir-com-uma-pessoa-cega#:~:text=p)%20Se%20conversar%20com%20uma,pessoas%20cegas%20tamb%C3%A9m%20as%20usam.)>. Acesso em: 27 set./ 2022.

visual, como por exemplo, se dirigir a ela ao conversar, e não somente ao acompanhante. Além do mais, o ato de falar quando se chega ao ambiente em que a pessoa está se torna imprescindível, pois anuncia a sua presença, contribuindo para que ela possa identificá-la.

As pessoas com deficiência visual também querem saber e discutir sobre os interesses em comum que têm com outras pessoas, como as séries, filmes, esportes, músicas, entre outros. Quando sair do ambiente, é conveniente avisar à pessoa com deficiência visual, para que ela não fique falando sozinha, assim como avisar quando voltar. Além disso, apresentar o visitante cego às demais pessoas colabora para a socialização do mesmo.

Esses são alguns procedimentos que podem ser colocados em prática, podendo ser úteis tanto na escola quanto fora dela. As pessoas com deficiência podem ser independentes e mostrar de diversas formas suas habilidades, no entanto, elas precisam de espaço para que possam se sentirem seguras e respeitadas e assim demonstrarem sua essência para os demais.

2.4 Conhecendo o professor

A Escola estadual de Ensino Fundamental 13 de Maio, na cidade do Rio Grande/RS recebeu a pesquisadora para a realização da entrevista com o professor de História. Localizada na rua Dom Bosco, na COHAB II, possui em suas dependências sala de educação especial, laboratório de informática, biblioteca, quadra de esportes, entre outros. Primeiramente foi realizado o primeiro contato com a direção da escola através da coordenadora pedagógica, que recebeu a Carta de Apresentação³⁷ da pesquisadora.

O professor que nos disponibilizou seu tempo para a realização da entrevista se chama Tiago Larrosa, atuante dentro da sala de aula há 6 anos, sendo esse tempo exclusivo na rede estadual de ensino da cidade do Rio Grande/RS. Possui graduação em História pela FURG desde 2009, mestrado em Sociologia pela UFPEL, sendo também professor de Yoga.

Ministra as disciplinas de História e Ensino Religioso através de uma carga horária de 20 horas semanais. O professor possui seis turmas para a disciplina de História e duas turmas para a disciplina de Ensino Religioso, em que há aproximadamente entre 21 e 24 estudantes em cada turma.

Atualmente faz formação continuada, sendo essa intensificada com a pandemia, por causa das diversas adaptações que a escola teve que realizar para desenvolver as aulas síncronas, através do Google Sala de aula, em que os professores ficaram utilizando por

³⁷ A Carta de Apresentação está localizada no apêndice C.

aproximadamente um ano e meio. Além da formação continuada com viés para o digital, os professores também contam com atividades formativas tais como palestras, dinâmicas, vídeos, entre outros, que são organizadas pela coordenação pedagógica da escola.

Nesse sentido, as formações continuadas se tornam essenciais no cotidiano dos professores, pois diante das diversas modificações que vão ocorrendo na escola a fim de atender aos estudantes faz com que seja cada vez mais importantes tais formações. Sendo assim, os professores precisam estar atentos as demandas dos educandos, de forma a atraí-los para o processo de ensinar e aprender.

De acordo com o professor, muitos estudantes tiveram dificuldades de acesso aos meios digitais, devido à falta de dispositivos e/ou *Internet* e por esse motivo compareciam nas aulas síncronas cerca de três estudantes, apenas. Além desses fatores, para o docente Tiago existe a questão de que muitos professores já estão com maior contato com o meio digital, favorecendo dessa forma o desenvolvimento das atividades do cotidiano escolar.

Infelizmente a exclusão digital se faz presente em nossa sociedade, de modo a atingir de diferentes maneiras os educandos. Nesse sentido, é necessário buscar caminhos de uma sociedade que possa ter acesso aos meios digitais, como através de meios institucionais, por exemplo.

Devido ao fato de que a maioria dos estudantes não tinham condições de assistir as aulas síncronas, a escola disponibilizava as atividades para que os responsáveis pudessem retirar na escola, e assim os educandos estudavam em casa, respondiam as tarefas e depois devolviam a escola as atividades, para que os professores corrigissem. Dessa forma, as escolas buscaram maneiras de amenizar os impactos causados pela pandemia, prezando pelos estudantes e objetivando acompanhar seus progressos.

2.4.1 A entrevista

Com o objetivo de compreender acerca da realidade docente e do educando cego na escola pesquisada, foi realizada uma entrevista com o professor. A entrevista também teve como finalidade compreender sobre como o docente planeja suas aulas para o estudante com deficiência visual, quais os principais obstáculos do cotidiano escolar, assim como observar se o professor se utiliza das TICs e do *podcast* no processo de ensino.

No dia da entrevista, ao chegar na escola, a pesquisadora foi apresentada ao docente que prontamente se interessou pela pesquisa e em participar através da entrevista. A entrevista teve a duração de aproximadamente 45 minutos e foi realizada na Biblioteca da escola no intervalo

entre uma aula e outra do professor. A pesquisadora se utilizou do celular para poder gravar e se utilizou do roteiro³⁸ para poder se guiar.

Através do questionamento: *Como planejas e avalias as tuas aulas para os estudantes com deficiência visual?*, foi possível perceber a dedicação que o educador tem com o estudante, que está no oitavo ano. O professor frisa que o educando e os professores contam com a contribuição da monitora, que se mantém na escola desde o início do ano, acompanhando o estudante do princípio ao fim da aula.

Em relação ao planejamento da aula, o professor relata que procura falar muito mais do que escrever no quadro, com a finalidade de envolver e interagir com o educando cego. Quando ocorre a escrita no quadro, a monitora narra ao educando que ao ouvi-la, digita na máquina de escrever em Braille. As folhas em que o educando escreve são levadas para casa para que o mesmo possa estudar, além de poder contar com o livro de História em Braille, que foi conquistado pela professora da Sala de Recursos.

A prova realizada pelo estudante cego é a mesma que os demais colegas fazem, com o diferencial da monitora ler a prova e escrever suas respostas enquanto o mesmo responde oralmente. Através do relato do professor é possível perceber que a monitora se torna essencial no cotidiano escolar, pois quando a mesma não consegue ir, o professor precisa parar a aula a todo momento para ajudar o estudante a organizar seus papéis e ditar o que está posto no quadro, por exemplo.

Em relação as aulas síncronas, o estudante cego teve algumas dificuldades, pois não conseguia participar das aulas devido à falta de equipamentos que possibilitasse ao acesso à *Internet*. Posteriormente com a aquisição de um celular, o estudante e o professor conseguiram se comunicar durante a pandemia via o aplicativo *Whatsapp*.

Dessa forma, o professor conseguia disponibilizar vídeos, sempre com a preocupação de que tivesse uma boa narração para que o educando compreendesse inteiramente o conteúdo a ser discutido. Mais tarde o estudante tinha que responder as questões referentes ao vídeo e as demais atividades, para que se pudesse avaliar o seu progresso na disciplina.

Sendo assim, é possível observar a importância da monitora na sala de aula, em que a mesma contribui para o processo de evolução do educando dentro da escola. Além do mais, o docente se faz presente e demonstra sua importante atuação na sala de aula, que em conjunto com a coordenação pedagógica objetivam atender aos educandos com deficiência da melhor

³⁸ O roteiro se encontra no apêndice A.

maneira possível. Por fim, é possível visualizar como as dificuldades da falta de estar no meio digital atingem o aprendizado dos estudantes.

De acordo com a SEE/RS (2018), a avaliação faz parte dos processos do cotidiano e aprendizagem, em que todas as pessoas estão envolvidas, sendo assim, a mesma não pode ser compreendida de maneira isolada, pois faz parte de uma estratégia pedagógica. Ao avaliar, é possível mudar a direção do planejamento que o professor desenvolve, a fim de garantir a ampliação das competências dos educandos.

Através da pergunta: *Já utilizaste TICs durante o desenvolvimento de atividades? Como foi?*, percebe-se que o professor costuma utilizar a sala de vídeo da escola, com a preocupação de utilizar vídeos que contêm uma narrativa que possibilite ao educando compreender o assunto disposto. A sala de informática, no momento está passando por reformas, no entanto, também é importante. Sendo assim, o professor procura realizar as adaptações necessárias para contemplar o estudante cego.

Por causa de sua avó que ficou cega, o prof. Tiago constituiu ao longo de sua vida uma grande preocupação ao lidar com as pessoas cegas no seu cotidiano, como através de cuidados por onde caminhar, com o fogo, entre outras formas de sinalizar e orientar. Essa convivência familiar fez com que o professor tivesse outras percepções acerca das pessoas cegas, além da atenção com as mesmas.

É possível verificar que quando a escola possui uma infraestrutura adequada e acessível, se consegue realizar trabalhos que possam envolver os estudantes no processo escolar. Além do mais, o docente traz sua experiência familiar para dentro da escola, com o objetivo de contemplar do melhor procedimento possível ao educando cego.

Em relação a pergunta: *Quais as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos com deficiência visual na compreensão da História? Como propões a superação de tais dificuldades?*, o professor relata que a maior dificuldade se dá por causa da descrição de imagens e dos mapas, pois para o docente ao descrever sempre se “perde” algum detalhe, tendo certo limite, enquanto os mapas podem ser adaptados para o alto-relevo. Além do mais, o docente acredita que o maior obstáculo na escola está na falta de tempo e estrutura, pois é importante pensar e refletir sobre as alternativas que contemplem os educandos incluídos.

Sendo assim, a escola poderia rever sua forma de desenvolver as aulas assim como rever o papel do professor, esse que trabalha todos os dias, em que cada turma ele fica atuando aproximadamente 45 minutos, onde precisa falar sobre um assunto, e na próxima aula outro assunto e assim por diante. Além do mais, a infraestrutura se faz mais uma vez presente e importante, para que os estudantes se sintam pertencentes ao espaço escolar, assim como fazer

dos professores profissionais que tenham o mínimo de material para constituir suas aulas e torná-las dinâmicas.

Na pergunta: *Qual é, na tua opinião, as melhores formas de possibilitar/favorecer o aprendizado dos estudantes com deficiência visual? Por quê?*, o docente relata que é importante a escola possibilitar diversas atividades aos estudantes, tais como música, dança, esporte (bola com guizo), não se limitando a sala de aula, ao quadro e ao giz. Para o professor, a estrutura de início, meio e fim da escola dificulta os estudantes, atrasando não somente os educandos com deficiência, mas todos aqueles que fazem parte da comunidade escolar.

Para o educador, os momentos em que os estudantes saem da sala de aula e realizam diferentes atividades é quando mais aprendem e ensinam. A interação entre os colegas possibilita o outro de perceber suas habilidades, não limitando as pessoas pela sua deficiência e reforçando o capacitismo.

Dessa forma, a Arte e o esporte se tornam essenciais para os alunos, que podem através de suas vivências transbordar suas sensações e sentimentos através da dança e dos jogos de bola, por exemplo. Faz com que a escola contemple os estudantes de outras formas, especialmente os estudantes com deficiência visual, que passam por diversos estigmas tanto dentro da escola quanto fora.

Através do questionamento: *Quais são os principais obstáculos encontrados no cotidiano escolar que dificultam a prática docente, em específico aos educandos com deficiência visual?*, o docente menciona a respeito do barulho existente na turma em que o estudante cego está, pois atrapalha a todos os educandos. Além do mais, se percebe que a falta de estrutura e acesso as tecnologias que tragam qualidade ao som são também importantes.

Com isso, é possível visualizar que é necessário para o educando cego uma turma mais calma, para que possa progredir é fundamental o uso da audição, visando compreender de forma clara os assuntos desenvolvidos. Para além, equipamentos que possibilitem a qualidade de som se tornam importantes tanto para o estudante cego como para os demais.

A última pergunta: *Já fizeste uso de podcasts com os estudantes? Se sim, como foi a experiência? Se não, o que achas da possibilidade?*, o educador expõe que ainda não utilizou o *podcast* em suas aulas, mas que acha uma ótima ideia, pois esse formato de áudio serve para todos os estudantes, fazendo com que consigam prestar mais atenção no áudio contribuindo para que não ocorra tanta dispersão. Além do mais, é importante os estudantes compreenderem que existem outras formas de aprender, que não seja somente audiovisual.

Além do que foi colocado e discutido a partir das questões, se percebe que além dos problemas enfrentados pelos professores por causa das estruturas escolares, também existem as

dificuldades causadas pelos baixos salários e seu parcelamento, em especial aos professores do Estado, obrigando os docentes a pagarem juros ao banco para poderem retirar seus salários de forma antecipada.

Por fim, o professor ressaltou sobre a importância da formação e da infraestrutura escolar. Em sua formação, no ano de 2009, por exemplo, não teve em sua grade curricular da graduação em História as disciplinas de Libras e nem as que contemplassem a história da África, afro-brasileira e a história indígena. Isso faz com que os docentes entrem na sala de aula com uma lacuna, fazendo com que deixem de lado essas matérias ou fiquem aprendendo no dia a dia em formas de trabalha-las.

Além do mais, relata sobre a importância da professora da sala de recursos e da diretora, que constantemente lembram aos docentes sobre a importância de adaptar. Para ele, parte muito da boa vontade dos professores fazerem com que ocorra o andamento das adaptações na escola. Sendo assim, é possível visualizar a importância de uma equipe, que unida, pode fazer mudanças significativas na escola, atingindo a todos de forma positiva no ambiente escolar.

Foi possível levantar diversas questões importantes a partir da entrevista. Uma delas é que se torna perceptível que a escola, em especial a coordenação pedagógica e o professor entrevistado fazem o possível para que os estudantes possam se sentir incluídos. Isso demonstra que a responsabilidade e a competência se tornam importantes, para que o processo escolar dos educandos com deficiência ocorra de forma digna.

Para que a inclusão nas diferentes esferas sociais aconteça, é necessário a atuação dos governos federais, estaduais e municipais, pois é notória as dificuldades enfrentadas por educandos e professores. Embora as escolas recebam os educandos com deficiência, é fundamental que a mesma possua adaptações, como piso tátil ou rampa de acesso, placas de informação em Braille, livros e materiais em Braille, entre outras.

3 APRESENTANDO O *PODCAST*

As mídias estão cada vez mais presentes no cotidiano das famílias nos mais variados cenários mundiais. Gradativamente as tecnologias vão melhorando e conseqüentemente as adaptações para os mais diversos públicos, tanto em relação às gerações como a respeito das diversas localidades que recebem o acesso à *Internet* e os aparatos tecnológicos, através da Globalização. Com o *podcast* não foi diferente, que por causa da pandemia, o acesso aos conteúdos na *Internet* aumentou, fazendo com que ocorresse a ampliação de ouvintes e adeptos deste arquivo de áudio. De forma técnica, de acordo com Barros e Menta:

PodCast é uma palavra que vem do laço criado entre Ipod – aparelho produzido pela Apple que reproduz mp3 e Broadcast (transmissão), podendo defini-lo como sendo um programa de rádio personalizado gravado nas extensões mp3, ogg ou mp4, que são formatos digitais que permitem armazenar músicas e arquivos de áudio em um espaço relativamente pequeno, podendo ser armazenados no computador e/ou disponibilizados na *Internet*, vinculado a um arquivo de informação (feed)³⁹ que permite que se assine os programas recebendo as informações sem precisar ir ao site do produtor (2007, p. 2-3).

O *Ipod*, criado em 2001, foi e é bastante utilizado por diversas gerações. Algumas pessoas tiveram acesso a esse aparelho, outras pessoas não, mas todo mundo se lembra da ‘febre’ quando foi criado. Havia ali a possibilidade de colocar as músicas que quisesse para ouvir a qualquer hora, sem ficar dependendo de antena ou sintonização da rádio, além de armazenar arquivos e dados pessoais que podiam ser acessados quando conectado ao computador.

No entanto, o termo *podcast* surgiu apenas em 2004, a partir de Adam Curry (DJ da MTV) e Dave Winer (criador de software) que constituíram um programa com a finalidade de descarregar transmissões de rádio na *Internet* diretamente para os *Ipods* (MOURA; CARVALHO, 2006, p. 88). Dessa forma, a evolução de aparelhos eletrônicos possibilitou que as pessoas pudessem ter outras fontes para ouvir os *podcasts*, como os celulares e *notebooks*, por exemplo.

Com a pandemia, os hábitos das pessoas se modificaram, contemplando de forma

³⁹ De acordo com Barros e Menta (2007, p. 4), *Feed* é um arquivo que permite a assinatura e recebimento de programas sonoros criados, o *feed* é cadastrado em serviços conhecido como diretórios, o qual serve como um tipo de catálogo para encontrar *podcasts*, que são divididos por países, assuntos, idiomas, etc.

evidente o uso das mídias, como por exemplo, a do *podcast*. Pezzotti⁴⁰ escreveu uma matéria para a UOL⁴¹ sobre o aumento de ouvintes de *podcasts*, em que aponta com base no relatório divulgado pelo Spotify, que ocorreu um aumento de 140% entre janeiro e novembro de 2020 de ouvintes de *podcasts* sobre notícias e políticas, comparado com dados do mesmo período do ano anterior. Além disso, em relação à *podcasts* educacionais, ocorreu um aumento de 81% entre janeiro e novembro de 2020 entre ouvintes do mundo inteiro.

Existem alguns estudos relacionados à *podcasts* e educação brasileira, como por exemplo, a tese de Eugênio Freire, intitulada *Podcast na educação brasileira: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação*. A tese trata sobre o uso do *podcast* tanto em contextos escolares quanto não escolares, analisando o *podcast* sob uma ótica própria da tecnologia educacional. Sendo assim, nesse estudo o autor abre um debate para discutir a utilização do *podcast* para além dos contextos não escolares, trazendo-o para as escolas.

Freire aponta que, “[...] é possível entender o *podcast* como uma produção de áudio que difere da rádio tradicional pela maior maleabilidade de acesso e produção de conteúdo” (2013, p. 59). Dessa forma a pessoa que ouve *podcast* não fica dependente de programas ao vivo como os que existem na rádio, deixando a pessoa livre para ouvir o conteúdo quando pode.

O aumento de *podcasts* no país favorece a diversificação do acesso pelas pessoas com deficiência visual (FREIRE, 2013, p. 168). Embora os *podcasts* não sejam um tema tão explorado no meio educacional, ele pode auxiliar dentro do horizonte educacional, além disso, as pessoas com deficiência visual podem ter mais acesso aos conteúdos, tendo a oportunidade de amplificar seus contatos com a informação, sem necessidade de tempo real e local predestinado para o uso do recurso (SAIDELLES *et al*, 2018, p. 3). É importante trazer essas novas tecnologias, pois favorece o alcance da informação aos mais diversos públicos.

Segundo Diegues e Coutinho: “O *podcast* permite disponibilizar materiais didáticos [sic] como aulas, documentários e entrevistas em formato áudio, podendo ser ouvidos a qualquer hora e em diferentes espaços geográficos” (2018, p. 130). Os estudantes estão cada vez mais imersos nas águas virtuais, em que a partir dessa questão podemos relacioná-la com o cotidiano escolar para que os estudantes possam se sentir contemplados com aulas que os aproxime do que eles costumam acompanhar no mundo virtual.

⁴⁰ UOL. Spotify cria retrospectiva de 2020 especial para anunciantes. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/12/11/spotify-cria-retrospectiva-de-2020-especial-para-anunciantes.htm>>. Acesso em: 29 jan./2021.

⁴¹ A UOL (Universo *Online*) é uma empresa de conteúdo da *Internet*, tendo vários canais de jornalismo, sendo considerado o primeiro portal de conteúdo no Brasil.

Os *podcasts* têm a funcionalidade de estar ao alcance das pessoas através dos computadores, celulares, *tablets*, além das pessoas poderem ouvi-lo em casa, a caminho do trabalho, no ônibus, sendo considerado por Saidelles *et al.* (2018, p. 3), especialmente pertinente para estudantes com ritmo de aprendizagem mais lento, para pessoas com deficiência visual, além de ser aliado de estudantes trabalhadores quando os mesmos não podem comparecer às aulas. Sendo assim, as tecnologias e as variadas mídias podem ser instrumentos pedagógicos que favorecem para a prosperidade da cultura escolar, podendo ser utilizados através dos celulares, computadores e/ou *tablets*.

Nesse novo cenário, os deficientes visuais acrescem seu universo de contato com produções de oralidade tecnológica na medida em que inserem em suas práticas o acesso a programas distribuídas sob demanda, detentores de larga maleabilidade em seu acesso (FREIRE, 2013, p. 169).

O *podcast* pode ser ouvido tanto pelo celular quanto pelo computador, podendo ser aliado das pessoas com deficiência visual ao passo de que pode ser disponibilizado em áudio entrevistas, documentários e aulas, etc. Dessa forma vai contribuindo para mais uma forma tecnológica de auxílio, que vai desenvolvendo a escuta e interpretação das pessoas.

De acordo com Barros e Menta: “As várias mídias integradas em sala de aula, como meios de comunicar e fazer aprender, são mais um desafio que quando enfrentado pode ou não potencializar os bons resultados no trabalho pedagógico” (2007, p. 1). Sendo assim, cabe à formação continuada dar suporte aos professores para lidar com os processos pedagógicos que contemplem as mídias, além de desenvolver com os estudantes formas em que eles possam interpretar de maneira crítica tudo o que é acessado na *Internet*.

Os professores tiveram que aprender a modificar sua comunicação com a comunidade escolar em um curto intervalo de tempo, devido a pandemia. Com isso, a formação continuada fica evidente como elemento essencial na prática docente, no que diz respeito ao uso das novas tecnologias de informação e comunicação.

Sendo assim, esse tempo percorrido “dentro” dos computadores e celulares por causa do ensino remoto fez com que os professores, responsáveis e estudantes pudessem utilizar com mais frequência as ferramentas digitais. Isso de alguma forma fez com que ocorresse uma experiência de aproximação com os aparatos tecnológicos e conseqüentemente trouxe à tona reflexões a respeito da tecnologia como facilitadora no processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Santos *et al.*:

O processo de formação continuada dos professores exige não só o domínio

da ferramenta tecnológica, mas também, a elaboração de estratégias que assegure a aprendizagem dos alunos. Com a inserção das tecnologias educativas nas aulas, surge um ambiente inovador que favorece o enriquecimento do ensino, por meio do desenvolvimento de potencialidades e uma mudança de postura da parte dos professores e alunos (2020, p. 4).

Com isso, o objetivo da reflexão, dos estudos e da formação continuada dos professores é fazer com que se obtenha um retorno a longo prazo de uma educação que preze por metodologias ativas, através de investimentos no campo da educação e das ferramentas tecnológicas. Dessa forma, por meio de um planejamento educacional, é possível visualizar as tecnologias como aliadas dos professores através de uma finalidade e não apenas como uma atividade jocosa ou pesarosa.

Em relação ao uso de tecnológicas informáticas e o seu domínio pelo professor, é igualmente válida para a relação dos estudantes com o uso de programas de computador, sendo que os alunos podem ter até maior domínio técnico do que os professores, acerca desta esfera (FREIRE, 2013, p. 61). As gerações de professores e estudantes muitas vezes podem parecer distantes, mas também existem muitos professores da mesma geração que os alunos e em todas as ocasiões ocorrem trocas de conhecimentos. Para Jaques:

[...] o podcast se diferencia das demais mídias pelo seu fator de propagação, e isto ocorre sem a necessidade do ouvinte ser obrigado a fazer o download (“baixar” o arquivo que contém o áudio do programa), bastando apenas utilizar o agregador para que seja avisado de quando um novo conteúdo estiver “no ar”, facilitando seu acesso até para pessoas que não possuam domínio pleno da tecnologia (2020, p. 6).

O agregador pode ser um programa ou aplicativo que facilita o acesso a diversos conteúdos que as pessoas procuram, podendo ser instalado tanto nos celulares como nos computadores e *tablets*, cabe a pessoa escolher os sites que busca ver constantemente ou quando precisar. Dessa forma, as atualizações ficam somente em um lugar, não precisando fazer com que se desloque de página a página para achar o que necessita. Como exemplo de agregador tem-se o Spotify, conhecido mundialmente.

Diwana e Filho (2008, p. 1), apontam que as lógicas de produção e consumo em *podcast* têm contribuído na construção de uma lógica comunicacional diferente da que foi organizada pela consolidação dos meios de comunicação em massa. Sendo dessa forma facilitado pelo fato de que não precisam ser instalados diversos aplicativos ou programas nos computadores ou celulares, mas apenas acessá-los *online*.

O podcasting é um sistema inserido na lógica da rede que integra vários programas – que funcionam como serviços - numa grande plataforma de uso ao alcance do internauta. Ou seja, para se produzir e consumir o podcast qualquer usuário da rede pode trabalhar e acessar ferramentas, aplicativos e programas que são disponibilizados online e não precisam ser instalados num computador (DIUANA e FILHO, 2008, p. 9).

Além disso, o *podcast* oportuniza outras vantagens como dar poder às pessoas para escolherem o conteúdo que pretendem acessar. Diuana e Filho (2008, p. 9) expõem que, o *podcast* tem uma característica exclusiva em comparação com outras formas de produzir e consumir áudio na rede, pois o *podcast* não está reduzido a plataforma de PC⁴², além de que o conteúdo pode ser baixado também pelo celular desde que tenha acesso à *Internet*. O Google Podcasts, por exemplo, oferece o *download*⁴³, além de outros aplicativos que oferecem a forma de ouvir *offline*⁴⁴ como Spotify e Deezer.

Embora os internautas se tornem *podcasters*⁴⁵ em potencial, isto é, eles podem criar condições materiais para ouvirem e serem ouvidos, por outro lado, o acesso à produção fica difícil para as pessoas que vivem em comunidades carentes ou afastadas dos centros urbanos, pois na maioria das vezes, elas não dispõem de acesso aos meios eletrônicos (Diuana; Filho, 2008, p. 10). Com esse fato, é necessário levar em conta a responsabilidade do que está sendo divulgado. Em contrapartida, existem aquelas pessoas que não possuem acesso aos meios eletrônicos, dependendo exclusivamente de outras fontes para se informar, como o jornal local ou as próprias pessoas que moram próximas.

De acordo com a Penad (Pesquisa Nacional de Amostra em Domicílios) Contínua, de 2018, divulgado⁴⁶ pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2018, a *Internet* foi utilizada por 79,1% dos domicílios brasileiros. Enquanto que em 2017, o percentual foi de 74,9%. Embora esses dados não nos apontem diretamente para o *podcast*, é perceptível que as pessoas vêm consumindo e tendo mais acesso a *Internet* e com isso ocorre o aumento da demanda pelo uso das mídias e ferramentas digitais.

Em relação à *podosfera*⁴⁷ brasileira, para identificar dados mais precisos sobre o uso de *podcasts* no país, pesquisou-se no PodPesquisa⁴⁸ acerca do crescimento de tal mídia. O PodPesquisa iniciou suas edições em 2008, sendo sua última correspondente ao ano de 2019

⁴² PC é uma sigla em inglês que significa Personal Computer, que significa em português Computador pessoal.

⁴³ Download significa o ato de baixar dados da *Internet*.

⁴⁴ Offline significa que está desconectado da *Internet*.

⁴⁵ *Podcaster* significa que uma pessoa pode ser o autor de um *podcast*.

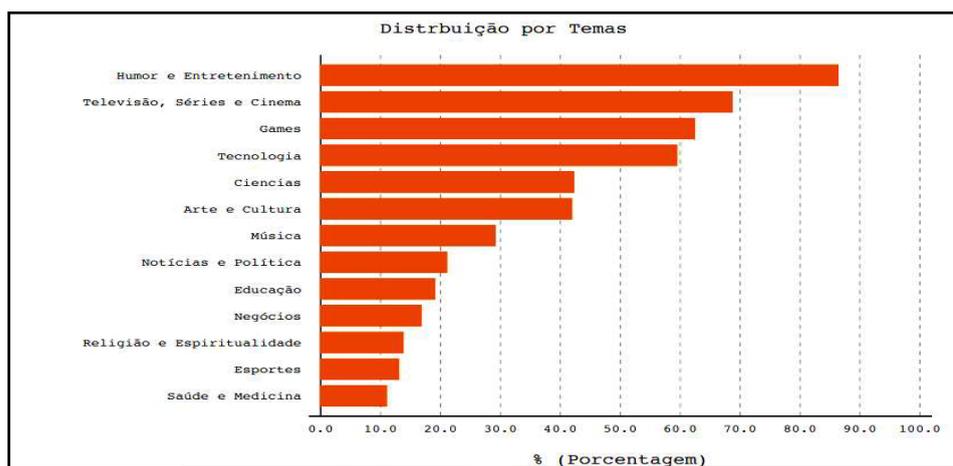
⁴⁶ Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>>. Acesso em: 14 jan./2021.

⁴⁷ É uma esfera relacionada aos mais diversos *podcasts* existentes.

⁴⁸ Disponível em: <<https://abpod.org/podpesquisa/>>. Acesso em: 14 jan./2021.

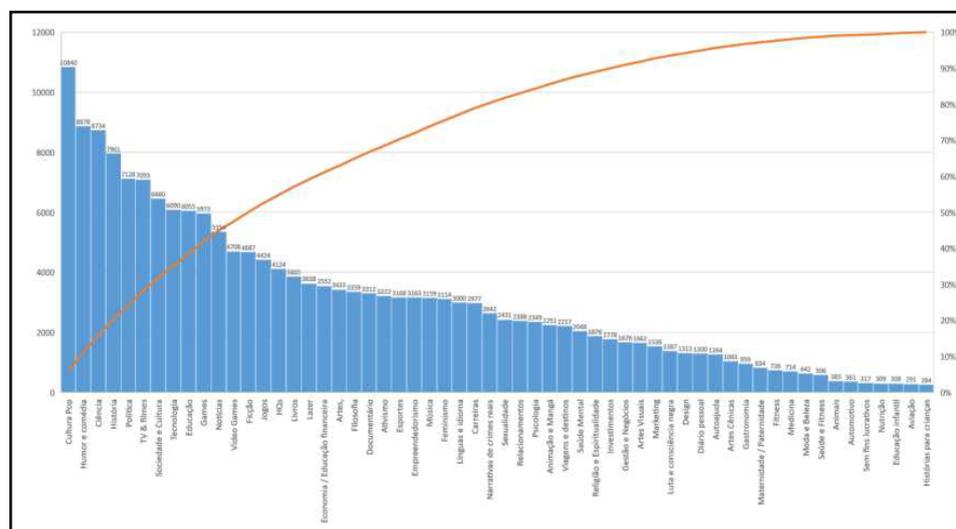
voltado para o perfil do ouvinte de *podcast*, e em 2020 contou com uma edição voltada para produtores do mesmo. Esses dados são importantes para percebermos qual é a demanda da podosfera no país, além de identificarmos sobre quais assuntos as pessoas estão mais interessadas em cada ano, como é observado nas figuras 1 e 2.

FIGURA 1: Que tipo(s) de *podcasts* você escuta?



Fonte: PodPesquisa/ 2014.⁴⁹

FIGURA 2: Interesses e preferências.



Fonte: PodPesquisa/ 2019.⁵⁰

Optou-se por comparar os dados entre 2019 e 2014. Em 2014 tiveram 16.197 respostas válidas, enquanto que em 2019 tiveram 16.713. Sendo assim, percebeu-se um aumento de

⁴⁹ Disponível em: <<https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/10/PodPesquisa-2014.pdf>>. Acesso em: 14 jan./2020.

⁵⁰ Disponível em: <<https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-2019-Resultados.pdf>>. Acesso em: 14 jan./2021.

ouvintes de *podcast*. Em 2019 a Cultura Pop se encontrava em 1º lugar no tópico ‘Interesses e preferências’, enquanto Humor e Comédia se encontravam em 2º lugar. Em comparação com 2014, em 1º lugar se encontrava Humor e entretenimento. Algo interessante a ser destacado é o fato de que em 2019, a temática História se encontrava em quarto lugar enquanto que em 2014, Tecnologia se encontrava em tal posição.

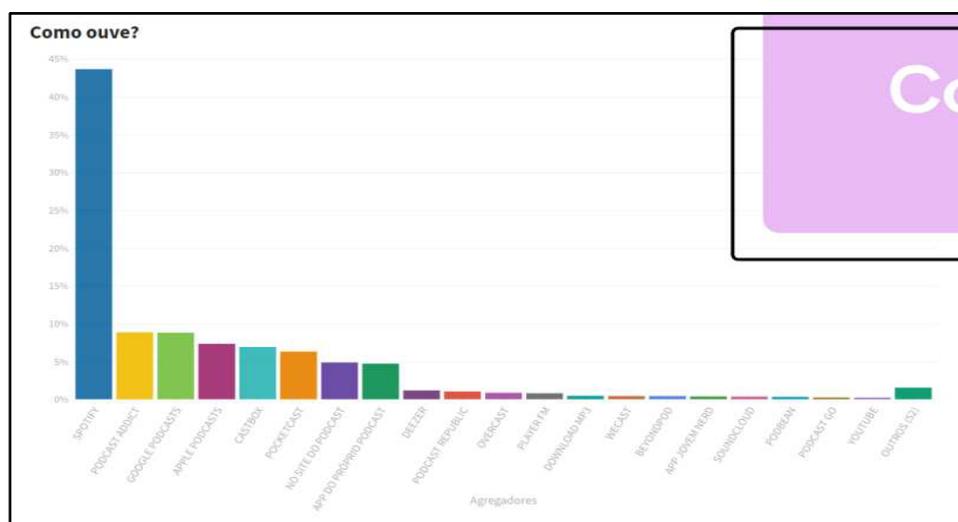
Isso pode demonstrar que as pessoas estão procurando por temas e interesses referentes a questões que trazem reflexão aos ouvintes, sendo dessa forma também observado na quinta posição de interesses e preferências do PodPesquisa de 2019, em que a política se encontra. Juntamente com a política, a cultura pop cresceu 13,1% de acordo com a pesquisa.

O tópico Educação se encontra em 9º lugar em ambos os anos (2014 e 2019). Isso pode nos demonstrar que o tema não é tão explorado quanto outros, além de não ser tão procurado comparado a humor e cultura pop, por exemplo.

A esfera dos *podcasts* ainda é predominantemente masculino, embora tenha aumentado o número de ouvintes mulheres. Sendo em 2019 ouvido por 27% de mulheres, contra 16% do ano de 2018. Enquanto a porcentagem de homens ouvintes era de 84% em 2018, em 2019 caiu para 72%. É de 28 anos a média de idade dos ouvintes de *podcasts*.

Em relação à escolaridade dos ouvintes, pessoas que possuem o fundamental se encontram no percentual de 1%; pessoas com ensino médio estão com 12%; enquanto pessoas com superior incompleto e completo se desdobram em 30% e 31%, respectivamente. No que se refere as pessoas com pós-graduação incompleta e pós-graduação completa, se encontram em 7% e 19% de modo respectivo. Apenas 1% não informou a escolaridade. É possível observar na figura 3 as plataformas que as pessoas utilizam para ouvir *podcast*.

FIGURA 3: Como ouvem *podcast*.



Fonte: PodPesquisa, 2019.

Como ressaltado na figura 3, a plataforma mais utilizada para ouvir *podcasts* é o Spotify, que além da possibilidade de ouvir músicas, tem a opção de ver os vídeos das músicas, sendo um aplicativo popular em todo o mundo. Em seguida vem o agregador *Podcast Addict*, em que após a entrada no aplicativo é possível acrescentar os *podcasts* que quer ouvir. Posteriormente se encontra o *Google Podcasts*, disponível para dispositivos Android.

É possível perceber que existe uma grande diferença de porcentagem entre os agregadores que disponibilizam os *podcasts*. Enquanto o Spotify é escolhido em aproximadamente 45% dos ouvintes de *podcast*, o *Podcast Addict* e o *Google Podcasts* têm apenas em torno de 10%.

Entre os 20 *podcasts* mais citados na PodPesquisa de 2019, estão *NerdCast*, *Gugacast*, *Mamilos*, *Xadrez Verbal*, *Anticast*, *Projeto Humanos*, entre outros. É possível perceber que existem vários *podcasts* que deram seus primeiros passos há muitos anos, sendo inspirações para tantos outros que foram surgindo ao longo do tempo, como é o caso do seguinte *podcast*.

Estando em primeira posição na pesquisa, o *podcast NerdCast*⁵¹ volta-se para o público Geek⁵², além de tratar sobre temas como quadrinhos, história, filmes, séries, literatura, tecnologia, games, RPG. Tendo seu lançamento em 2006, está inserido na podosfera brasileira há 14 anos.

O *podcast Gugacast*⁵³ foi lançado em 2016, com o objetivo de atingir somente aos amigos do criador ao contar suas histórias, no entanto, com o passar do tempo ele se tornou notório. No *podcast* são convidadas pessoas que gostariam de contar histórias épicas de suas vidas, as quais podem se desdobrar em inusitadas, com finais felizes, tristes ou engraçadas, etc. Esse tipo de *podcast* contribui para entretenimento, além de ser dinâmico e interativo com os participantes.

O *podcast Mamilos*⁵⁴, fundado em 2014, se baseia em temas jornalísticos. Em relação à geopolítica e história, tem-se o *Xadrez Verbal*⁵⁵, fundado em 2015 e organizado por Filipe Figueiredo e Matias Pinto. Sobre os mais variados temas, como política, arte, história e cultural digital, tem-se o *AntiCast*⁵⁶, que procura atender a essas demandas, sendo fundado em 2011, no início tratava sobre assuntos relacionados design, comunicação e cultura.

Portanto, é possível perceber que a constituição dos *podcasts* na podosfera brasileira é

⁵¹ Disponível em: <<https://jovemnerd.com.br/nerdcast/>>. Acesso em: 14 jan./2021.

⁵² Geek é um sinônimo para nerd, sendo também usado para caracterizar pessoas tem interesse e afinidade com quadrinhos, jogos eletrônicos, cinema, séries, tecnologia e etc.

⁵³ Disponível em: <<https://gugacast.com/>>. Acesso em: 14 jan./2021.

⁵⁴ Disponível em: <<https://www.b9.com.br/shows/mamilos/>>. Acesso em: 14 jan./2021.

⁵⁵ Disponível em: <<https://xadrezverbal.com/>>. Acesso em: 14 jan./2021.

⁵⁶ Disponível em: <<http://anticast.com.br/>>. Acesso em: 14 jan./2021.

plural, que vai desde o gênero comédia, passando por quadrinhos, história, geopolítica, games, tecnologia, chegando à cultura e comunicação, entre outras temáticas. Isso se deve ao público diverso que demanda produções de *podcasts* de numerosos assuntos e interesses.

Para a educação, a Web 2.0 apresentou repercussões importantes, já que suas ferramentas podem potencializar os processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações e de construção de novos conhecimentos apoiada pela informática. É uma forma de fazer com que a utilização da rede global ocorra de forma colaborativa e o conhecimento seja compartilhado por todos os usuários, de forma descentralizada e com liberdade de utilização e reedição (ROESLER, 2012, p. 3).

As informações e as comunicações se relacionam em muitos lugares ao mesmo tempo. Isso acontece devido à facilidade e ao alcance que a *Internet* chega para as pessoas, contribuindo para que pessoas da mesma família conversem por vídeo chamada mesmo estando a muitos quilômetros de distância, ou conseguindo visitar a casa de um velho amigo que não vê há anos, e isso tudo pela tela de um celular, *notebook* ou outro artefato tecnológico.

Partindo do ponto de que os professores devem estar sempre se atualizando, principalmente a respeito das TICs, é pertinente que se reflita a respeito do *podcast* dentro do ensino, pois o mesmo faz parte do mundo virtual em que os estudantes estão comumente inseridos. Freire aponta que:

[...] o cenário dos *podcasts* brasileiros, produzidos em sua maioria fora de contextos escolares, apresenta-se como um espaço educacional cada vez mais significativo, ainda que a Escola pouco se atente a isso. Esta acaba por associar a relevância do *podcast* como restrita à veiculação de materiais de aulas, algo já constatado no presente estudo pela análise da inserção do *podcast* nas políticas públicas educacionais relacionadas às TIC no Brasil (2013, p. 135).

Sendo assim, existem *podcasts* de ótima qualidade circulando nas redes, em especial no que diz respeito à História. São *podcasts* idealizados por historiadores e professores de história, que podem ser aproveitados de diferentes maneiras no ensino. A seguir, serão expostos alguns exemplos de *podcasts* sobre história.

O primeiro *podcast* é o *História FM*⁵⁷, constituído e apresentado por Icles Rodrigues, graduado e mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. O *podcast* surgiu como acréscimo do Canal no YouTube “Leitura Obrigatória HISTÓRIA”, tendo episódios quinzenais. A partir de temas que vão desde a antiguidade até o tempo presente, o apresentador conta com a colaboração em cada episódio de um pesquisador especializado.

⁵⁷ Disponível em: <<https://leituraobligahistoria.com/programa/historiafm/>>. Acesso em: 08 ago./2022.

Na podosfera brasileira, temos ainda o *Café História*⁵⁸ fundado em 2008 por Bruno Leal, professor no Departamento de História da Universidade Federal de Brasília (UnB) e do Programa de Pós-Graduação em História da mesma universidade. O objetivo é divulgar conhecimentos históricos de forma lúdica, acessível e interessante, sem perder o rigor acadêmico. O formato costuma explorar em até 15 minutos sobre os mais diversos temas históricos.

O *podcast Mais História, por favor!*⁵⁹ foi desenvolvido por estudantes do PPGH e do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Santa Maria, com a colaboração da Rádio Universidade 800AM e UniFM 107,9FM. Tem como intuito proporcionar um espaço de divulgação das pesquisas de orientadores e orientandos referentes aos grupos supracitados. Com o tempo de aproximadamente 60 minutos, o *podcast* costuma tratar sobre diversos assuntos, como gênero, educação no campo, história rural, religiosidades, entre outros.

Por conseguinte, temos *Estudos Medievais*⁶⁰, produzido pelos membros do Laboratório de Estudos Medievais da Universidade de São Paulo (LEME – USP). Com foco acerca de temas referentes ao período medieval, contam com a presença de pesquisadores, inclusive com pesquisadores que atuam fora do Brasil e que estudam sobre a História Medieval.

Temos ainda o *História Pirata*⁶¹, apresentado pelos historiadores Daniel Carvalho, professor da Universidade de Brasília e por Rafael Verdasca, graduado em História Unicamp e mestre em História Social pela Universidade de São Paulo. A maior parte dos episódios conta com a participação de pesquisadores, assim como costumam tratar sobre temas que fazem parte da profissão do historiador.

O *podcast Atlântico Negro*⁶² foi desenvolvido por um grupo de jovens negros, que fazem parte de diferentes instituições, tais como Fundação Getúlio Vargas, Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Estadual de Campinas. Tem como objetivo tratar sobre a História e a Cultura Negra.

⁵⁸ Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/>>. Acesso em: 08 ago./2022.

⁵⁹ Disponível em: <<https://www.ufsm.br/cursos/pos-graduacao/santa-maria/ppgh/mais-historia-por-favor-podcast-da-historia-ufsm/>>. Acesso em: 08 ago./2022.

⁶⁰ Disponível em: <<https://leme.fflch.usp.br/podcast-estudos-medievais#:~:text=O%20Estudos%20Medievais%20%C3%A9%20uma,sobre%20Hist%C3%B3ria%20produzido%20por%20especialistas.>>. Acesso em: 08 ago./2022.

⁶¹ Disponível em: <<https://podcasts.apple.com/br/podcast/hist%C3%B3ria-pirata/id1511160239>>. Acesso em: 08 ago./2022.

⁶² Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/6JrvNryVN6JvVmr8Gq5U2H>>. Acesso em: 08 ago./2022.

O *HH Magazine: Humanidades em Rede*⁶³ é um *podcast* constituído pela Revista História da Historiografia e pela Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia em conjunto com a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Ouro Preto. É organizado em duas séries, a primeira que se chama *História da Historiografia*, voltada para a apresentação de temas discutidos nos artigos publicados na revista, e a segunda intitulada *Conversas em rede*, que trata sobre assuntos mais amplos com os historiadores convidados.

O *PETcast História*⁶⁴ é um projeto do curso de História da Universidade Federal Fluminense, sendo formado pela coordenadora Renata Vereza, professora do Departamento de História da UFF, e pelos estudantes do curso de graduação em História. O *podcast* costuma abordar sobre diversos temas, que principalmente afetam o presente tais como antifascismo, antirracismo, supremacia branca, contando sempre com convidados para expandir as discussões.

Temos ainda, o *Escriba Café*⁶⁵, considerado o primeiro *podcast* sobre História criado no Brasil e também no formato de *storytelling*⁶⁶. Produzidos pelo historiador Christian Gurtner, os episódios contam com a bibliografia utilizada para embasar todos os fatos históricos abordados.

De forma a contemplar o ensino de História desenvolvido na escola, contamos com a presença do *História em Meia Hora*⁶⁷, criado pelo professor de História Vítor Soares, com o propósito de expor em 30 minutos sobre um tema. Com o objetivo de apresentar temas que são colocados na sala de aula, o professor procura de forma objetiva e animada trazer um acontecimento do mundo ao *podcast*.

É possível visualizar uma gama de *podcasts* sobre os mais diversos assuntos relacionados a área de História, de forma a contemplar diferentes públicos, que podem ser acadêmicos, estudantes e pessoas que se interessam pelos temas históricos. Sendo assim, também é possível perceber que existem muitos historiadores usando o *podcast* como forma de propagar seus conhecimentos.

De acordo com Teixeira (2017, p. 88), hoje em dia podemos ter tudo ao alcance de nossas mãos, como estar numa biblioteca ou conversar com outras pessoas através dos celulares. Embora tenhamos essa facilidade, Teixeira afirma que é necessário geri-las, exigindo que cada um de nós tenham capacidades de seleção e critérios mais precisos que permita

⁶³ Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/15we5gyBtNKGMXbHcCzYvt>>. Acesso em: 08 ago./2022.

⁶⁴ Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/27FLmkjiev7HnaUNoASTIR>>. Acesso em: 08 ago./2022.

⁶⁵ Disponível em: <<https://www.escribacafe.com/sobre>>. Acesso em: 08 ago./2022.

⁶⁶ Storytelling é a capacidade de narrar histórias, com a finalidade de envolver aqueles que ouvem através de um enredo elaborado e recursos audiovisuais.

⁶⁷ Disponível em: <<https://historiaemmeiahora.com/>>. Acesso em: 08 ago./2022.

articularmos de forma coerente e significativa. Portanto, a *Internet* é capaz de mudar a vida das pessoas, sendo nesse sentido, aprender a usá-la de maneira consciente, cuidadosa, e pensando coletivamente.

As escolas precisam estar preparadas para receber os alunos que estão constantemente envolvidos pelos aparatos tecnológicos. Para Gasque (2012, p. 25), as escolas precisam organizar a proposta pedagógica e currículo para atender e formar os estudantes para um mundo instável, complexo e em contínua transformação. A educação bancária, em que os estudantes apenas recebem passivamente os conteúdos sem questionamento, colabora para a memorização de matérias, não contempla mais as escolas brasileiras. Esse modelo está ultrapassado e todos devem lutar para que cada vez mais os estudantes se sintam pertencentes aos espaços que frequentam, de forma a questionar e problematizar de forma consciente sobre os mais diversos desafios cotidianos.

É necessário levar em consideração os conhecimentos prévios dos alunos, sendo que, de acordo com Gasque, “[...] atuam como pontos de apoio em que se articulam os novos saberes e procedimentos” (2012, p. 68). A escola vem ao longo do tempo constituindo alternativas para trabalhar as mídias durante o processo pedagógico dos professores e estudantes, buscando trazer a realidade dos alunos para melhor envolvimento e estimulação do conhecimento dos mesmos.

A inserção dos recursos digitais virtuais - redes sociais, jornais e revistas, jogos, objetos de aprendizagem, museus, *blogs*, imagens, hipertextos, fóruns de discussão, *chats*, vídeos, áudios etc. – no ensino de História conduz à superação de aulas centradas na exposição oral, favorecendo, ao mesmo tempo, uma maior autonomia dos alunos sobre o que e o como aprendem (TAMANINI; SOUZA, 2018, p. 146).

Existe uma gama de recursos digitais que podem ser explorados pelos professores, como por exemplo, através de redes sociais, as quais são usadas diariamente por muitos alunos, assim como vídeos e áudios que são constantemente utilizados, que não são somente pelos jovens. Hoje em dia se tornou comum a divulgação de capturas de tela em que as pessoas divulgam seus avôs ou avós interagindo com eles pelo *Whatsapp* ou no *Messenger*. Dessa forma a tecnologia vai transpassando aos poucos as gerações.

O *podcast* pode auxiliar no ensino de História em virtude de sua amplitude de acesso, sendo de grande importância para o professor que lida diariamente com a pluralidade de estudantes na comunidade escolar. Para Souza (2016, p. 7), os *podcasts* têm se popularizado na *Internet* graças a expansão da banda larga, onde ocorre um maior número de acessos de consumidores e produtores. Além da banda larga, existe a *Internet* móvel, disponibilizada pelas

operadoras de celulares, as quais podem chegar a transmissão de dados em 4G⁶⁸, que é a mais rápida, porém dependendo do lugar e do alcance da antena ela pode ficar fraca e sem carregar as páginas da *Internet* pelo celular.

O Instituto Benjamin Constant (IBC) disponibiliza *podcasts*⁶⁹ relacionados aos mais diversos assuntos relacionados às pessoas com deficiência visual. As produções de *podcasts* começaram em 2020 e neles podem ser encontrados assuntos referentes à acessibilidade, Braille, Dosvox, recursos digitais, deficiência e tecnologia, desafios da educação a distância para as pessoas com deficiência visual, orientações para o relacionamento com pessoas cegas, etc. Além disso, a partir de 2019, o IBC começou a desenvolver o Mestrado Profissional em Ensino na Temática da Deficiência Visual, voltado para docentes e profissionais da educação.

A fim de observar a respeito de pesquisas sobre o uso de *podcast* no ensino de História, realizou-se um levantamento de dissertações e Teses na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no repositório Catálogo de Teses e Dissertações, ambos mantidos pela Capes.

Para tanto, foi utilizado o descritor “*podcast* e ensino de História”. Feito esse procedimento na BDTD identificou-se dez (10) resultados, dos quais apenas dois (2) abordam sobre *podcast* e Ensino de História. Em relação ao Catálogo de Tese e Dissertações⁷⁰, utilizou-se o descritor “*podcast*”, encontrando dessa forma cento e vinte e três (123) ocorrências, das quais oito (8) voltam-se para o Ensino de história e *podcast*. Desconsiderando as dissertações e teses que se repetiram nos dois repositórios, restaram oito (8) trabalhos, como se observa no quadro 3.

QUADRO 3: Teses e dissertações sobre *podcast* e ensino de História presentes na BDTD e no Catálogo de Teses e Dissertações (CNPq), 2022.

Ano	Título	Autor	Programa	Curso	Instituição
2016	Espaços públicos, saberes públicos: um <i>podcast</i> como espaço de ensino de história	PEREIRA, Daniel Carvalho	Ensino de História	Mestrado profissional	UERJ, Rio de Janeiro
2016	Usos e possibilidades do <i>podcast</i> no ensino de História	SOUZA, Raone Ferreira de	Ensino de História	Mestrado profissional	UFRJ, Rio de Janeiro

⁶⁹ Disponível em: <<http://www.ibc.gov.br/audios>>. Acesso em: 22 maio/2021.

⁷⁰ Nesta busca os descritores foram apurados no título das pesquisas.

2018	<i>Podcasts</i> de Storytelling: A produção de narrativas históricas digitais para o ensino de história	LOURES, Joao Victor	Ensino de História	Mestrado profissional	UFSC, Florianópolis
2019	Narrativas digitais em <i>podcast</i> : dinâmica avaliativa na disciplina de história	SILVA, Raphael de França e.	Educação Matemática e Tecnológicas	Mestrado acadêmico	UFPE, Recife
2021	O uso de <i>podcast</i> para o ensino e aprendizagem em História: produção e difusão com/para alunos do ensino médio	FARIAS, João Paulo de Oliveira	Ensino de História	Mestrado profissional	URCA, Crato
2021	Passado em disputa: possibilidades: possibilidades do <i>podcast</i> para o ensino de História	FONSECA, Robson Rodrigo Pereira da	Ensino de História	Mestrado profissional	UDESC, Florianópolis
2021	Barreiridades – o uso do <i>podcast</i> para o ensino de História e patrimônio: contribuições aos processos identitário dos estudantes na Regional Barreiro na cidade de Belo Horizonte	MARTINS, Nadia Moreira Gonçalves Viana	Educação e Docência	Mestrado profissional	UFMG, Belo Horizonte
2021	Aprendendo História com os ‘guardiões da memória’: o uso do <i>podcast</i> no ensino de História da África e da diversidade étnico-racial	SILVA, Wilson Junior Bastos da	Ensino de História	Mestrado profissional	UFPA, Belém

Fonte: BDTD e Catálogo de Teses e Dissertações (CNPq), 2022.

É possível perceber que dos oito (8) Trabalhos de Conclusão de Curso de Pós-Graduação *stricto sensu*, apenas 12,5% (1) foram produzidos por pesquisadores do sexo feminino e 87,5% (7) do sexo masculino. A partir do levantamento sumarizado e apresentado no quadro 3, observou-se que a produção acadêmica na pós-graduação *stricto sensu* que discorre sobre *podcast* e Ensino de História é reduzida, se comparado com recursos mais

corriqueiros, tais como o uso didático-pedagógico de filmes ou músicas. Utilizando o mesmo procedimento como parâmetro, tomando o descritor “filmes no ensino de História”, encontrou-se quatrocentos e trinta e seis (436) resultados, e para “música no ensino de História” encontrou-se setecentos e trinta e três (733) resultados.

As produções das pesquisas sobre ensino de História e *podcast* aconteceram predominantemente nos cursos de mestrado profissional, o que pode estar relacionado ao fato de que esses cursos se voltam às dúvidas práticas e problemas reais da esfera de atuação do profissional-estudante, em que ao final é fundamental apresentar um produto que possa ser útil aos profissionais da área.

Todos os trabalhos foram realizados no âmbito do mestrado, sendo apenas um (1) vinculado ao mestrado acadêmico, através do Programa de Educação Matemática e Tecnologias. Ocorreu uma (1) pesquisa voltada ao Programa de Educação e Docência, enquanto que as demais foram realizadas nos Programas de Ensino de História.

Optou-se por mapear também os artigos disponibilizados no Indexador Scientific Eletronic Library Online (SciELO)⁷¹, pois se tem o conhecimento de que grande parcela da produção científica são publicadas através de periódicos acadêmicos. Adotou-se os descritores “podcast”; “podcast e ensino”; “podcast e ensino de História” e o filtro “Coleção Brasil”. Na busca do primeiro descritor, obteve-se cinco (5) resultados. No entanto, com o segundo descritor obteve-se apenas um (1) resultado. Enquanto que com o último descritor não se coletou nenhum resultado.

Considerando os resultados a respeito dos artigos que contemplem o *podcast* no âmbito da educação formal encontrou-se dois trabalhos: *Podcast, participação social e desenvolvimento*, de Rayane Isadora Lenharo (UNESPAR) e Vera Lúcia Lopes Cristovão (UEL) e; *Potenciais cooperativos do podcast escolar por uma perspectiva freinetiana* (2015), de Eugênio Paccelli Aguiar Freire (UFRN).

Utilizando o mesmo parâmetro, ocorreu uma nova pesquisa no indexador SciELO pelos descritores “Filme” e “Música”, através do filtro “WoS Área Temática: Educação e pesquisas educacionais”, em que se apresentou respectivamente cinquenta e quatro (54) e oitenta e um (81) resultados. É possível observar que existem pouquíssimas pesquisas voltadas para o *podcast*, isso pode se dar devido ao fato de que o *podcast* é uma ferramenta de certa forma nova, considerando seu uso na Educação.

⁷¹ É um portal que possui grande reconhecimento na comunidade científica. Pode ser considerado uma biblioteca digital que disponibiliza periódicos científicos, tanto brasileiros como de outros países. O indexador está disponível em: <<https://scielo.org/>>.

Em relação as pesquisas relacionadas ao *podcast* e que foram desenvolvidas na Pós-Graduação em História da FURG, tem-se o estudo de Diego Lemos Avila, intitulado *O Podcast nas ondas da História: reflexões acerca da receptividade de alunos da rede pública*, do ano de 2017.

4 APRESENTAÇÃO DO PRODUTO

O produto escolhido e constituído pela pesquisadora foi o *Podcast* E(u)li História, com o objetivo de contemplar especialmente os professores de História e profissionais de áreas adjacentes. Como uma forma de estimular a pesquisa e divulgar informações acerca do ensino de História e da inclusão, tem-se como objetivo desenvolver a reflexão desses assuntos.

Além do mais, o *podcast* pode possibilitar aos professores a possibilidade de disponibilizar materiais didáticos como aulas, documentários e entrevistas em forma de áudio, contribuindo para o desenvolvimento de todos os educandos, em específico do estudante com deficiência visual.

As possibilidades do *podcast* no ensino se desdobram em diversas questões, tais como:

- Aproxima a escola da cibercultura;
- Promove a autonomia do estudante em seu processo de aprendizagem;
- Pode ser utilizado no ensino presencial, a distância ou híbrido;
- A aprendizagem acontece dentro e fora da escola;
- Permite ao professor construir o seu próprio material didático, adequando-o às suas necessidades. (NASCIMENTO, 2021, p. 40).

O *podcast* pode favorecer na construção de distintos conhecimentos. Ele ao utilizar da oralidade de diversas vozes que por vezes são silenciadas, possibilita as pessoas de poder se expressar. Ele não tem o sentido de hierarquia de vozes, portanto, não existe o sentido de alguém ser “detentor da fala”, buscando ser uma ação igualitária ao haver as trocas de falas durante o processo da construção de um *podcast*. Dessa forma, os professores e estudantes podem se expressar e desenvolver o *podcast* de diversas maneiras, como sozinhos, com colegas, com colegas de profissão, dentre outras formas.

[...] podemos dizer que o *podcast* é mais uma das formas de expressão da cibercultura, enquadradas naquilo que se designa de “novas mídias”, acabando por conservar a maior parte das características inerentes às formas de comunicação, mediadas por computador, traduzidas na produção de conteúdos sonoros. Dito de outra forma, o *podcast*, mantém, simultaneamente, características da oralidade do passado, potenciando uma nova forma de representação, conhecimento e difusão cultural, tendo por base a utilização das novas tecnologias (DIEGUES; COUTINHO, 2010, p. 133).

As informações circulam nos mais diversos sites da *Internet* em grande velocidade, em que pode acontecer diversos fenômenos, eventos ou fatos em diferentes lugares do mundo que são divulgados quase simultaneamente (GASQUE, 2012, p. 25). Sendo assim, o *podcast* está inserido nesses processos de velocidade, atribuindo as falas desenvolvidas em relação às

presentes situações ocorridas ao longo dos dias, meses e anos. Essas vozes podem se comunicar a partir de diferentes pontos do mundo e com diferentes interlocutores.

Como constatado por Teixeira e Silva (2010, p. 253), as instituições estão a utilizar os recursos de Web Rádio e *Podcast* em ambientes virtuais de aprendizagem, favorecendo uma inteligência coletiva no domínio educativo, e produzindo uma cibercultura na sociedade da informação. É necessário que seja divulgado sobre esses suportes para os educadores possam se apropriar dos mesmos e que possam ser utilizados nos processos de ensino e de aprendizagem.

Ensinar História é fazer que os alunos construam o próprio ponto de vista. Os acontecimentos históricos não podem ser estudados isoladamente, pois o processo histórico é dinâmico e não estático. É necessário ensinar aos estudantes a ação do pensar/refletir historicamente, tanto as diversas sociedades, quanto a sua própria existência (MOURA, 2009, p. 3).

Antes a ideia de memorizar datas, nomes, conceitos e acontecimentos eram comuns na sala de aula, no entanto, hoje em dia é fundamental que ocorra uma modificação desse pensamento com o intuito de adequar o conteúdo ensinado na sala de aula com a nova realidade dos estudantes e comunidade escolar, através de conhecimentos que prezem pela reflexão. Os educandos são capazes de aprender a pesquisar e questionar as diversas versões históricas, com o objetivo de que tais ações valorizem sua vivência e sabedorias de vida, fazendo com que dessa forma ocorra a relação entre reflexão e ação, tanto pessoal como coletiva.

Diante da pandemia, as escolas tiveram que reinventar suas práticas didáticas diante dos desafios do ensino remoto. Os professores precisaram aprender a trabalhar com as opções disponíveis e nas situações em que são colocados no momento, assim como os estudantes que não fogem desse aprendizado constante. Como exemplo de aplicativo que é utilizado pelos professores e alunos está o Google Sala de Aula, o qual serve tanto para comunicação como para a disponibilização de conteúdos e atividades.

Um dos objetivos do *podcast* é o de proporcionar e contribuir com o ensino e aprendizagem de todos os estudantes. Outras maneiras podem ser exploradas a partir da criação de conteúdos pelos próprios estudantes, estimulando sua independência ao pesquisar para produzir, sempre de forma que o professor esteja mediando esse processo estando atento e construindo junto aos educandos.

A aplicação do produto foi objetivada de forma a oportunizar informações para os professores de História que atuam nos mais diversos espaços educativos. O intuito é que os docentes possam compreender como está se dando a inclusão na escola em que ocorreu a

entrevista com o professor de História, de forma a contribuir para reflexões em relação ao fazer docente e a inclusão.

A partir dessa intenção, ocorreu a criação de uma série de *podcasts* a respeito dos temas percorridos ao longo da presente pesquisa. Tais episódios foram disponibilizados através do aplicativo Anchor, e em sequência, eles foram para a plataforma Spotify. Essa possui potencial de alcançar um público que o primeiro jamais abrangeeria. Uma captura de tela abaixo exemplifica como é a interface de um episódio de um *podcast* no aplicativo Spotify. O *link* para ouvir o *podcast*: <<https://linkr.bio/eulipodcast>>.

FIGURA 4: *Print* da tela do aplicativo Spotify.



Fonte: autora.

Os episódios do *podcast* foram divididos em 4. O primeiro episódio foi destinado a apresentação da pesquisadora, como colocado na figura 4. O segundo episódio teve como objetivo refletir sobre o ensino de História e tecnologias da informação e comunicação, em específico na escola em que ocorreu a entrevista com o docente. O terceiro episódio teve como intuito falar a respeito da Educação Especial e Educação Inclusiva no Brasil, além de abordar sobre a Escola Especializada José Álvares de Azevedo, da cidade do Rio Grande/RS. O quarto e último episódio foi destinado a relatar, a partir da entrevista com o professor, a respeito da inclusão do estudante com deficiência visual da escola em que o docente atua.

FIGURA 5: Imagem do perfil do *Podcast E(u)li História*



Fonte: autora.

A imagem contendo o nome do *podcast* foi constituída através do aplicativo Canva pelo marido da pesquisadora, Eros. Essa imagem (Figura 5) foi utilizada no perfil do Anchor, Instagram e posteriormente no Spotify.

A pesquisadora/autora constituiu um perfil no Instagram como fonte de divulgação do *podcast*, podendo ser acessado pelo *link*: <<https://www.instagram.com/eulihistoriapodcast/>>. Através desse perfil se tornou mais fácil seguir e ser seguido, além da facilidade em compartilhar informações a respeito dos episódios que foram postados.

5 A ELABORAÇÃO DO *PODCAST* E(U)LI HISTÓRIA

Através de uma pesquisa na *Internet*, com o objetivo de conhecer projetos que contemplem os professores em relação a criação de *podcasts*, descobrimos a existência do *MetaCast*⁷². Esse projeto foi pensado em auxiliar os professores do Ensino Fundamental e Médio para a construção de *podcasts* como uma ferramenta educacional para a sala de aula, sendo construído como um REA (Recurso Educacional Aberto), pode contemplar a todos que se interessam pelo tema.

Nesse projeto é apresentado um material que contém um manual disponível em PDF e Word, além de disponibilizar vídeos de tutoriais que estão no YouTube a respeito da edição de arquivos de áudio no software *Audacity*, e o *Metacast*, que é um *podcast* com episódios debatendo acerca do próprio formato.

O *Metacast* discute em seus episódios a respeito de assuntos relacionados a: Como montar uma pauta; A identidade de um *podcast*; Como gravar; Equipamentos de produção, entre outros passos. Tais passos apresentados são importantes para que ocorra a organização do *podcast*, assim também contribui para uma melhor compreensão durante a criação, com o objetivo dele se tornar claro e de fácil entendimento.

Ocorre um caminho lento até a plena utilização de aparelhos que auxiliem na construção de *podcasts*, por exemplo, pois para a sua utilização é necessário treinamento técnico para os professores, para que os mesmos possam expandir seus conhecimentos acerca das novas tecnologias aliadas as suas práticas educacionais (VELOSO *et al.* 2019). Com isso, se torna essencial que os professores participem de formação continuada e diálogos com outros colegas de profissão, para que possa ocorrer a troca de conhecimentos que objetivem atividades para um melhor desenvolvimento das atribuições cotidianas escolares.

Percebeu-se que, no século XXI, incentivar o uso de tecnologias e linguagens em áudio na sala de aula pode corroborar para uma educação mais participativa e útil para os estudantes, uma vez que estão inseridos em um mundo de audiovisual e o conhecimento nessa área pode ajudá-los a se comunicar com o mundo de maneira eficaz (VELOSO *et al.*, 2019, p. 8).

Dessa forma, se faz necessário a aproximação dos conteúdos desenvolvidos na escola com a nova realidade que está se construindo com a recente geração dos estudantes, uma vez

⁷² Está disponível em: <<https://mundopodcast.com.br/metacast/>>.

que as pessoas estão gradualmente mais presentes através dos aparatos tecnológicos. Nesse sentido, procura-se trazer a importância do *podcast* sendo usado como recurso educacional por professores e estudantes, em especial para as pessoas com deficiência visual.

O *podcast* pode lembrar o rádio, no entanto, este ocorre ao vivo, não podendo ser baixado, pausado, sendo assim o ouvinte precisa ouvir em determinado horário, não tendo acesso a seu conteúdo posteriormente, enquanto o *podcast* pode ser ouvido em outros momentos, tendo essa facilidade. Para a produção do *podcast*:

[...] basta ao produtor possuir um computador de capacidade média, fone de ouvido ou caixas de som no seu PC, um microfone (de preço bastante reduzido em modelos mais simples, girando em torno de R\$ 10), um programa de gravação e edição de áudio, como o *Audacity* e uma conexão com a internet de velocidade média (FREIRE, 2013, p. 60, *apud* FREIRE, 2010).

Também é possível criar um *podcast* pelo celular, ao baixar o aplicativo Anchor pela Play Store⁷³. Pelo aplicativo é possível criar um perfil, além de gravar os áudios e disponibilizá-los na *Internet*. Ele também oferece a possibilidade de ouvir *podcasts* e dispõe de um pequeno tutorial de como fazer seu arquivo digital, com exemplos de músicas para utilizar ao fundo dos áudios, por exemplo.

Atualmente, além do Anchor, existem outras plataformas gratuitas para a criação, edição, gravação e/ou publicação de *podcasts*, como por exemplo o Adobe Audition, MP3 Skype Recorder e o Audacity. É possível também gravar com várias pessoas ao mesmo tempo, através do Skype Recorder. A questão de gravar com várias pessoas ao mesmo tempo possibilita discussões mais completas, complexas e atrativas, cabendo diferentes opiniões e processos de vida que podem ser colocados durante a gravação. De acordo com Cruz:

Para criar um *podcast* não é necessário um conhecimento apurado de software. Na verdade, as recentes ferramentas da Web 2.0⁷⁴ são criadas de modo a que qualquer utilizador, com o mínimo de conhecimentos informáticos (e estamos em crer que, actualmente, a grande maioria dos professores detém esses conhecimentos), possam usá-las nas suas aulas (2009, p. 76).

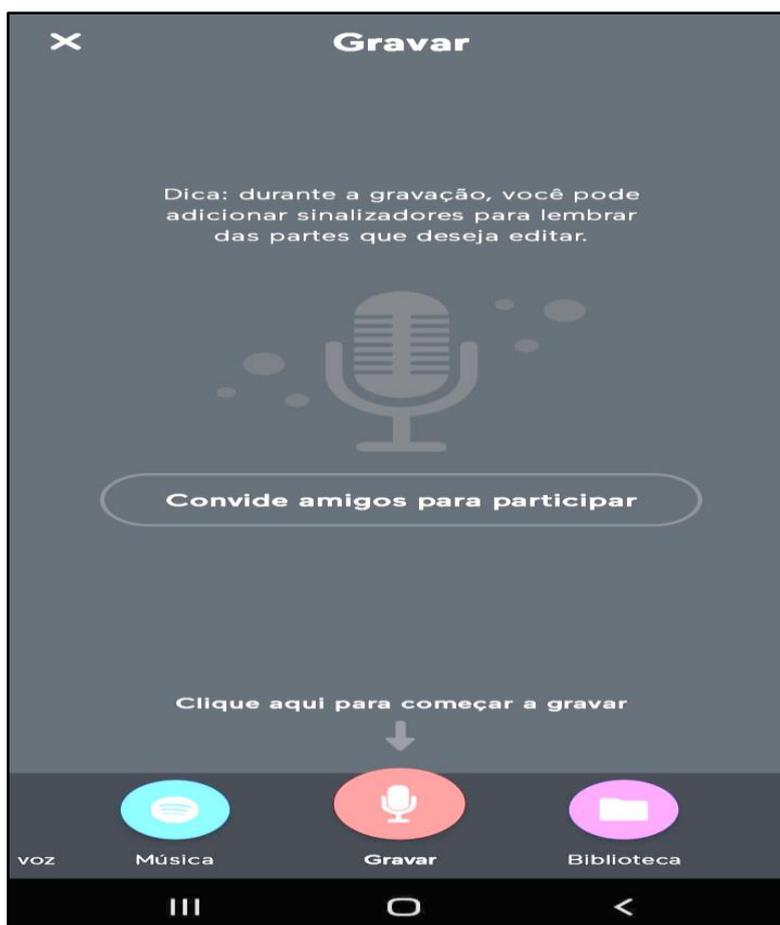
⁷³ É um serviço que disponibiliza digitalmente a distribuição de jogos, filmes, músicas, aplicativos, etc.

⁷⁴ De acordo com Primo (2007, p. 2): “A Web 2.0 é a segunda geração de serviços *online* e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo. A Web 2.0 refere-se não apenas a uma combinação de técnicas informáticas (serviços Web, linguagem Ajax, Web syndication, etc.), mas também a um determinado período tecnológico, a um conjunto de novas estratégias mercadológicas e a processos de comunicação mediados pelo computador”.

O objetivo é que os educadores possam ter conhecimento de ferramentas na *Internet* acessíveis de manusear, facilitando o processo de criação e expansão de conhecimentos. É preciso também levar em conta que muitos professores comumente sofrem com cargas horárias pesadas e com uma infraestrutura escolar prejudicada, que acaba causando distintos impasses nos mais diversos projetos que idealizam, de forma a atrasar e dificultar a concretização dos mesmos por causa das dificuldades cotidianas.

Para a realização do *Podcast E(u)li História*, a pesquisadora se utilizou de um fone de ouvido, do gravador de voz do celular (a12/ Samsung), de um *notebook* com *Internet* e do aplicativo Anchor. O Anchor permite ao usuário gravar, editar e disponibilizar o *podcast* na *Internet*. Na figura 6, é possível visualizar como é a página em que se começa a gravação do *podcast*.

FIGURA 6: Gravação pelo Anchor

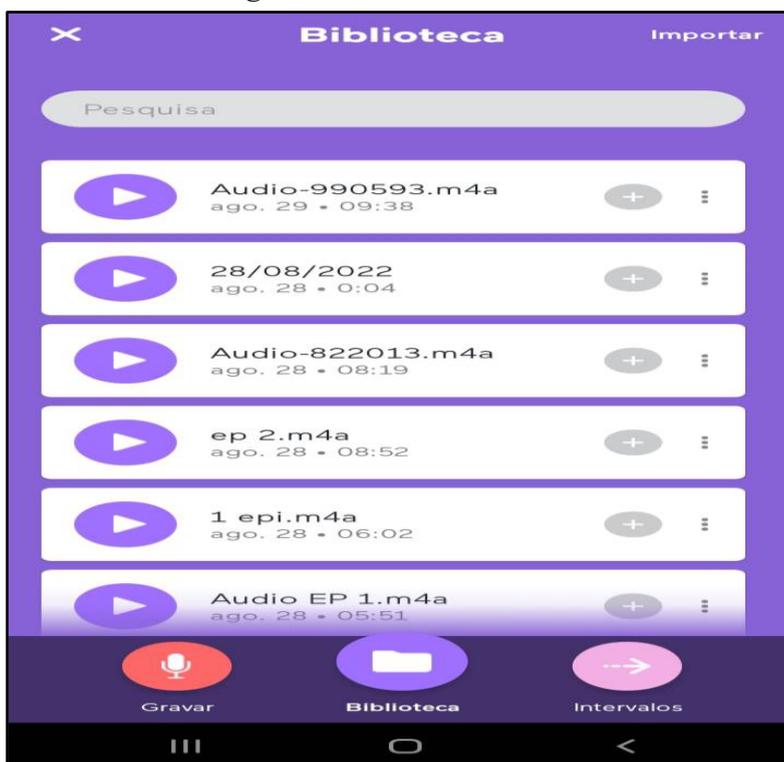


Fonte: autora

O aplicativo é bastante sugestivo e explicativo. Para começar a gravar é só clicar em gravar, no microfone destacado com vermelho. Do lado esquerdo, na opção *Música* é possível

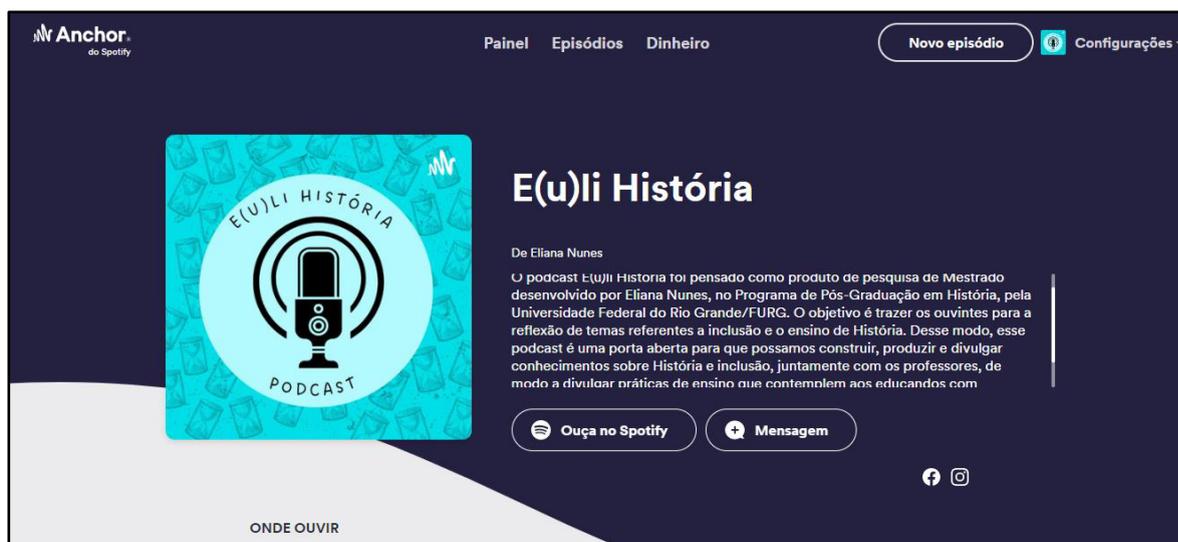
escolher uma música do Spotify para incorporar ao programa do Anchor. Do lado direito em *Biblioteca*, é possível escolher os áudios gravados pelo aplicativo e também tem a opção *Importar* (lado direito superior) áudios do celular para o aplicativo. A seguir podemos ver a Biblioteca, na figura 7.

Figura 7: Biblioteca no Anchor



Fonte: autora

Primeiramente os episódios foram gravados pelo gravador de voz do celular da pesquisadora, sendo esse o modelo a12 da Samsung. Depois dos episódios gravados, foram importados para a Biblioteca do aplicativo Anchor e depois publicados no perfil do aplicativo. O Anchor também foi utilizado para criação da “entrada” do *podcast*, com o nome do episódio. Depois da criação do áudio descrevendo o início do episódio com uma música de fundo, como por exemplo “Primeiro episódio: apresentação”, o mesmo foi baixado no celular e com o aplicativo Audio Joiner. O aplicativo Audio Joiner foi baixado pela Play Store e possibilitou junção do áudio desenvolvido no aplicativo Anchor e do áudio desenvolvido pelo gravador de voz do celular.

FIGURA 8: Perfil no Anchor do *podcast* E(u)li História

Fonte: autora

O perfil do aplicativo Anchor – demonstrado na figura 8 – foi fundamental como porta para a divulgação do produto final desta pesquisa. Através do aplicativo, que além de oferecer ferramentas para a elaboração de um *podcast*, também possibilita a oportunidade de divulgar através de outros aplicativos, como Spotify, com o objetivo de oferecer diferentes acessos para os ouvintes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa foi responder aos objetivos listados, como verificar se existe o uso de *podcast*, assim como o uso de TICs nas aulas de História. Ocorreu uma pesquisa bibliográfica a respeito de assuntos e conceitos a respeito da educação especial, inclusão escolar de estudantes com deficiência visual, disciplina de História e *podcast*.

Foi constatado que a educação especial no Brasil começou a dar os primeiros passos na era do império. Ao longo dos anos ela foi passando por diversas fases, especialmente envolvendo questões assistenciais e médicas, ao invés da educativa. Dentre as leis que dão respaldo às diversas questões das pessoas com deficiência estão a Constituição Federal de 1988, passando pela Convenção de Guatemala, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, Declaração de Salamanca, chegando até a Lei Brasileira de Inclusão de 2016.

Ao idealizar o uso do *podcast* para a disciplina de História, objetivou-se contemplar especificamente as pessoas com deficiência visual, podendo sua utilidade atingir a todos os educandos, em especial aos que possuem um ritmo de aprendizagem mais lento e os estudantes trabalhadores, ao passo de sua disponibilidade acessível, em que o mesmo pode ser ouvido quantas vezes precisar, por exemplo.

A aplicação do produto teve como propósito oportunizar informações para os professores de História que atuam nos mais diversos espaços educativos. O intuito é que os docentes possam compreender como está progredindo a inclusão, nesse caso, em uma escola estadual na cidade do Rio Grande/RS. De forma a contribuir para suas reflexões a respeito do fazer docente, da constituição de aula, além de salientar a importância de todos os professores e da coordenação pedagógica no processo de inclusão.

Se percebeu com a entrevista realizada com o professor que a inclusão está acontecendo dentro das escolas na medida em que os professores e integrantes da comunidade escolar conseguem ter acesso a uma infraestrutura que forneça os materiais necessários, assim como através da melhoria de diversos espaços como a sala de vídeo e de informática. Infelizmente os professores ainda sofrem com a sobrecarga de trabalho e baixos salários, fazendo com que os mesmos precisem se adaptar da melhor forma possível para atender aos mais diversos públicos que compõem a comunidade escolar.

Portanto, é necessário que a sociedade lute junto às escolas por melhorias estruturais, contra a sobrecarga de professores, assim como contra os baixos salários. Tantas situações que impactam no desempenho do fazer docente. Os professores acabam se sentindo desvalorizados e sobrecarregados, afetando os educandos e a comunidade escolar em geral.

Além de todas as questões listadas, é possível perceber há um avanço da inclusão nas instituições, tanto as de ensino básico como as de ensino superior. Isso demonstra que as pessoas com deficiência e todos aqueles que se importam com a pauta estão lutando pela sua independência e a conclusão de seus estudos. Hoje em dia procuram se graduar e buscam por empregos e ambientes que prezem pelo respeito, em que possam demonstrar suas habilidades sem sofrer com o capacitismo.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Gílian C.; MENTA, Ezequiel. Podcast: produções de áudio para educação de forma crítica, criativa e cidadã. **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación** www.eptic.com.br, v. IX, n. 1, ene. – abr./2007. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/217>>. Acesso em: 01 jan./2021.

BDTD. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. **Busca:** podcast e ensino de História. Disponível em: <<https://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?lookfor=podcast+e+ensino+de+hist%C3%B3ria&type=AllFields>> Acesso em: 30 maio/2022.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História:** fundamentos e métodos. 2ed. – São Paulo: Cotez, 2008. Disponível em: <<https://ppghistoria.furg.br/images/Selecao/bittencourt-circe-ensino-de-historia-fundamentos-e-metodospdf.pdf>> Acesso em: 09 jan./2021.

BNCC. **Base Nacional Comum Curricular.** Ministério da Educação. 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em: 09 jan./2021.

BRASIL. **Constituição Federal.** 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 01 jun./2021.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm> Acesso em: 01 jun./2021.

BRASIL. **Estatuto da Igualdade Racial.** 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm> Acesso em: 04 nov./2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escolar.** 31 jan 2019. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/censo-escolar-2018-revela-crescimento-de-18-nas-matriculas-em-tempo-integral-no-ensino-medio/21206>. Acesso em: 02 nov./2020.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **LDB.** 9394/1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em: 01 jun./2021.

BRASIL. **Lei nº 9.459.** Altera os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19459.htm>. Acesso em: 27 fev./2022.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação. **PNEE:** Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida/ Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação – Brasília; MEC. SEMESP. 2020.

Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/mec-lanca-documento-sobre-implementacao-da-pnee-1/pnee-2020.pdf>>. Acesso em: 17 jun./2022.

CAPELLINI, Vera. L. M. F.; MENDES, Enicéia G. **História da educação especial: em busca de um espaço na história da educação brasileira**. Bauru: UNESP, 1995.

CAPES. Catálogo de Teses e Dissertações. **Busca:** ensino de História e podcast. Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>> Acesso em: 30 maio/2022.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva: com os pingos nos “is”**. 13ed. Porto Alegre Editora Mediação, 2019.

CINTIJO, Cynthia Rúbia Braga; MENDES-SILVA, Ivone Maria; VIGGIANO, Adalci Righi; PAIXÃO, Edmilson Leite; TOMASI, Antônio de Pádua Nunes. **CIBERESPAÇO: QUE TERRITÓRIO É ESSE?** 2007. Disponível em: <<https://periodicos.cefetmg.br/index.php/revista-et/article/view/114>> Acesso em: 03 jan./2021.

CHAVES, Ana Paula Nunes. **Ensino de Geografia e a cegueira: diagnóstico da inclusão escolar na Grande Florianópolis**. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/93465/280582.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 31 maio/2021.

CRUZ, Sónia Catarina. **O podcast no ensino básico**. In: CARVALHO, A. A. (Org.). Actas do Encontro sobre *Podcasts*. Braga: CIED, p. 65-80, 2009. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9991/1/Cruz-2009-Enc%20sobre%20Podcasts.pdf>>. Acesso em: 13 jan./2021.

DIEGUES, V.; COUTINHO, C. P. Webrádio educativa: produção e utilização de podcasts em experiências educacionais. **Prisma.com (Portugual)**, n. 13, p. 125-147, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/64429>> Acesso em: 15 jan./2021.

DIUANA, Andreza Lobato; FILHO, Adilson Vaz Cabral. **O podcasting e a produção de Áudio no Ciberespaço**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – São Paulo – 07 a 10 de maio de 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2008/resumos/R9-0232-1.pdf>> Acesso em: 12 jan./2021.

EDUCA + BRASIL. **Cresce o número de matrículas dos estudantes com necessidades especiais**. 08 de fev 2019. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/cresce-o-numero-de-matriculas-dos-estudantes-com-necessidades-especiais>> Acesso em: 02 nov./2020.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. **Ensino de História e a incorporação das novas tecnologias da informação e da comunicação: uma reflexão**. In: Revista de História Regional. N.4 (2), p. 139-157. 1999.

FREIRE, Eugênio P. A. **Podcast na educação brasileira: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da educação**. Tese - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal. 338 p. 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/14448/1/PodcastEduca%C3%A7%C3>>

%A3oBrasileira_Freire_2013.pdf> Acesso em: 09 jan./2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** – São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <<https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/9.-Pedagogia-da-Autonomia.pdf>> Acesso em: 11 set./2021.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Letramento Informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem** – Brasília: Faculdade de Ciência da Informação / Universidade de Brasília, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/13025>> Acesso em: 09 jan./2021.

GASQUE, Kelly C. G. D., AZEVEDO, Izabel C. Michelin. **Contribuições dos letramentos digital e informacional na sociedade contemporânea.** TransInformação, Campinas, 29(2):163-173, maio/ago., 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010337862017000200163&lang=pt>. Acesso em: 27 dez./ 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais.** Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995.

IACONO, Jane Peruzo; SILVA, Luiza Alves. **Reflexões sobre a Política de formação de professores para a educação especial/ educação inclusiva.** In: A pessoa com deficiência na sociedade contemporânea: problematizando o debate. EDUNIOESTE: Cascavel, 2014, p. 53 – 71. Disponível em: <https://www.unioeste.br/portal/arquivos/proex/pee/A_pessoa_com_deficiencia_problematizando_o_debate_2_educacao.pdf>. Acesso em: 02 fev./ 2021.

IBGE. **Pessoas com deficiência.** Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20551-pessoas-com-deficiencia.html>> Acesso em: 29 out./ 2020.

IBGE EDUCA. **Uso de Internet, televisão e celular no Brasil.** Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>>. Acesso em 14 jan./ 2021.

IBC. **Instituto Benjamin Constant.** Publicado em 11 dezembro de 2020. Disponível em: <<http://www.ibr.gov.br/o-ibr>>. Acesso em: 22 maio/ 2021.

JANNUZZI, Gilberta. Algumas concepções de educação do deficiente. **Revista Brasileira de Ciências no Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 9-25, maio 2004. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/235>>. Acesso em: 06 maio/ 2021.

JAQUES, Felipe Estevam. **Podcast e o ensino de História: análise de duas propostas realizadas no ProfHistória e apresentação de uma nova perspectiva.** UNESPAR: Campo Mourão. XIII Encontro Estadual de História. História e mídias: narrativas em disputa. 15 a 18 de setembro de 2020. Disponível em:<https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pee-eeh2020/1595859849_ARQUIVO_cdbe441592b8db996f0b2a0f022f651a.pdf>. Acesso em: 13 jan./ 2021.

LEVY, Pierre. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. – São Paulo: Ed. 34, 1999.

264 p. Disponível em: <<https://mundonativodigital.files.wordpress.com/2016/03/cibercultura-pierre-levy.pdf>>. Acesso em 09 jan./ 2021.

LIMA, Douglas Mota Xavier de; PIKANÇO, Rosiângela Campos. **Podcasts para uso no ensino superior de História**. In: BUENO, A; NETO, J. M. (Org.). *Ensino de História: Mídias e tecnologias*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UERJ, 2020. P. 10 – 16.

LIMA, M. **As diferentes concepções de ensino e aprendizagem no ensino de História**. *Fronteiras*, 11(20), 43–57. 2009. Recuperado de <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/623>>. Acesso em: 24 fev./ 2022.

LIMA, Maria Conceição Alves de. **Ciberespaço, Cibercultura, Ciberescola: Revisitando Pierre Lévy**. ARTEFACTUM – REVISTA DE ESTUDOS EM LINGUAGEM E TECNOLOGIA ANO II – N° 3 – JULHO 2009. Disponível em: <<http://www.artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/39/159#>>. Acesso em: 20 dez./ 2020.

LIMA, Sílvia Santos. **A lei da inclusão e o empoderamento das pessoas com deficiência**. In: FERNANDES, Ana Paula Cunha dos Santos. *Educação especial: cidadania, memória, história*. – Belém: EDUEPA, p. 52- 66, 2017.

MATTOS, Ilmar R. **Mas não somente assim; leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História**. *Revista Tempo*. Departamento de História da UFF. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 5-16, jul. 2006.

MAZZOTTA, Marcos J. S. **Educação Especial no Brasil. História e políticas públicas**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MEC/SEESP. **Política Nacional de Educação especial**. Brasília, 1994. Disponível em: <<https://inclusaoja.files.wordpress.com/2019/09/polc3adtica-nacional-de-educacao-especial-1994.pdf>>. Acesso em: 02 jun./ 2021.

MEC/SEESP. **Política Nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília. Janeiro de 2008. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>>. Acesso em: 31 maio/ 2021.

MENDES, A. **TIC – Muita gente está comentando, mas você sabe o que é?** Portal iMaster, mar. 2008. Disponível em: <<https://imasters.com.br/devsecops/tic-muita-gente-esta-comentando-mas-voce-sabe-o-que-e>>. Acesso em: 17 jun./ 2022.

METACAST. Disponível em: <<https://podmetacast.wordpress.com/>>. Acesso em: 01 maio/ 2021.

MINAYO, M.C.S; GOMÉZ, Carlos Minayo. **Difíceis e possíveis relações entre métodos quantitativos e qualitativos nos estudos de problemas de saúde**. In: GOLDENBERG, P.; MARGSIGLIA, R.G.; GOMES, M.H.A (orgs.). *O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.p. 117- 142.

MORAN, José Manuel. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n.12, p.13-21, maio/ago. 2004. Disponível em:

<<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/6938>>. Acesso em: 01 maio/ 2021.

MOURA, A.; CARVALHO, A. A. A. Podcast: potencialidades na educação. **Prisma.com (Portugual)**, n. 3, p. 88-110, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/69641>>. Acesso em: 08 set. 2022.

NASCIMENTO, Giovana Oliveira do. **O podcast como metodologia para o ensino de Geografia**: caminhos para o estudo contemporâneo, do ciberespaço e da cibercultura. Mestrado Profissional em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 105 p. 2021.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Educação especial, direitos humanos e cidadania. In: FERNANDES, Ana Paula Cunha dos Santos. **Educação especial**: cidadania, memória, história. – Belém: EDUEPA, p. 37-51. 2017.

PAVANATI, Iandra; SOUZA, Richard Perassi Luiz de. **História Digital, Ensino de História e Tecnologias de comunicação digital**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300412565_ARQUIVO_HistoriaDigital_Anpuh2011.pdf>. Acesso em: 03 jan./ 2021.

PEREIRA, Nilton M.; MEINERZ, Carla B.; PACIEVITCH, Caroline. **Viver e pensar a docência em História diante das demandas sociais e identitárias do século XXI**. História & Ensino, Londrina, v. 21, n. 2, p. 31-53, jul./dez. 2015. P. 31-53.

PEZZOTTI, Renato. **Spotify cria retrospectiva de 2020 especial para anunciantes**. UOL. Mídia e Marketing. 11/12/2020. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/12/11/spotify-cria-retrospectiva-de-2020-especial-para-anunciantes.htm>>. Acesso em: 29 jan./ 2021.

PILETTI, Nelson. **Sociologia da educação**. 13ed. São Paulo: Ática S. A, 1993.

PRIMO, A. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E-Compós**, v. 9, 26 jun. 2007. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/153>>. Acesso em: 28 jan./ 2021.

RICOY, María Carmen; COUTO, Maria João V. S. Os recursos educativos e a utilização das TIC no Ensino Secundário na Matemática. **Revista Portuguesa de Educação**, 2012, 25 (2), p.241-262. 2012. Universidade de Vigo, Espanha. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/374/37425876011.pdf>>. Acesso em: 08 jan./ 2021.

RS. Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico, R 585r União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação. **Referencial Curricular Gaúcho: Humanas**. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico, 2018. V1. Disponível em: <<https://portal.educacao.rs.gov.br/Portals/1/Files/1529.pdf>>. Acesso em: 13 set./ 2022.

ROESLER, Rafael. **Web 2.0, interações sociais e construção do conhecimento**. VII SIMPED – Simpósio Pedagógico e Pesquisas em Educação – 2012. Disponível em: <<https://www.aedb.br/wp-content/uploads/2015/04/45817495.pdf>>. Acesso em: 28 jan./ 2021.

SAIDELLES, Tiago; MINUZI, Nathalie; BARIN, Cláudia Smaniotto; SANTOS, Leila Maria

Araújo. A utilização do podcast como uma ferramenta inovadora no contexto educacional. **Revista Educacional Interdisciplinar**. v. 7. n. 1. Disponível em: <<https://seer.faccat.br/index.php/redin/article/view/1143>>. Acesso em: 12 jan./ 2021.

SANTOS, Erick J. dos; CASTELETTO, Hugo Santana. **A globalização e seus efeitos na sociedade**. XI EPCC. Encontro Internacional de Produção científica. Diretoria de Pesquisa do Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR. 29-30 outubro de 2019. Disponível em: <<https://rdu.unicesumar.edu.br/xmlui/handle/123456789/3555>>. Acesso em 07 ago./2022.

SANTOS, Jeovan A. dos. O ensino de História para estudantes cegos: o que dizem os professores?. **Anais eletrônicos da IV Semana de História do Pontal/III Encontro de Ensino de História** | ISSN: 2179-5665. Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal | Ituiutaba-MG | 29 de novembro a 02 de dezembro de 2016. Disponível em: <<http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/jeovanalvesdossantos.pdf>>. Acesso em: 02 fev./ 2021.

SANTOS, João Manuel Casquinha M. Narrativas do passado e o poder de comunicação: um relato de experiência sobre a produção de podcasts e a formação do professor de História. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 18, n. 3, p. 127-137, set./dez. 2019. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/48861>>. Acesso em: 25 jan./ 2021.

SANTOS, Vanide Alves Dos et al. **O uso das ferramentas digitais no ensino remoto acadêmico: desafios e oportunidades na perspectiva docente**. Anais VII CONEDU - Edição Online. Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/69166>>. Acesso em: 03 jun./ 2022.

SÁ, Elizabet Dias de; CAMPOS, Izilda Maria de; SILVA, Myriam Beatriz Campolina. **Deficiência Visual** – São Paulo: MEC/SEESP. – (Atendimento educacional especializado). 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae_dv.pdf>. Acesso em: 05 jan./ 2021.

SEESP. **Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos cegos e de alunos com baixa visão**. [2ed.] – Brasília. 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/alunoscegos.pdf>>. Acesso em: 20 maio/ 2021.

SILVA, João Carlos da. **O Ensino de História no Contexto da Legislação Educacional Brasileira**. InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v.20, n.40, p.81-96, jul./dez. 2014.

SOUSA, Arnaldo Prata de. **A tecnologia como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem**. Faccat. 24º Seminário Internacional de Educação, Tecnologia e Sociedade: Ensino Híbrido. 12 a 19 de novembro de 2019. Disponível em: <<https://seer.faccat.br/index.php/redin/article/view/1416>>. Acesso em: 01 maio/ 2021.

SOUZA, Raone Ferreira de. **Usos e possibilidades do podcast no ensino de História**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Instituto de História. 2016. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/174622>>. Acesso em: 25 jan./ 2021.

TAMANINI, Paulo Augusto; SOUZA, Maria do Socorro. As tecnologias digitais no ensino de

história no Brasil: um mapeamento das pesquisas acadêmicas. **Redoc – Revista Docência e Cibercultura**. Rio de Janeiro v. 2, n. 3, pp. 141-158, 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/36814/0>>. Acesso em: 20 dez./ 2020.

TAVARES, Luana Ciciliano. A Educação Histórica e as Mídias digitais construindo o conhecimento histórico em sala de aula. 2015. 109 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e das Informação – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2015.

TEIXEIRA, Marcelo M.; SILVA, Bento Duarte da S. Rádio Web e Podcast: conceitos e aplicações no ciberespaço educativo. **REVISTA DE COMUNICACIÓN, EDUCACIÓN Y TIC**. ACTAS ICONO 14, 2010, n. A4, pp. 253-261. Madrid (Espanha). Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/13649>>. Acesso em: 02 jan./ 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA. **Linhas de Pesquisa**. Rio Grande. [2021]. Disponível em: <<https://poshistoria.furg.br/linhas-de-pesquisa>>. Acesso em: 01 jan./ 2021.

VELOSO, Camila; BALDUINO, Isabela; SANTOS, Júlia; MARQUES, Laura; BARBOSA JÚNIOR, Reginaldo; ROSA, Rosane. Projeto Metacast: **o uso do podcast como ferramenta de ensino-aprendizagem**. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Porto Alegre - RS – 20 a 22/06/2019.

VELLOSO, Ricardo Viana. **O ciberespaço como ágora eletrônica na sociedade contemporânea**. Ci. Inf., Brasília, v. 37, n. 2, p. 103-109, maio/ago. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ci/v37n2/a08v37n2.pdf>>. Acesso em: 03 jan./ 2021.

8 ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS

ANEXO A – Cartilha sobre a Escola José Álvares de Azevedo



Cartilha Informativa sobre a Escola José Álvares de Azevedo

Escola de Educação Especial José Álvares de Azevedo

Fundada em 05/11/1962 - Rotary Club

Rua Major Miguel Pereira nº 70 - Bairro Salgado Filho

Rio Grande - RS CEP: 96201-520 Fone/Fax: (53) 32321777

E-mail: ēja.azevedo@gmail.com

Histórico para Cartilha Informativa - 2019

I. HISTÓRICO DA ESCOLA

A Escola de Educação Especial José Álvares de Azevedo é uma organização não governamental, fundada no dia 05 de novembro de 1962, pelo rotariano Eurico Bianchini. Oferece atendimento gratuito a pessoas com deficiência visual, visando assegurar-lhes o alcance aos direitos de cidadania. Mantêm-se há 56 anos, através de sócios contribuintes, doações e por recursos provenientes de convênios e projetos. Atualmente, a Escola atende aproximadamente 90 alunos, na faixa etária que compreende desde os primeiros meses de vida à terceira idade.

A entidade tem como finalidade discutir e trabalhar com questões educativas, que possibilitem a habilitação ou reabilitação da pessoa com deficiência visual, através do qual são proporcionados aos alunos possibilidades para o desenvolvimento de suas potencialidades afim de que possam interagir para a construção da sua autonomia, superando suas limitações, exercendo plenamente seus direitos de cidadania.

Desta forma a Escola tem sua estrutura institucional organizada através do Centro Educacional e Oficinas, Centro de Reabilitação e AEE (Atendimento Educacional Especializado). O quadro de funcionários conta com uma equipe técnica com um oftalmologista (voluntário), um neurologista também voluntário, uma assistente social (cedida pela Prefeitura), uma médica pediatra e uma psicóloga. Pela 18ª CRE um convênio de cedência de um professor. Atualmente, nosso maior convênio de cedência de professores é com a SMED, que nos cede 90% do quadro da Escola.

* Centro de Reabilitação:

- Estimulação Precoce;
- Orientação e Mobilidade;
- Atividade Física Adaptada; (Esporte Adaptado e Atividade Física)
- Atividade da Vida Autônoma Social;
- Informática.

*Oficinas:

- Projeto Tarde-Legal;
- Projeto Gourmet;
- Corpo em Movimento;
- Artesanato;
- Cerâmica;
- Teatro;
- Roda de Sua História;
- Dança Criativa;
- Projeto DV no Pedal;
- Jogos Teatrais;
- Oficina de Bijuteria;
- Grupo da Acolhida;
- Música;
- Grupo de mães;
- Grupo de mulheres;
- Grupo de homens;

*Centro Educacional / AEE

- Educação Infantil;
- Ensino Fundamental;
- EJA/Simbologia Braille;
- CAP;
- Avaliação Funcional;
- Dinâmica de Adultos;
- Grupo Juvenil;

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PROFESSOR (A)

Escola: _____

Professor (a): _____

Tempo de atuação do (a) Professor (a) nesta escola: _____

Tempo de serviço no magistério: _____

Formação profissional: _____

Ano de conclusão do curso superior: _____

Disciplina (s) ministrada (s): _____

Quantidade de turmas e/ou alunos: _____

Carga horária semanal de trabalho: _____

E-mail: _____

Formação continuada: () sim () não

- Qual tipo? _____

1. Como planejas e avalias as tuas aulas para os estudantes com deficiência visual?
2. Já utilizaste TICs durante o desenvolvimento de atividades? Como foi?
3. Quais as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos com deficiência visual na compreensão da História? Como propões a superação de tais dificuldades?
4. Qual é, na tua opinião, as melhores formas de possibilitar/favorecer o aprendizado dos estudantes com deficiência visual? Por quê?
5. Quais são os principais obstáculos encontrados no cotidiano escolar que dificultam a prática docente, em específico aos educandos com deficiência visual?
6. Já fizeste uso de *podcasts* com os estudantes? Se sim, como foi a experiência? Se não, o que achas da possibilidade?

APÊNDICE B – Termo de consentimento**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Tu estás sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: Ensino de História: o uso do *podcast* para estudantes com deficiência visual.

A pesquisa partiu da angústia da pesquisadora, sendo que para ela é essencial pensar na inclusão, a qual é um processo relativamente recente nas escolas do país. Tal angústia pode surgir nos profissionais que estão há anos trabalhando nos sistemas de ensino, constituindo um desafio aprender sobre os processos da inclusão. Dessa forma, a pesquisa tem como objetivo analisar a presença e o uso de TICs no ensino de História e identificar como ocorre o uso de *podcasts* por professores de História, em especial ao ensino de estudantes com deficiência visual.

O procedimento de coleta de dados será da seguinte forma: serão realizadas entrevistas com os professores de História que atendem estudantes com deficiência visual, independente da rede de ensino. As entrevistas serão realizadas de acordo com a disponibilidade dos participantes. Em seguida as entrevistas serão transcritas e analisadas para a finalização da pesquisa.

Não há nenhum risco associado à pesquisa, os nomes dos participantes e das escolas serão mantidos em sigilo e serão referenciados na pesquisa com identificações fictícias, caso se sintam desconfortáveis. Porém, se existir algum desconforto do participante ao responder às perguntas da entrevista, será considerada a possível desistência do consentimento sem nenhum dano ao entrevistado.

Tu serás esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Tu és livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento.

Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Tu não serás identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo, a não ser que tu permitas. Uma cópia deste consentimento informado estará com a pesquisadora e outra será fornecida a ti.

A participação no estudo não acarretará custos para ti e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

Eu, _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Nome: _____

Assinatura do (a) Participante: _____

Data: ____/____/2022

APÊNDICE C – Carta de apresentação

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Caro (a) Diretor (a),

Vimos por meio desta, solicitar sua autorização para que a estudante **Eliana Duarte Nunes** regularmente matriculada sob o n° xxxxxxx, no Mestrado Profissional em História, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), desenvolva nesta escola atividades referentes ao Trabalho de Conclusão de Mestrado, que está sendo realizado no 4° semestre do Curso, no ano de 2022.

A pesquisa desenvolvida pela pesquisadora Eliana, consiste em analisar a presença e o uso de TICs no ensino de História e identificar como ocorre o uso de *podcasts* por professores de História, em especial ao ensino de estudantes com deficiência visual.

Sendo assim, são previstas as seguintes ações na escola:

- Convidar ao Professor (a) de História para participar da pesquisa, que ocorrerá através de uma entrevista, envolvendo os aspectos acima mencionados.

Considerando o exposto acima, coloco-me à disposição para esclarecimento de dúvidas, bem como de outras questões que a direção desta instituição de ensino entender necessárias (Profª Drª Rita de Cássia Grecco dos Santos – Orientadora, fone: (xx) xxxxxxxxx).

Orientadora Profª Drª Rita de Cássia Grecco dos Santos

APÊNDICE D – Entrevista transcrita

ENTREVISTA COM O PROFESSOR TIAGO

Tempo de gravação: 44 minutos e 28 segundos.

Local: Escola Estadual de Ensino Fundamental 13 de Maio.

Cidade: Rio Grande / Rio Grande do Sul.

Realizada em 12 de agosto de 2022.

Identificação: E – Eliana / T – Tiago.

Escola: Escola Estadual de Ensino Fundamental 13 de Maio.

Professor: Tiago Larrosa Freitas.

E: Quanto tempo de atuação você tem nesta escola?

T: Seis anos. Trabalhei através de uma convocação de 10 horas por seis meses na Escola Estadual de Ensino Fundamental Emílio Mallet, porém acabei ficando somente com a Escola 13 de Maio.

E: Tempo de serviço no magistério?

T: Seis anos.

E: Formação profissional?

T: Graduação em Licenciatura em História pela FURG, Mestrado em Sociologia pela UFPEL, trabalho com música e sou professor de YOGA.

E: Ano de conclusão do curso superior?

T: Entrei em 2006 na Licenciatura em História e me formei no final do ano de 2009.

E: Disciplina (s) ministrada (s)?

T: História e Ensino Religioso.

E: Quantidade de turmas e/ou alunos?

T: Seis turmas de história e duas turmas de ensino religioso. Cada turma tem em média 22/24 alunos.

E: Carga horária semanal de trabalho?

T: 20 horas. 18 horas de história e 2 horas de ensino religioso.

E-mail: _____

E: Faz formação continuada?

T: (X) sim () não

E: Qual tipo?

T: Realizei formação continuada principalmente na época da pandemia, principalmente para se atualizar das ferramentas Google Sala de Aula, porque a gente passou um ano e meio por aí dando aula pelo Google Sala de Aula. Então ao longo da pandemia nesse período de 2020 e 2021 a gente foi tendo essas formações digitais, vamos dizer né, que facilitaram nossa vida na interação com os alunos via *Internet*. Além disso, tem as formações em época pré-recesso, né... Os alunos tem duas semanas de férias, né... De férias de inverno e a gente tem uma e aí nessa outra semana que não tem aula presencial com os alunos a gente faz atividades formativas, palestras, vídeos, algo nesse sentido assim... Dinâmicas, atividades que o pessoal do pedagógico aqui da escola organiza.

E: E o pessoal recebeu bem essas mudanças e tudo mais, como que foi? Em relação aos professores e os estudantes?

T: Essa da parte digital?

E: Aham.

T: Então, houve na prática que mais... A principal barreira foram os alunos em geral... Alunos não terem acesso à *Internet* ou a algum dispositivo móvel como celular, *tablet* ou *notebook*... Porque as vezes as famílias tem dois, três filhos e no horário de aula as vezes a mãe não tá em casa ou tá usando o *tablet* ou o celular pro seu trabalho... E as crianças não tem acesso né, não tem acesso... As vezes não tem nem *Internet* em casa e as vezes não tem o aparelho em si para interagir. Então nas turmas de vinte e poucos, aparecia as vezes duas, três pessoas, uma pessoa, as vezes nenhuma pessoa, nas aulas né... Virtuais. A *online* síncrona que a gente chamava por um tempo ali... Um, dois ou três aparecia na aula síncrona e mais uns três ou quatro faziam as atividades em casa e mandava pela *Internet*. Ou seja, a pessoa não tinha como tá na hora ali, mas tinha como fazer depois de noite, sei lá, pegava o celular do pai ou da mãe, fazia a atividade e entregava pra nós pelo computador, né... Mas não era síncrono ao mesmo tempo. Então acho que a maior dificuldade foi essa... A nossa dificuldade, muitos de nós teve mais dificuldade com a interação com a *internet* né... Principalmente os professores mais antigos ou que não estão muito acostumados, pode ser jovem né... Que não está acostumado com aplicativo e *Internet* teve um pouquinho de dificuldade.

E: Tem muitos professores mais velhos?

T: Não. Acho que já está numa transição aí da maioria ser aí por volta dos 30, 40... Já chegou ao ponto de passar da metade da nova geração assim... Da geração que hoje tem 30 e 40. Porque a geração mais... Que pegou o mundo do mimeógrafo, o mundo analógico tá se aposentando. Então a maioria dos professores que estão aí... Acho que já chegou mais da metade, já meio que cresceu existindo *internet*... *Internet* discada do tempo antigo, mas que é um rompimento grande

né... Uma diferença grande... Porque o jovem hoje tá chegando total dentro da *Internet* e dos aplicativos, dos *tablets* e tudo mais. Aí no tempo da pandemia e do isolamento teve essa dificuldade grande porque os profes é... Até se preparavam pra aula, mas não tinha aluno, tinha um ou dois alunos. Conversava com aquele um, dois alunos... Não tinha muito mais do que uma conversa entre duas, três pessoas. Não chegava a ser uma aula, aula... como a gente fazia antes. Tá, e aí se pergunta o que fazia com esses outros alunos que não apareciam, é... Então aqui na escola o que aconteceu... A maioria desses alunos vinham até a escola, pegavam o material que nós professores tínhamos deixado com a escola. Os alunos pegavam na escola, levavam para casa com papel né... com folhas impressas aqui da escola, traziam para a escola, os profes vinham na escola, pegavam o material para corrigir, traziam para a escola e a escola devolvia pros alunos. Ficou sendo essa troca de conhecimento via papel impresso e com essa certa demorinha... A gente manda para a escola, a escola imprime, as pessoas vêm pegar, levam para casa, fazem, trazem para a escola. Muita gente trazia, muita gente não trazia e aí esquecia de uma matéria... Trazia de uma e não trazia de outra. Aí passava uma semana, aí sim traziam. Nesse sentido assim, foi uma trabalhadeira, principalmente para a direção organizar isso tudo aí né.

E: Sim, imagina organizar as notas depois.

T: A gente fazia relatórios permanentes dos alunos que estavam vindo e dos que não estavam vindo e se os que não estavam vindo porque estavam com problemas... Se tinha sido... Se a escola tinha falado com eles ou não ou se estavam só sumidos né, estavam completamente sumidos da sala de aula... Então a direção ia atrás de cada um dos alunos, a gente conseguiu ir atrás de vários aqui... Praticamente todos ali voltaram... Estavam de alguma forma fazendo o que precisava fazer.

E: Esqueci de perguntar... Posso colocar seu nome na pesquisa ou prefere que eu coloque um nome fictício?

T: Pode colocar meu nome real na pesquisa.

E: Como planeja e avalia as tuas aulas para os estudantes com deficiência visual?

T: Então, aqui no 13 de Maio tem um aluno que é deficiente visual, o (nome do estudante com DV), ele tá no oitavo ano. Ele é um rapaz muito dedicado, muito esperto, atento a muita coisa né... Óbvio até pela dificuldade dele visual... Vai criando estratégias de se virar. Desde o início do ano tá tendo uma monitora né... Uma pessoa para estar com ele permanentemente do início ao fim da aula. E isso é fundamental, temos visto que é fundamental porque a gente consegue planejar uma aula que seja realmente acessível e que não precise necessariamente parar uma

parte da aula para atender ele enquanto os outros não estão sendo assistidos e ao contrário também né... Enquanto tô assistindo os outros ele não fica desassistido porque tem principalmente essa monitora. Com relação ao planejamento, busco sempre quanto mais possível falar, muito mais do que escrever no quadro que é pra ele já interagir junto. Quando preciso escrever no quadro, a monitora narra para ele e ele digita, porque ele tem uma máquina de digitação em Braille... Então ele... O que eu digo ou o que eu coloco no quadro a monitora narra né... Pra ele e ele vai teclando na folhinha ali dele em Braille... Vai né, sair na folha em Braille, depois tá tranquilo para ele poder ler em casa e estudar. Ele recebeu também o livro didático de História em Braille, tanto do sétimo do ano passado quanto a esse ano, no oitavo ele tem o livro em Braille em casa, o que ajuda muito, tenho certeza. Então... Esses dois pontos aí são fundamentais né... A monitora... Tanto a máquina em Braille que é pessoal dele, que ele conseguiu comprar e tal... quanto esses livros didáticos. Não sei exatamente por onde... Por qual via chegou, mas com certeza vias institucionais aí... Foi a professora (nome da prof^a) da sala de recursos que conseguiu a versão em Braille que é uma versão bem extensa né... Os livros didáticos comum... Sei lá, um livro em Braille deve dá uns quatro ou cinco em volume... Cinco vezes mais...

E: Acho que é grande a letra que fica...

T: É grande, pelo volume da bolinha do Braille ali né, pra ler acaba criando volume. Eu sei que para ele tem sido ótimo isso né... As avaliações normalmente tento fazer... Porque ele cognitivamente é super bom, é super bem. Então eu faço... Normalmente eu aplico a mesma prova que eu aplico pros outros coloco pra ele e a monitora faz a tradução ali., né... A leitura pra ele. É... Ele vai respondendo oralmente e a monitora vai anotando ali, né... Escrevendo no papel as respostas dele. Normalmente a monitora faz isso, as vezes a professora da sala de recursos. Mas como o (nome do estudante com DV) é super independente, super esperto, normalmente nem precisa a professora da sala de recursos. A monitora faz e ele vai fazendo e vai super tranquilo nesse sentido. O que que acontece, né? Por mim mesmo, admito que não tenho conseguido fazer um planejamento muito específico assim... Muito detalhado, é... Mais uma adaptação mesmo né... Do conteúdo geral pro (nome do estudante com DV). E com essas sortes vamos dizer assim, né... Dessas qualidades que ele tem, tem o Braille, tem a monitora que é fundamental. Teve um dia que a monitora não pode vir, tava doente e aí eu senti... Foi uma das poucas vezes, acho que foi até a única até... Que dei aula pro (nome do estudante com DV) sem a monitora né... E aí é isso... Algumas coisas fui falando, algumas coisas eu escrevia no quadro e aí eu parava e narrava pra ele no ouvido dele ali e ele digitava. Ajudei ele se

organizar em relação aos papéis né... Porque é... Normalmente a monitora organiza, né... Numa certa ordem que ele se entende ali, que ele saiba mexer nos papéis, dê uma ajudinha nele nisso também. Mas o que eu sinto é o seguinte, caso não tenha monitora meio que corta pela metade a aula, assim... Porque o que eu faço com os outros tenho que fazer com ele. E eu fico pensando na questão da qualidade né, até que ponto tá bem feito isso daí... Pode ser melhor com certeza, né. Quanto mais estrutura, mais capacitação nossa melhor vai ficando.

E: Tu sabes me dizer se ele vai na Escola Especializada?

T: Sim, que eu saiba sim. Pode ser que não esteja agora ultimamente, mas ele passou muitos anos indo na Escola Álvares de Azevedo.

E: Porque eu trabalho num mercado próximo a escola e vejo que várias professoras vão com os estudantes lá no mercado... Eu já visitei algumas vezes a escola e aí me falaram que eles têm várias aulas de autonomia e tudo mais, então eles aprendem a serem independentes desde pequenos... Desde pequenos eles podem frequentar a escola e tudo mais. Então já vão aprendendo desde cedo, tipo, serem independentes, autônomos e tudo mais.

T: Aham... Não, isso aí é ótimo. Ele participa assim da escola. Ele participava até do coral. Teve uma apresentação também da escola aqui. Apresentação essa... Dia das mães se não engano. É... Ele participou com música porque ele toca teclado e canta... Na igreja e acho que na Escola José Álvares de Azevedo também. Então ele foi o xodó da apresentação. Um rapaz cego tocando e cantando... Aí tinha o coral de colegas dele ali acompanhando, mas quem estava puxando mesmo era ele. Então ele também tem esses potenciais né...

E: Como ele (estudante com DV) fazia em relação as aulas síncronas *online*?

T: Não estava participando até por questões de carência econômica mesmo. Por falta de aparelho celular. Depois ele conseguiu um celular e se comunicava, porém não estava conseguindo assistir *online* síncrono ao mesmo tempo. Então na época da pandemia a gente conversava por *WhatsApp* e aí eu passava as questões para ele pelo *WhatsApp*, ele estudava, eu passava vídeos narrados porque tem os vídeos de História que são... Aí claro eu ficava cuidando isso que tivesse uma narração boa, nem precisava ter imagem né... Porque como era pro (nome do estudante com DV) precisava ter um bom conteúdo de áudio. Então eu mandava os vídeos da *Internet*... Eu via os vídeos, mandava umas questões para ele responder, trocava umas ideias com o menino e tal... Aí a gente ficava nesses bate-papos, vai e vem assim... Para eu ver o

quanto ele tava evoluindo né... Porque ele gosta de História, porque é interessante que ele gosta, ele se puxa no assunto, tem facilidade também. Então para mim isso facilita.

E: Eu lembro que em 2019 eu fiz meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) sobre Geografia e os estudantes com deficiência visual. Sabe o Barão de Cerro Largo?

T: Sim, sim.

E: Aí eu fiz entrevista com o professor de lá e eu lembro que o professor me disse que o estudante digitava no computador dele durante a aula.

T: No próprio computador dele?

E: É, acho que ele conseguiu de alguma forma... Do governo e tal. Mas também seria uma chance de desenvolver ele com a tecnologia e tudo mais.

T: Claro, claro, com certeza. E o próprio (nome do estudante com DV), por exemplo, no *WhatsApp*... porque basicamente é tudo muito visual ali. Então ele teve que adaptar porque tem como, a gente que não usa né... A gente tem como mudar ali... Como tudo tem que ser narrado, então cada botãozinho que tu toca o celular te diz o que é aquilo ali. Se tu quer mesmo toca duas vezes, algo assim. E claro, que isso foi fundamental pra ele ali, para interagir pelo celular.

E: Já utilizaste TICs durante o desenvolvimento de atividades? Como foi?

T: Então, a gente fez atividades com vídeo ali na sala de vídeo aqui da escola e tendo esse cuidado de trazer conteúdos que tenha uma boa narração, boa explicação sobre o que tá acontecendo ali... E acho que foi basicamente isso. A sala de informática estava passando por reformas. Temos uma sala de informática com uns 20 computadores, mais ou menos, um para cada aluno, né... Só que ela tá em reforma e não conseguimos usar por enquanto, mas é uma ótima também. Mas claro, fazendo todas as adaptações necessárias.

E: Eu pesquiso sobre o *podcast* no ensino de História e aí a ideia e o objetivo era trazer o *podcast* como uma forma de... Vamos dizer assim, de apoio pedagógico. Uma ideia de como trabalhar com o estudante com deficiência visual.

T: Uma ótima pedida, com certeza. Fundamental esse cuidado com o áudio e com as informações faladas, sonoras, que o deficiente visual tem muito da base são os ouvidos, são os sons né. Digo isso porque minha avó era deficiente visual. Minha avó ao longo dos anos foi perdendo a visão. Eu tenho 35 e desde quando eu tinha 5 anos por aí, minha avó não enxergava

mais nada. Ela ia num médico e outro, botava óculos e nada... Usava colírio, dava mal uma melhoriuzinha e ficava piorando de novo, até ficar totalmente cega. Só que aí cresci me acostumando a ter esses cuidados assim... Cuidado com o degrau, cuidado ao caminhar, cuidado com o fogo, com torneira dentro de casa... Ela super independente também, mas... Então tenho uma certa facilidade de me dar conta das coisas com o (nome do estudante com DV) por causa disso também, dessa convivência familiar.

E: Quais as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos com deficiência visual na compreensão da História? Como propões a superação de tais dificuldades?

T: Então, acho que é a questão das imagens, de captar as imagens sempre na narração, na audiodescrição vai perder alguma coisa, sei lá, a descrição vai tentar te colocar naquele ambiente, mas vai perder. Fico pensando nos mapas também... A História precisa muito de mapas, sempre gostei muito de trabalhar com mapas também. Dá uma noção ótima assim de espaço, de dimensão das coisas. Então, é... Dá pra adaptar os mapas em alto relevo, mas acho que é uma das partes mais complicadinhas assim, e tudo. Mapas podendo dar uma adaptada e imagem... Por exemplo com um nobre francês de quinhentos anos atrás, os detalhes da roupa e do cabelo, é... As vezes dá para trazer muita informação para quem não tem nenhuma deficiência visual, dá pra trazer muita informação através da imagem... A imagem de uma pessoa pobre e uma pessoa da elite... Sei lá... De quinhentos anos atrás que na descrição a descrição vai descrevendo, mas tem seu limite. Mais nesse sentido, mas ainda acho que o maior empecilho é a falta de tempo e estrutura né... Para parar e pensar sobre as alternativas. Porque é muito corrido o dia a dia de um professor. Me lembro quando eu fiz estágio. Fiz estágio somente com uma turma, uma série, né... Então pensava em cada um dos alunos, o que ia fazer e o que não ia fazer. Então quando começa é modelo industrial né... 45 minutos aqui, 45 minutos ali... 45 minutos falando do Egito, aí bateu e já vou falar da revolução francesa e bateu e vou falar da História do Brasil... Daqui a pouco a gente tá falando até do oitavo no sexto e as vezes tem que juntar as turmas, as vezes tem que juntar turmas até de anos diferentes, o que é raro né, mas... Então a correria do dia a dia faz com que tenha menos tempo para pensar coisas diferentes, né. Aqui a sala de recursos tá sempre nos lembrando para fazer essas adaptações. Tem um cadeirante, com dificuldade de motricidade, o (nome do estudante com DV), e outros com dificuldades cognitivas, não sendo físicas. Físicas são eles dois. Tem que tá sendo feita essas adaptações, sempre lembrando. Eu normalmente consigo até fazer, mas nunca é muito fácil.

E: Qual é, na tua opinião, as melhores formas de possibilitar/favorecer o aprendizado dos estudantes com deficiência visual? Por quê?

T: Olha, uma das coisas que a gente tem tentado fazer e inclusive aqui na escola... Colocar eles, tanto o aluno com deficiência e os outros em outras situações que não essa tradicional de quadro, professor, cadeira, caderno, copiar e responder e falar. Colocar em atividades como a gente tem tentado fazer né... Essas atividades com música, com dança, com esportes... tem a bola de futebol com sininho dentro para adaptar. O (nome do estudante com DV) tá sempre jogando caçador com o pessoal ali na educação física. Acho que esses modelos, essas formas de dar aulas, essas formas pedagógicas de trabalhar que não é esse modelo padrão ajuda todo mundo né... Acho que mais ainda esses alunos com alguma dificuldade né... Porque a dificuldade dele é exatamente naquele mundo, nesse mundo escola do jeito que ele é, que a gente conhece, desse mundo padrão, porque se levar para outras áreas... Esses alunos é que vão nos ensinar, ensinar os colegas e até ensinar os adultos. Então é isso, tipo, a dificuldade é muito pela estrutura pelo jeito que é a sala de aula... A estrutura de tudo, de início, meio e fim da escola, né. E na minha opinião isso aí já tá atrasado para todo mundo, não só pros alunos que tem algum tipo de deficiência. Nossa dificuldade não é só com os alunos com deficiência, mas sim com todo o tipo de aluno, que está pilhado cheio de energia nessa idade, cheio de *Internet* e coisas eletrônicas e a gente está recém saindo do giz e indo pro canetão. E aqui tem sala de vídeo e sala de informática, mas tem épocas que tá com problema e agora está passando por umas melhorias estruturais. Então por um tempo determinado a sala de vídeo tava fechada e agora estão para abrir. Então é isso, não é a mil maravilhas, mas tá melhorando. Mas assim, acho que esses momentos de sair da sala de aula, sair daquela dinâmica tradicional de sala de aula são os momentos que eles mais aprendem, porque eles conseguem ensinar também né. Não ficam naquele estigma do cara que é cego, do cara que é cadeirante.

E: E esse lance de capacitismo também né, que tem bastante e tudo mais.

T: Por isso que é ótimo eles interagirem com os outros, para eles verem o quanto ele né... Tem várias outras capacidades e habilidades, mais que eles inclusive. Inclusive o (nome do estudante com DV) é um destaque assim... Na sala... De qualidade, de comportamento, de qualidade de notas, boas notas e um cara consciente. E a turma dele é muito barulhenta, e isso dificulta ele né, dificulta nós dar aula, imagina ele... E a gente trabalha bastante... Já conversamos com os pais de todo mundo da turma dele, não por ele, não por causa dele, mas porque a turma é mais barulhenta mesmo. De conversar, de agitar, de falar... Pra mim não é muito problema, mas com o aluno com deficiência visual o som é fundamental então a gente precisa fazer silêncio.

E: Até para ele conseguir focar no que tu tá falando.

T: Não, com certeza. E nem os que tem olhos bons também não focam por causa da barulheira. Ter os olhos funcionando não faz diferença, porque está uma zoeira do caramba. É uma das turmas mais difíceis, porque aí tem que ficar puxando.

E: Quais são os principais obstáculos encontrados no cotidiano escolar que dificultam a prática docente, em específico aos educandos com deficiência visual?

T: Sem querer acabei falando isso agora. Compartilhei isso do barulho, daquela turma em específico, é questão de sorte né, qual turma que tu vai cair. É... Acho que um pouco de dificuldades estruturais de ter mais acesso a mais tecnologias de informática em geral né, que vai conseguir trazer mais sons com mais qualidade... Eu acho que é mais isso mesmo. Pontuar que aqui na escola os alunos são super queridos com ele, sempre foram muito atenciosos assim. Nunca vi nada de preconceito, nem algo que diminuísse ele. Com os outros também né, com o menino cadeirante... O menino cadeirante tem faltado muito porque tá com problema na cadeira de roda então também é uma limitação dele ali pra vir ne. O (nome do estudante com DV) tem conseguido um familiar pra trazer e a escola tem mantido a monitoria, que é fundamental também.

E: Não sabia que tinha monitoria pelo Estado, pensei que fosse só pelo município.

T: Que eu saiba o Estado só dá... O município dá com mais facilidade os monitores né... Mas o Estado só quem tem problema de mobilidade física, tipo assim, monitor é pra ajudar a pessoa a levantar, ir no banheiro e comer, qualquer outra coisa... Se a pessoa consegue fazer sozinha já não tem monitor. Basicamente tem monitor pro (nome do estudante com DV) e pro menino cadeirante. Claro, tem outras diferentes pessoas, com diferentes necessidades que acabam não tendo monitoria e a gente vai lidando do jeito que dá né. As vezes autismo, as vezes é deficiência intelectual.

E: Em 2018/2019 fui monitora numa escola lá no Parque Marinha. E aí eu era monitora de cinco estudantes. Aí eu ficava atendendo um, depois o outro. Mas era bem legal.

T: Aqui a gente vê, é interessante...

E: Mas eu acho que sobrecarrega né...

T: É... sobrecarrega, não faz o trabalho como deveria, tu fica frustrado porque queria fazer isso e aquilo e não consegue. Os próprios alunos ficam frustrados né, que estão esperando algo

diferente e a ali nem sempre a gente consegue fazer algo diferente. Fora as questões estruturais que não cheguei a falar... De salário, um monte de outras coisas nesse tipo que vão... A gente vem perdendo direitos a cada minuto, nesses últimos seis anos... Nesses últimos seis anos que eu tô na escola, são seis anos só de piora em relação a salário, benefícios, né... Valores tudo muito baixo, enfim...

E: Eu tenho uma conhecida que trabalha no Estado e ela tirava o salário dela antecipadamente, só que tipo, ela pagava juros pro banco.

T: Exato. É... O governo atrasava o salário e dava a opção de pegar no banco no dia certo. Só que a gente tinha que pagar juros. Tinha época que os juros eram maiores, depois era menor. Foi uns cinco anos disso então tinha tanta história.

E: E era tudo parcelado.

T: No início atrasava o pagamento inteiro. Depois eles começavam a parcelar... Davam 200 pila num dia, depois 100 no outro dia... As vezes era 20 reais no fim da tarde e depois mais 50 reais... Uma completa bagunça.

E: Mas agora melhorou?

T: Melhorou. Faz uns dois anos aí que ao longo da pandemia acertou assim... Sempre no último dia do mês... No último dia útil do mês. Então faz uns dois anos... Um ano e meio por aí que deu uma melhorada. Nisso, pelo menos né.

E: Agora vamos para a última pergunta... Já fizeste uso de *podcasts* com os estudantes? Se sim, como foi a experiência? Se não, o que achas da possibilidade?

T: Não, *podcast* especificamente não... Como te falei, eu fiz vídeo pro menino cego, só que era vídeo eu cuidando bem o áudio né... Não é um *podcast*, mas tá perto. E acho que vai ser uma ótima ideia porque ai o *podcast* serve pra todo mundo, serve para todos os alunos. Então não fica tendo uma diferenciação do (nome do estudante com DV), né... Nem pra ele, nem pros outros. Vai tá todo mundo com o mesmo conteúdo. Bom que a gurizada já aprende a prestar atenção no áudio das coisas. Que demonstra dispersão nessa idade, nessa época do mundo. Que até os adultos... Muita ansiedade, muita coisa, muita dispersão. E os jovens mais ainda. Então o *podcast* é uma boa pra chamar atenção pro som né... Pro áudio. Porque quando é audiovisual é mais fácil de chamar atenção deles porque visual chama a atenção com certeza, é certo. Só que é interessante o áudio chama a atenção pra isso, de lembrar que existem outras formas de

conhecimentos, outros meios de comunicação, tipo o rádio ou outros que são por som, apenas, sem vídeo. Acho uma boa, vou até buscar.

E: Tipo, o *podcast* não é que nem o rádio. O rádio é na hora, não consegue gravar, por exemplo. Aí tu grava e disponibiliza em vários lugares...

T: Sim, claro que sim. E ainda mais nessa época tem muito material bom em *podcast*, porque o pessoal faz o material e vira *podcast* facilmente hoje em dia né... Então deve ter muita coisa boa, de qualidade pra trazer.

E: Depois que tu me conseguir teu *e-mail* vou te mandar uns *podcasts* pra você dar uma olhada no site deles e tal.

T: Sim, sim. Que aí eu já coloco pra eles aqui.

E: Gostaria de falar mais alguma coisa?...

T: Não... Dar essa pontuada da necessidade de formação dos professores, né... Porque acaba dependendo muito da boa vontade dos profes... Claro, a gente sabe que é uma questão legal e tá dentro da lei. É... Porque a gente consegue ir mais longe muito pela boa vontade, pelo esforço também da professora da sala de recursos. A direção da escola é muito sensível a isso... A diretora, o pessoal é todo mundo sensível. Então estão sempre nos lembrando pra cuidar, pra adaptar... Mas assim, é... Eu vejo que é muito por nós assim... Porque se fosse outra escola, as vezes outra direção, outras circunstâncias, era possível que ele ficasse meio desamparado assim... E claro, de novo, não é por culpa da má vontade das pessoas, mas também por falta de estrutura, como a gente mesmo né... Que não tivemos uma formação específica para trabalhar no meio de pessoas cegas, ou pessoas surdas, ou pessoas cadeirantes, ou pessoas com qualquer tipo de deficiência. Pra tu ter noção, eu me formei em 2009, então ao longo da minha graduação eu não tive a formação pra trabalhar a história da África, da história indígena, da história afro-brasileira. Porque entrou na lei, tá nos livros didáticos das crianças e eu sou professor e não tive essa aula na faculdade.

E: Acho que essa lei foi em 2010, não?

T: Acho que foi em 2008, 2009, os cursos começaram a ter isso no currículo. E interessante que entrou esse material no currículo, né... Essas áreas da África, afro-brasileira e indígena, só que é aquela história da formação né... A maioria dos professores que estão aí não tiveram isso na

faculdade, ou aprendem por conta ou aprendem no livro didático ou vai deixando de lado aquela matéria também, continua não aparecendo essa matéria no dia a dia da criança.

E: Chegou a ter Libras?

T: Não tive. Libras também foi outra coisa que iniciou e eu meio que tava pro final assim, do curso. Então foi obrigado pros cursos que estavam iniciando em 2008 por aí.

E: E eu mesma que formei agora em 2019 não tive uma aula sobre inclusão... De como a gente atende esses estudantes. A gente aprende na marra, ali no dia a dia mesmo.

T: É, no fim acho que isso é uma questão ainda que é um buraco... Algo a se ver, a gente acaba aprendendo na prática... Aí algumas pessoas tem mais dedicação, mais afeição até né. E outras menos né, porque as pessoas... Cada um é cada um. Por isso precisa padronizar com uma formação geral né. A gente vai fazendo essa formação de coisas da inclusão misturadas com todos os outros assuntos escolares, pedagógicos aí da escola. Mas algo direcionado assim a escola tenta trazer, né, tem trazido e tal. Mas é isso, o que falta mesmo é do governo do Estado, da Décima Oitava um momento pra esse tipo de formação, ali. Não adianta fazer uma formação extra e as pessoas estão aí, a maioria trabalha vinte, mas tem colegas que trabalham 40 e até 60 horas. Então as pessoas começam... Sei lá, acordam 6/ 7 da manhã e vão parar as 11 da noite e aí eles disponibilizam um link pra tu ver um vídeo, mas isso é pouco né. E outra, esse tipo de formação a gente tem direito dentro das nossas horas de trabalho. A gente não tá fazendo um curso que a gente quer, que a gente escolheu. Não, é uma obrigação do trabalho, então a gente era pra tá fazendo isso dentro do nosso horário. Mas tomara ter horário pra dar aula ali no dia a dia... Isso é um grande problema dos professores que a gente tem muito... Que a gente tem que gastar praticamente todas as horas da sala de aula, falta aula, falta tempo pra corrigir, planejar, pra planejar os incluídos, os não incluídos. Então o trabalho é extra sempre. Ainda mais com essa formação por conta, complica mais ainda... Acho que é por aí.